



Universidade Federal do Pará  
Campus Universitário de Marabá  
Colegiado de Ciências Sociais

Kecieni Nunes da Silva

**“CADA LUGAR AQUI EU SINTO QUE TEM MINHA CONTRIBUIÇÃO” –  
GÊNERO E SUBJETIVIDADES NA LUTA PELA TERRA NO SUDESTE DO PARÁ  
(Assentamento Palmares II/ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)**

Marabá – PA  
2007

Kecieni Nunes da Silva

**“CADA LUGAR AQUI EU SINTO QUE TEM MINHA CONTRIBUIÇÃO” –  
GÊNERO E SUBJETIVIDADES NA LUTA PELA TERRA NO SUDESTE DO PARÁ  
(Assentamento Palmares II/ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ciências Sociais, Campus Universitário de Marabá, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

**Área de concentração:** Antropologia

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> M. Sc. Joseline Simone Barreto Trindade

Marabá – PA  
2007

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
Biblioteca Josineide Tavares – Campus de Marabá

---

Silva, Keciêni Nunes da.

“Cada lugar aqui eu sinto que tem minha contribuição” – gênero e subjetividades na luta pela terra no sudeste do Pará: assentamento Palmares II / Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra / Keciêni Nunes da Silva; orientador. Joseline Simone Barreto Trindade – 2007  
87f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Colegiado de Ciências Sociais, Marabá, 2007.

1. Gênero. 2. Subjetividades. 3. Trabalhadores(as) rurais - Pará. 4. famílias rurais - Pará. 5. Posse da terra. 6. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. I. Trindade, Joseline Simone Barreto. II. Título.

CDD – 22. ed. 305.309815

---

Kecieni Nunes da Silva

**“CADA LUGAR AQUI EU SINTO QUE TEM MINHA CONTRIBUIÇÃO” –  
GÊNERO E SUBJETIVIDADES NA LUTA PELA TERRA NO SUDESTE DO PARÁ  
(Assentamento Palmares II/ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ciências Sociais, Campus Universitário de Marabá, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

**Área de concentração:** Antropologia

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> M. Sc. Joseline Simone Barreto Trindade

Data de aprovação: Marabá – PA, 15 de maio de 2007.

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> M. Sc. Joseline Simone Barreto Trindade – UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> M. Sc. Gisela Macambira Villacorta - UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> M. Sc. Ailce Margarida Negreiros (LASAT/UFPA)

Aos meus pais Maria e Lenir,  
pela graça de fazer da vida  
Risos...  
Lágrimas....  
Pela leveza das brincadeiras  
e o peso dos desafios.

## AGRADECIMENTOS

Pra ser sincera, não sei como agradecer! Resisto, sei que agradecer as tantas gentes presentes nos caminhos percorridos, é expor também minhas subjetividades, e isso é complicado, mas..., vamos lá, é preciso coragem!

Nessa caminhada foi preciso coragem pra deixar o aconchego da minha família, em Goianésia do Pará, e vir morar em Marabá. Aprendi a sentir saudades de pessoas essenciais na minha vida: meus pais Maria e Lenir, pelo cuidado e por terem me apresentado o “mundo”. Meus irmãos, i) Keuton e Kelcia, pelas brincadeiras “lá na roça”. Dele sinto a falta de ouvir seus planos, dela a inquietude com a vida, sua “sensibilidade insensível”. ii) os pequenos Kelvis e Kelvia, que me ensinaram que a “vida é bela”, como cantarolavam em suas brincadeiras juntamente com meus sobrinhos Aline e Kauã, que chegaram para alegrar ainda mais nossas vidas. Também lá está meu amor - Antonio, companhia de todos os momentos, sua atenção, carinho e incentivo, são fundamentais nesta caminhada. Com todos aprendi que espaços e tempos, são muito relativos, às vezes maiores, outras bem menores.

Morando em Marabá, outras pessoas fizeram os dias mais tranquilos. Agradeço a Bárbara e Cláudio, pela companhia nos primeiros anos aqui. A amiga Marinete, pelos inúmeros dias e noites dividindo alegrias, tristezas, sonhos, e principalmente pela companhia durante a pesquisa de campo em Palmares. A Cris, pela companhia nestes últimos anos, pelo respeito as nossas diferenças, e as longas conversas ainda que raras. Sonhadoras que fomos pra aceitar o desafio de estar aqui.

Na universidade, a turma de Ciência Sociais 2001, pelas tantas diferenças. Desde a galera “revoltada”, a “burguesia” os “sem rumos” e o “povão”, que aos poucos fomos além dessas categorias, não nos uniformizamos e circulamos, brigamos pelo curso, o transformamos, reivindicamos qualidade e exigimos da universidade compromisso. Nossos embates foram fundamentais para a consolidação desse curso. Valeu os cinco anos!

A amiga Joziane, “Jô”, com seu jeito assim, indefinível, pelas discussões sobre a temática do gênero, mas antes de tudo, a sua amizade, da qual sinto muito orgulho!

Ao amigo Eric de Belém, por sua presença sempre tranquila e acolhedora, pela amizade especial que nem sei como aconteceu. Pela companhia nos atropelos das participações nos movimentos dos estudantes na Universidade, na construção do curso de Ciências Sociais. Nossas infinitas reivindicações elas foram importantes para que hoje eu

possa estar nessa etapa. Se hoje temos um curso de Ciências Sociais isso se deve aos nossos sonhos.

A professora Luiza Mastop-Lima, pelas primeiras aulas de Antropologia, fundamentais para minha escolha na ênfase de Antropologia.

Ao professor Luis Júnior, pelas primeiras orientações, e indicações bibliográficas, e as nossas longas conversas de subjetividades.

A professora Ailce Margarida por sua leitura e observações no projeto desta pesquisa, no âmbito da disciplina Tópicos Temáticos em Antropologia.

A professora Gisela Macambira pela preciosa orientação nos caminhos da pesquisa etnográfica, estas foram essenciais.

A professora Joseline Trindade, pela orientação no segundo ato desta pesquisa: a escrita: suas discussões e dedicação foram necessárias á construção deste texto.

A Universidade Federal do Pará, pelo apoio financeiro a esta pesquisa, através do Programa Integrado de Apoio a Pesquisa Ensino e Extensão.

Uma gratidão especial a todas as pessoas que durante a realização da pesquisa de campo, interromperam seus afazeres diários, e me apresentaram um “mundo” que é o Assentamento Palmares II. Em especial a Elizabeth e Sirlene lideranças do MST que nos acolheram no assentamento.

Ao Marcel, pelo companheirismo e pela torcida, na reta final deste trabalho.

Enfim a todas as pessoas que encontrei nos caminhos.

Valeu a pena!!!!

Vamos andar com todas as bandeiras trançadas  
de maneira que não haja solidão....  
Vamos andar para chegar à vida.

Silvio Rodriguez



## SUMÁRIO

<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>08</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO: .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO I: AS TRILHAS DA PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
1.1..Memorial do PRONERA: Um resgate.....	22
1.2. A Vila Palmares II e o Trabalho de Campo.....	23
1.2. As entrevistas.....	27
<b>CAPITULO II: MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO: A LUTA PELA TERRA.....</b>	<b>33</b>
2.1 A Questão Agrária no Brasil: um esboço.....	33
2.1.1. A Ocupação da Amazônia: o caso do Sudeste Pará.....	36
2.1.1.1. Os Movimentos Sociais e as Políticas de Reforma Agrária na Região Sudeste do Pará.....	41
2.2. “Seja Bem Vindo a Palmares” .....	43
2.2.1. Falando do Acampamento: “No tempo de acampamento”.....	45
2.2.2. Assentamento Palmares II: “Cada lugar aqui eu sinto que tem minha contribuição”.....	50
2.2.3. Organização e Produção no Assentamento.....	52
2.2.4. A Educação no Assentamento Palmares II: “A escola ‘Crescendo na Prática’ é uma entre tantas outras [conquista] do Assentamento Palmares” .....	55
2.2.5. Os Espaços de Lazer “... Depois da escola a gente sai vai tomar um sorvete, ai é mais movimentada”.....	57
<b>CAPITULO III: RECONTANDO HISTÓRIAS: GÊNERO, SUBJETIVIDADES E O MST....</b>	<b>59</b>
3.1. O Começo de Tudo... Ou para Falar da Vida numa Região de Fronteira.....	60
3.2. “Como foi que você chegou aqui no Palmares II?”: As Escolhas e os Desafios nas Histórias da Luta pela Terra dos/as Sem-Terras: .....	67
3.3. O Ingresso no MST: O Tornar-se Militante.....	71
3.3.1 Algumas Histórias.....	71
3.3.2. Algumas Decepções: a volta por cima.....	76
3.4. Projetos de Vida em Construção... “Um novo Homem e uma nova Mulher”.....	80
3.5. Algumas Impressões e Controvérsias.....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>86</b>

## LISTA DE SIGLAS

AAFCFR	Associação dos Agricultores Familiares da Comunidade São Francisco
APROCPAR	Associação de Produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Palmares
BASA	Banco da Amazônia
CAT	Centro Agroambiental do Tocantins
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CEPASP	Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
EFA	Escola Família Agrícola
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
FASE	Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional
FATA	Fundação Agrária do Tocantins Araguaia
FECAP	Federação das Centrais e Uniões de Associações de Pequenos Produtores Rurais do Estado do Pará
FETAGRI	Federação dos Trabalhadores na Agricultura
FETRAF	Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
GTA	Grupo de Trabalho Amazônico
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ITERPA	Instituto de Terras do Estado do Pará
LASAT	Laboratório Sócio-Ambiental do Araguaia Tocantins
MASTER	Movimento dos Agricultores Sem Terra
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEB	Movimento de Educação de Base
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PROCERA	Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária
PRONAF	Programa Nacional para o Fortalecimento da Agricultura Familiar
PGC	Programa Grande Carajás
PROINT	Programa Integrado de Apoio a Pesquisa Ensino e Extensão
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
STR's	Sindicatos dos Trabalhadores Rurais
SPDDH	Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
UFPA	Universidade Federal do Pará
UHET	Usina Hidroelétrica de Tucuruí
ULTAB	União dos Trabalhadores Agrícolas

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma etnografia das experiências que homens e mulheres vivenciaram no processo de ocupação e posse da terra, a partir da pesquisa de campo realizada no Assentamento Palmares II, no município de Parauapebas, sudeste do estado do Pará. Tendo como foco principal as relações desses sujeitos com a luta pela terra e a organização do MST (Movimento dos trabalhadores Sem Terra). Este estudo objetivou também, compreender o processo de construção e organização do assentamento sob um olhar das relações de gênero. A pesquisa evidenciou a complexidade presente no processo de conquista da terra a qual não se encerra em sua ocupação, estando permeado pelas subjetividades vivenciadas por cada sujeito.

**Palavras-chave:** Gênero. Subjetividades. Assentamento. MST

## INTRODUÇÃO

As histórias que passaremos a conhecer são narrativas que expressam a luta pela terra. Histórias que traduzem desejos de dias melhores e a construção de um “novo homem” e “uma nova mulher”. Esses anseios estão no projeto político dos chamados “movimentos sociais do campo”<sup>1</sup>, entre eles, está o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), que tem, em sua história de organização, a mobilização de inúmeros acampamentos, o que posteriormente, deu origem aos assentamentos<sup>2</sup>. Seguindo os rastros dessas histórias, pude conhecer um dos assentamentos mais antigos organizados pelo MST no estado do Pará, e que defini como o lugar para realização desta pesquisa: o Assentamento Palmares II, localizado no município de Parauapebas, sudeste paraense<sup>3</sup>.

Este trabalho teve como objetivo principal realizar uma etnografia das experiências que homens e mulheres vivenciam no processo de ocupação e posse da terra, tendo como foco principal as relações desses sujeitos com a organização do MST. Para isso, procurei enfatizar as diferentes formas de inserção no Movimento, o que me levou a problematização de algumas questões em torno das relações de gênero na história desse assentamento:

Como ocorreu a história de inserção de homens e mulheres na organização do Movimento? No caso das mulheres, quais as razões que a levaram a participar do Movimento? Quais os espaços que as mulheres conquistaram dentro do Movimento?

---

<sup>1</sup> De acordo com Scherer-Warren (1996: 65) existe uma periodização na história do movimento social no campo no Brasil no século XX: “a) Ocorrência de movimentos sociais que se organizaram até o golpe de 64; b) Período de refluxo, durante a repressão militar às manifestações da sociedade civil ocorridas nas décadas de 60 e 70; c) Retomada das manifestações e novas formas de organizações camponesas a partir da 2ª metade da década de 70.” Neste trabalho será abordado um momento específico: a formação do MST que se inclui no terceiro momento apontado pela autora.

<sup>2</sup> Segundo França (2004: 11) “os assentamentos rurais representam um fato novo na história recente da luta pela democratização do acesso a terra no Brasil. Trata-se de um universo formado por mais de cinco mil projetos e mais de 500 mil famílias bastante diversificado e espalhado por todas as regiões do país”. Para Medeiros & Ribeiro (2006: 01) “A luta dos movimentos de trabalhadores rurais por reforma agrária tem sido marcante para a mudança deste cenário. Atualmente, a região norte é a segunda região com o maior número de famílias assentadas em área de reforma agrária do Brasil, são 167.032 famílias, totalizando um total de 842.303 pessoas vivendo em assentamentos regularizados”.

<sup>3</sup> Este assentamento foi organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem – Terra (MST) a partir do ano de 1994, e possui uma área de 15.900 hectares, onde estão assentadas 517 famílias em lotes de 25 hectares. Fica próximo a reserva mineral de ferro Serra dos Carajás, explorada pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), é cortado pela Ferrovia dos Carajás que faz o percurso Serra dos Carajás/PA - Porto de Itaquí/MA. A vila, espaço urbano do assentamento, fica localizada a vinte e dois quilômetros da sede do município de Parauapebas. Estão localizadas nesta área duas vilas a Palmares I e a Palmares II e conseqüentemente, dois projetos de assentamento, oriundos do mesmo processo de acampamento. A formação desde as primeiras ocupações no período de acampamento até a consolidação do Assentamento é objeto de análise do segundo capítulo deste trabalho.

Como a participação no Movimento influenciou em suas concepções de família, relação com cônjuge e na concepção de maternidade? Qual a importância da sua participação na construção como sujeito?

Durante a pesquisa de campo que realizei no âmbito do projeto “Educadoras do Campo: Gênero e Identidades”<sup>4</sup>, ficou evidente que o assentamento constitui um lugar que expressa uma diversidade de relações sociais, envolvendo diferentes gerações e identidades. A exemplo da pesquisa realizada por Marinete Macedo sobre medicina popular, que revelou a existência de especialistas em cura como “raizeiros”, “rezadeiras”, “benzedoras”, mostrando que o assentamento não é um espaço homogêneo, revelando-se extremamente múltiplo. É importante frisar, que assim como existe uma certa invisibilidade com questões ligadas aos especialistas de cura, com as questões de gênero não é diferente, pois só recentemente esta temática vem sendo inserida na agenda do Movimento (CARNEIRO, 1994)<sup>5</sup>. A abordagem das relações de gênero leva a refletir sobre a construção sócio-cultural das nossas relações e o aspecto simbólico que essas assumem dentro de cada espaço. O gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1990) possibilita repensar as noções do ser homem e ser mulher vistas como identidades únicas e históricas e possibilita pensá-los como múltiplos em suas singularidades e inter-relacionados.

Nesse espaço diversificado de relações, busquei compreender o contexto histórico e político que está inserido o Assentamento Palmares II, com intuito de analisar a sua formação e organização a partir das narrativas dos que constroem o projeto de assentamento, numa perspectiva de gênero. Nesse sentido, a memória dessa ocupação foi um elemento importante na pesquisa. O recurso à memória permite trabalhar com uma história contada por quem viveu e vive as experiências da luta pela reforma agrária no Sudeste do Pará, estabelecendo um diálogo com uma história vivida.

---

<sup>4</sup> Projeto de Pesquisa apoiado pelo Programa Integrado de Apoio a Pesquisa Ensino e Extensão – PROINT/UFPA, coordenado pela Professora Gisela Villacorta do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará campus de Marabá (UFPA). As atividades do projeto foram realizadas juntamente com Marinete Silva, Leizamar Araújo e Wellington Sousa, estudantes do curso de Ciências Sociais, configurando um momento de profícuas discussões e crescimento acadêmico e de vida, que ocorreu no período de outubro de 2004 a dezembro de 2005.

<sup>5</sup> Carneiro (1994) descreve que na década de 1980, a participação de mulheres em movimentos sociais no campo toma uma característica singular, é o momento que se realiza encontro atividades voltadas para problemas que lhes são específicos, mas também a inserção nas atividades de organização dos movimentos enquanto lideranças. Mas enquanto pauta e setores específicos dentro da estrutura e das reivindicações as questões referente as relações de gênero são recentes e ainda estão por serem construídas, como veremos ao longo desta pesquisa.

Considerando a discussão de Pollack (1989: 08), a análise da memória possibilita um olhar nos recantos e nos significados dos não ditos, pois as lembranças que a constitui “são zelosamente guardados em estruturas de comunicações informais e passam despercebidas pela sociedade englobante”. Desnudando experiências de construção de novos lugares e de novas relações entre os diversos sujeitos que compõem o cotidiano da luta pela terra.

De acordo com Halbwachs (1990: 66), a memória está apoiada, de um lado, no passado vivido e, de outro, ela se conserva no grupo. Possuindo uma relação com o grupo ao qual o indivíduo pertence, é possível por meio dessa, então, reconstruir as experiências das lutas e conquistas até o presente, uma vez que “não somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora se fixam assim, dentro de sua memória”. As lembranças narradas possibilitam visualizar as diferentes experiências de mulheres e homens neste espaço da luta pela reforma agrária no sudeste paraense.

Para análise dessas questões, o trabalho foi dividido, além dessa introdução e considerações finais, em três capítulos que encadeados pretendem metaforicamente levar o leitor a viajar para o Palmares II e conhecer histórias de lutas, desejos e sonhos. O primeiro capítulo apresenta a pesquisa de campo realizada nos meses de julho, novembro e dezembro de 2005 no qual mostrarei as especificidades vividas por cada entrevistado/a<sup>6</sup> que me permitiram conhecer suas histórias: as lideranças do MST assentadas Simone, 30 anos, Olga, 25 anos e Ernesto, 28 anos; as professoras Márcia, 34 anos e Mariana, 36 anos; os professores Carlos, 22 anos e Pablo, 20 anos; a estudante Anita, 22 anos; Dona Joselina, 58 anos, membro do coletivo de saúde do assentamento; Dona Margarida, 43 anos, Júlio, 48 anos, Francisco, 40 anos. E ao mesmo tempo em que me contavam suas histórias me relataram parte da história da luta pela terra nessa região.

No segundo capítulo analiso a questão agrária da região sudeste do Pará. Entendendo-a enquanto uma região de fronteira e de conflito. Mostrarei como ocorreu o processo de organização do Assentamento Palmares II e como ele está inserido no contexto da luta pela reforma agrária no sudeste do Pará, a partir das diversas imagens narradas sobre as experiências de acampamento e assentamento dos moradores do Assentamento.

---

<sup>6</sup> Metodologicamente decidi usar nomes fictícios para preservar a identidade de mulheres e homens que falaram sobre suas vidas, seus sonhos, suas frustrações, sobre os entendimentos e desentendimentos com os/as companheiros/as nas lutas diárias.

No terceiro capítulo, mostrarei a complexidade presente na luta pela terra que não se encerra em sua ocupação, estando presentes as subjetividades vivenciadas por cada sujeito da pesquisa, mas, sobretudo, na permanência e na construção de um “projeto novo”. As narrativas possibilitam neste capítulo uma reflexão sobre as frestas dessa organização, e sua presença cotidianamente nos projetos e sonhos dos entrevistados, permeando o texto as relações de gênero, já que as histórias contadas demarcam estas diferenças.

## CAPITULO I AS TRILHAS DA PESQUISA

O impacto das Ciências sociais sobre o caráter de nossa vida acabará sendo determinado, no entanto, mais pelo tipo de experiência moral que elas vierem a encarnar do que meramente por seus efeitos técnicos. Os métodos e teorias da ciência social não estão sendo produzidos por computadores, mas por homens e mulheres, e, sobretudo por homens e mulheres que trabalham não em laboratórios, mas no mesmo meio social a que se aplicam os métodos e se transformam as teorias. (GEERTZ, 2001)

Este capítulo surge com a intenção de expor a minha experiência etnográfica. Para isso recorri à reflexão em torno da produção etnográfica, as anotações da pesquisa, ao diário de campo e os desafios metodológicos e teóricos incitados durante a sua realização. Por fim, falarei dos homens e mulheres que recorreram às suas lembranças e me contaram suas histórias de vida, que traduzem o movimento de chegada a um lugar que significa uma conquista coletiva.

O trabalho de campo tem sido objeto de reflexão da Antropologia desde sua consolidação como rito de iniciação e método antropológico que se consolida com Malinowski<sup>7</sup>. Não obstante me recordo que durante as aulas iniciais de antropologia era recorrente a citação deste autor sobre sua experiência no campo e como a descreve:

"Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista" (MALINOWSKI, 1978: 19).

Essa imagem relatada por Malinowski suscita ao iniciante do fazer antropológico, uma espécie de roteiro das histórias a serem vivenciadas no campo. Essas imagens, no entanto não permanecem intactas, pois a experiência com o “outro” permite uma postura reflexiva, ou seja, uma autocrítica de nossas próprias atuações como aprendizes e ser humano. Por conseguinte, isso não se restringe somente a coleta de dados, mas também à reflexão acerca de como realizar a pesquisa de campo, e um contínuo pensar sobre a relação com o outro e nosso papel como pesquisador. A isso combinamos o ato de

---

<sup>7</sup> Bronislaw Malinowski, antropólogo polonês, que deu importantes contribuições ao método etnográfico na Antropologia na década de 1920. Com a publicação de “Argonautas do Pacífico Ocidental”, 1922 tendo como principal objetivo apresentar o Kula - sistema de trocas circular presente entre as populações das Ilhas Trobriand. Neste livro está presente também o relato do trabalho de campo do autor, bem como estabelece algumas orientações na realização da pesquisa antropológica e o método etnográfico



escrever, quando nos isolamos e ficamos com nossas observações etnográficas à luz da teoria antropológica.

Atualmente, as reflexões acerca da prática etnográfica e da construção do texto estão atentas aos seus limites, mas reconhecendo sua eficácia metodológica como instrumento-chave na formação em Antropologia. Entre outros autores, podemos citar Geertz, (1989; 2005); Peirano (1995); Clifford (1998), Oliveira (1996), os quais têm nos aproximado desta reflexão e atualização do método antropológico: a Etnografia.

Inicialmente, quando cheguei ao Assentamento Palmares II, logo me vinha à memória as experiências e os métodos etnográficos de um dos pioneiros da Antropologia, e que iriam me auxiliar, num contexto, de certo, bem diferente daquele descrito em *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Assim, quando veio a ansiedade de conhecer as pessoas e de ser percebida por elas, surgia a dúvida: o que fazer? As leituras de etnografia<sup>8</sup> foram as que me orientaram e auxiliaram na experiência de campo, possibilitando, portanto, conhecer o espaço e estabelecer alguma relação com os/as moradores/as. E, embora considerando que os pesquisados sejam diferentes e vivam experiências diferentes, é na tentativa de participar do cotidiano do local onde se realiza a pesquisa, o início para conhecer e compreender as ações e representações do outro, objetivo maior da pesquisa antropológica.

Geertz (2005), ao refletir sobre a importância da antropologia na modernidade e sua relação com o objeto de estudo, afirma que o objetivo maior desta ciência é o alargamento do discurso humano, ou seja, ele fala da possibilidade de conhecer outras realidades, atento as suas especificidades. Para isso, o antropólogo deve estabelecer um diálogo com o “nativo”, sendo este seu interlocutor, ampliando dessa forma, a comunicação diante das diferenças étnicas, de gênero, religião, classe e linguagem.

Essa discussão é endossada por Peirano (1995), quando afirma que a etnografia tem sua importância na formação do antropólogo e das constituições das diferenças entre as culturas, apontando para suas diversas formas de realização. Para a autora, o ensino da antropologia em cursos introdutórios, mais do que a leitura das monografias clássicas, os estudantes aprendem um *ethos* para poder identificar a racionalidade do outro, o respeito às diferenças, a reconhecer o relativismo das sociedades e das ideologias. A antropologia é uma disciplina interpretativa e microscópica, indicando que questões que surgem no

---

<sup>8</sup> Brenneisen (2004); Malinowski (1978); Mead (1988); Saraiva (2002); Silva. C. (2004); Silva. M. (2004); Geertz (1974).

espaço social micro, estão permeadas daqueles questionamentos que estão a nível macro. Apresentando então seu caráter artesanal na compreensão das relações sociais e “ao contrastar os nossos conceitos com outros conceitos nativos, ela se propõe a formular uma idéia de humanidade construída pelas diferenças”. (*Idem*, 1990: 03)

E, se tratando da importância da pesquisa etnográfica, Peirano (1995: 35) aponta também, que nas Ciências Sociais o vínculo entre a teoria e a pesquisa é constante. Em relação à Antropologia, “a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve (...) no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação da realidade ‘nativa’ com a qual se defronta”. Nesse sentido, demonstra que não há como ensinar a fazer pesquisa de campo, este aprendizado se realiza a partir do espaço acadêmico/intelectual, das escolhas individuais que influenciam a criatividade do estudioso. Uma vez que “a pesquisa depende muito da biografia do pesquisador, das opções teóricas, do contexto sócio-histórico mais amplo e não menos, das imprevisíveis situações que se configuram entre pesquisador e pesquisados no dia-a-dia da pesquisa”.

Essa afirmativa ajuda a entender que nossas escolhas são definidas, muitas vezes, por nossa trajetória de vida. Dessa forma, as escolhas presentes nesta pesquisa foram sugeridas também pelo espaço e pela minha história de vida, de quando participava nos movimentos de juventude da Igreja católica e depois contribuindo junto ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Goianésia do Pará nos anos de 2003 e 2005.

Em minhas reminiscências lembro que minha mãe, meu pai e minha Avó paterna me contavam suas histórias de migração. São as histórias vivenciadas nas matas, até a vinda para as “terras da beira” na PA 150, no tempo em que surgiram grandes projetos como a Usina Hidroelétrica de Tucuruí. Essa migração que também foi motivada pelo processo de loteamento realizado pelo Instituto de Terra do Estado do Pará (ITERPA), na década de 70. Minha família, oriunda do estado de Minas Gerais, veio, inicialmente, para regiões próximas à antiga PA-70, ramal que liga a estrada Belém-Brasília à Marabá (atual BR – 222), depois para a cidade de Jacundá no Pará e depois em direção a Goianésia do Pará, adquirindo lote de terra através do Programa de Colonização do ITERPA.<sup>9</sup> As histórias de meu pai, relembra o pioneirismo de meu avô, e depois com a morte deste, meu pai assumiu a função de ajudar minha avó com a família e na repartição do lote de terra e

---

<sup>9</sup> Esta mobilidade dos meus familiares na década de setenta, pode ser percebida como parte integrante do fluxo de migrantes maranhenses, mineiros e baianos e a ocupação dessa região, registrados por Velho (1972) bem como a presença inicial dos grandes projetos e rodovias apontando mudanças na configuração espacial e social da região.

alguns animais domésticos. Lembro-me das histórias de malária e a vinda para Marabá para tratamentos médicos. Minha mãe sempre lembrava o seu dia-a-dia, o serviço pesado na roça, o cuidado com a casa, com meu pai quando este ficou doente de malária, o isolamento dos pais que ficaram em Jacundá. Tempos depois o seu envolvimento junto à Igreja Católica, que na época tinha uma grande influência da Teologia da libertação.

Minha avó também relata suas agruras para cuidar de tantos filhos, de realizar a mudança quando a casa alagou e enquanto todos se preocupavam em retirar os móveis e os alimentos, ela já se preocupava em adiantar o almoço do outro dia para todos, pois sabia que iria demorar até organizar outro fogão na nova residência, dessa forma ela já fazia o feijão e o café. Estas lembranças emergiam quando, algumas vezes, ouvia nas discussões na Igreja, e eventos políticos, a afirmativa sobre certa “passividade feminina” ou a “falta de interesse” em participar das assembléias, dos encontros, da direção dos movimentos, pensava como essas mulheres se mobilizavam em diversas atividades, e muitas vezes eram desconsideradas nas organizações de luta pela terra. Percebia, ainda, uma diferença nas narrativas de homens e mulheres quanto as suas experiências e conquista do espaço onde residem. Eu ouvia com muita atenção as histórias contadas, e então, ficava juntando cada fragmento pra entender a trajetória da minha família. Talvez, seja esta a idéia deste trabalho: ouvir outras histórias, para falar da luta pela terra. Todos esses acontecimentos que são trazidos pela memória.

[...] o quadro aqui está repleto de reflexões pessoais, de lembranças familiares e a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado (HALBWACHS, 1990: 73).

A organização familiar foi fundamental para trazer à tona questões que tratarei neste trabalho e fomentaram uma série de questionamentos a cerca do tema das relações de gênero. Estas questões me instigavam durante as atividades de pesquisa realizadas no decorrer do curso de Ciências Sociais, assim a elaboração do meu primeiro projeto de pesquisa no âmbito da disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais<sup>10</sup> pretendia analisar a participação das mulheres na Associação dos agricultores Familiares da comunidade São Francisco II e região (AAFCFR) no município de Goianésia do Pará,

---

<sup>10</sup> No decorrer do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará – Campus de Marabá, são ofertadas algumas disciplinas que possibilitam aos discentes elaborarem Projetos de Pesquisa para desenvolverem ao longo do curso e apresentar os resultados através do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

na qual tem sua origem na defesa da consolidação dos agricultores na sua terra, conforme os objetivos apresentados no seu estatuto social<sup>11</sup>. Esse projeto de pesquisa se inseria ainda na temática das experiências de conquista da terra e das dificuldades para sobreviver neste espaço. As primeiras incursões na região do Janari<sup>12</sup> me fizeram notar que os relatos das experiências de luta pela terra poderiam ser informados pelas diferenciações de gênero. Isso demonstra que mulheres e homens relembram de maneiras diferentes, e ao contrário do que eu ouvia sobre a falta de interesse, as mulheres que conheci atuaram e atuam de diferentes formas para consolidação do sonho da posse da terra e da melhoria das condições sociais e econômicas, projeto defendido pela Associação.

Numa tentativa de compreender essas questões, busquei algumas leituras, entre elas os estudos de relações de gênero e a Antropologia. Entendendo que a Antropologia, por meio dos estudos de parentesco, desde os clássicos, tem recorrido as distinções entre os sexos como classificadores das sociedades. Assim, embora homens e mulheres e suas distinções sociais diferenciadas fossem relatadas, nem sempre foram tomadas como fatos de estruturação do parentesco e da organização social, e sim resultado destes. Além de muitas vezes ter se preferido uma análise de modelos expressos pelos homens, supondo que são os que controlam informações em outras culturas, assim como acreditamos também ser na nossa, em que as diferenças de gênero geram uma subordinação feminina. (SUAREZ, 1997).

Contudo, afirma Suarez (1997) que alguns estudos clássicos adotaram desvios e tomaram as diferenças entre homens e mulheres como campo de análise, estabelecendo certa continuidade entre a Antropologia dos anos 30 e os enfoques de gênero na atualidade. O destaque aqui é para: a) Bronislaw Malinowski (1983) e “A Vida Sexual dos Selvagens”, embora com suas limitações conceituais, sexo e gênero ainda se confundiam, toma a sexualidade como objeto de análise, e a define como uma força social e cultural fundamentando relações sociais como o casamento, amor e a família; b) Margareth Mead, (1988) em “Sexo e Temperamento”, concentra sua reflexão sobre a construção social das diferenças sexuais, apontando que não somente na comunidade estudada, mas, na sua

---

<sup>11</sup> Alguns dos objetivos da associação são apresentados nos Incisos II e V do artigo segundo do Estatuto Social da AAFCFR “II - Defender, lutar, zelar e reivindicar os direitos de seus associados perante as instituições públicas e privadas, visando à melhoria e o desenvolvimento da Agricultura familiar em sua área de atuação. V - Trabalhar em estreita parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município em defesa do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, dos direitos e melhorias de vida para os agricultores familiares da área de atuação da associação”.

<sup>12</sup> Distrito do município de Goianésia do Pará onde está localizada a sede da AAFCFR.

cultura, norte-americana, são marcadamente as diferenças entre homens e mulheres e conseqüentemente, a masculinidade e feminilidade estão além da aparência biológica.

Estes trabalhos podem ser considerados precursores dos estudos que problematizaram a construção do gênero e as relações por ela estruturadas. O que demonstra o mito que tenha sido o feminismo que motivou, na antropologia, o estudo sobre as relações entre homens e mulheres (KOFES, 1993). Contudo não podemos negar que o feminismo contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento dos estudos com recortes de gênero nas décadas de 1970/1980.

Cabe aqui mencionar ainda o impacto da obra de Scott (1990: 14) para os estudos de gênero, ao considerá-lo como uma categoria de análise, a definição de gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Nesse sentido, podemos perceber a partir do gênero, a organização concreta, simbólica e subjetiva da vida social e as conexões de poder que as permeiam. A categoria possibilita um alargamento do campo das relações entre mulheres e homens, é um instrumento que permite caminhar por entre as diferenças e compreender as nuances, os “pormenores”, as subjetividades, muitas vezes negadas no entendimento das relações sociais.

As leituras e as experiências antes relatadas foram fundamentais na minha inserção no Projeto “‘Educadoras do Campo’: Gênero e Identidades”. Ao iniciar as atividades como bolsista de iniciação científica, comecei a realizar pesquisa de campo no assentamento Palmares II, com o plano de atividades intitulado “Relações de Gênero e subjetividades no MST: reflexões a partir do cotidiano entre homens e mulheres no assentamento Palmares II (MST)”. Nesse sentido, as reflexões anteriores foram incorporadas neste projeto. Para realizar esta pesquisa propus então, ouvir as histórias de vida dos moradores e o que “significa o MST” na sua trajetória no seu dia-a-dia e nas mudanças que ocorreram ao longo de suas vidas, bem como registrar as inferências do gênero nessas narrativas.

O Projeto “‘Educadoras do Campo’: Gênero e Identidades”<sup>13</sup>, inicialmente, pretendia realizar uma etnografia das ações das “Educadoras do Campo”<sup>14</sup>, nos assentamentos onde elas residem. Além de visualizar a atuação dessas “educadoras do

---

<sup>13</sup> O trabalho de campo levou a coordenação do projeto a reelaborar o tema que refletia o próprio título do projeto “Educadoras do Campo”: Gênero e Identidades. Desse modo, a expressão “Educadora do Campo” foi colocada entre aspas por ser verbalizada constantemente nas palestras, debates, etc. tanto por profissionais ligados aos cursos da UFPA (Marabá), como pelas lideranças do MST.

<sup>14</sup> Educadoras do campo é termo usado para definir as mulheres que atuam nas escolas dos assentamentos. Neste trabalho faço referência as mulheres que cursaram o PRONERA.

campo”, também avaliaria o impacto da formação realizada pelo curso de magistério nível médio ofertado através do Programa Nacional de Educação Reforma Agrária (PRONERA)<sup>15</sup>.

No entanto, o tempo e os recursos aprovados não possibilitaram a realização desse objetivo, uma vez que a turma do PRONERA a qual se pretendia pesquisar era formada por aproximadamente sessenta alunos os quais residiam em diversos assentamentos e acampamentos da região do Sudeste Paraense<sup>16</sup>, dificultando o acesso a essas pessoas. Diante desse impasse, a primeira proposta foi a de trabalhar com dois ou três assentamentos que englobasse tanto os coordenados do MST, como aos ligados à Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI)<sup>17</sup>.

Em relação aos assentamentos, foi percebido que as organizações desses assentamentos como: MST e FETAGRI se organizam de formas diferentes uma vez que, possuem características diferentes, constituem uma realidade por vezes completamente diferente. Resumidamente as organizações desses movimentos atuando na constituição dos acampamentos e assentamentos seriam então:

Quadro 1. Organização do MST e FETAGRI presentes nos Acampamentos e Assentamentos

<p>MST ⇨ Núcleos de Bases → Setores → Associações e Cooperativas  FETAGRI ⇨ Associações e Cooperativas → Sindicatos.</p>
--

O MST, por exemplo, atua diretamente na estruturação do assentamento, diferente da Fetagri, que assessora o Sindicato dos trabalhadores Rurais (STR's), ou o próprio grupo que realiza a ocupação, através das Associações de trabalhadores dos assentamentos. Essa diferença implica na organização do acampamento e do assentamento, em que está

<sup>15</sup> O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) tem por objetivo expandir os níveis de escolarização formal de trabalhadores rurais assentados, o PRONERA ainda habilita professores para atuarem nas escolas dos assentamentos. Dentro desse programa foi ofertado no período de 2002 a 2004 o curso de formação nível médio /magistério para Educadores/as do campo, a partir do convenio entre a UFPA (Universidade Federal do Pará) / /MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra) e FETAGRI.

<sup>16</sup> Os assentamentos e acampamentos previstos para trabalho de campo se localizavam nos municípios de São Domingos do Araguaia; São João do Araguaia; São Gerado do Araguaia; Eldorado dos Carajás; Parauapebas.

<sup>17</sup> A FETAGRI é a federação que congrega o movimento sindical rural nos estados do Pará e Amapá. Possui uma estrutura verticalizada, tem sua base de sustentação os trabalhadores e trabalhadoras sindicalizados (as) nos STR's e Associações, que os representam nas instâncias deliberativas da federação, como os congressos e plenárias regionais e estaduais. As atuações deste movimento e outros na questão agrária na região sudeste são esboçados no II capítulo deste trabalho.

impressa a ideologia dos movimentos. O MST atua diretamente, desde a divisão das atividades no acampamento a distribuição de lotes, bem como nos embates frente aos órgãos públicos para a garantia de créditos e melhoria para os assentados. Quanto a FETAGRI, esta atua de forma indireta na organização dos acampamentos e assentamentos, estando mais presente através de uma assessoria, auxiliando nas negociações e pressões aos órgãos públicos para estruturar o assentamento, bem como possibilita assistência técnica aos assentados, que geralmente se organizam através de associações.

A partir dessas questões, a equipe do projeto “‘Educadoras do Campo’: Gênero e Identidades”, definiu apenas duas localidades ligadas ao MST: a primeira, o Acampamento 26 de março, que fica a vinte cinco quilômetros de Marabá; e a outra foi o Assentamento Palmares II, em Parauapebas. Dois fatores contribuíram para essa definição: a facilidade e custo para o acesso e a relação mais estreita da coordenação do projeto com as lideranças dessas localidades.

Apesar dessas modificações do local de pesquisa, as temáticas: Gênero e identidade se mantiveram como fios condutores da pesquisa, no entanto as observações iniciais no assentamento e acampamento pesquisados ampliaram nossa percepção levando-nos a abordar temas sem muita tradição nos estudos sobre assentamentos: 1-"Um estudo sobre antropologia da saúde: saberes locais e medicina popular"; 2 -"Considerações sobre as relações raciais em um assentamento do MST: Palmares II" 4-"Assentados", "acampados" e "militantes": memória e identidades<sup>18</sup>.

A minha pesquisa foi então, realizada no Assentamento Palmares II e se justifica também em função deste ser apontado pelas lideranças do MST como o principal e maior assentamento organizado pelo MST, no estado do Pará, visto como modelo para o MST no Pará. O que nesse primeiro momento eu avaliara como possibilidade de melhor identificar a construção de novas relações de gênero engendradas pela intervenção mais intensa do Movimento.

Em meio a essas alterações, a definição do objetivo da pesquisa estava em andamento, quando passei a me deslocar para o assentamento. Foi definido num primeiro momento que o universo das pessoas a serem pesquisadas no Assentamento seria dos alunos do curso de formação/magistério da turma do PRONERA que moram no

---

<sup>18</sup> Estes projetos foram desenvolvidos pelas (os) bolsistas Marinete Macedo, Leizamar Araújo e Wellington Sousa respectivamente.

assentamento. E no segundo momento, este universo englobaria outras pessoas a partir das observações no campo e as relações estabelecidas com alguns/as assentados/as.

### **1.1. Memorial do PRONERA: Um Resgate**

Inicialmente, usei como fonte de pesquisa os “Memoriais do PRONERA”, trabalhos produzidos pelos alunos no final do curso<sup>19</sup>. A elaboração do memorial é feita por cada aluno, orientado por um professor, e em sua maioria, segue um roteiro: na primeira parte do trabalho é apresentada uma trajetória pessoal do autor, a história da família, sua participação no MST até inclusão no PRONERA. A segunda parte do trabalho é uma reflexão em torno da experiência em participar do curso de Magistério em Marabá. Os memoriais são leituras das experiências e trajetórias dos autores, que o utiliza para apresentar uma identidade de agricultor/a demarcada pelos recortes da memória, refletindo sua trajetória, na maioria das vezes, de luta pela terra e da permanente busca de melhores condições de sobrevivência.

De acordo com Velho, G. (2003: 103), a memória é fragmentada e o ato de relembrar pode significar a junção destes fragmentos para a construção de um projeto. Uma vez que “o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentidos e estabelecem continuidades entre os diferentes momentos e situações”. E considerando que os autores destes trabalhos estão inseridos em um movimento que enseja a transformação social e a construção de uma “nova sociedade”, o ato de relembrar é fundamental para a elaboração desse projeto que permeia a escrita dos memoriais, expressando a riqueza desse material na compreensão da construção das identidades de gênero.

Embora seja necessário ressaltar que a leitura destes trabalhos deve considerar que o contexto do curso na área de educação possibilitou um destaque às experiências escolares dos autores, foi através dos memoriais que conheci um pouco da realidade dos assentamentos a serem pesquisados, bem como indicadores da importância dada pelos autores da sua inserção nos movimentos sociais em sua trajetória.

Durante o desenvolvimento da pesquisa li quatro memoriais de educadoras do assentamento Palmares II, sendo eles: 1) “Vida em Movimento, Movimento em Vida” de

---

<sup>19</sup> Estes trabalhos foram propostos como uma espécie de retorno às comunidades da experiência do curso de magistério.



Sirlene Ferraz da Luz; 2) “Memória: algo a ser lembrado e refletido, como ponto de partida à vida” de Jouse Mayara Brito; 3) “De Rainha do Lar à Lutadora do Povo” de Maria Costa da Silva; e 4) “Memórias da Trajetória de Vida de uma Educadora do Campo” de Cleudemar de Oliveira Nunes. Apesar de ter sido maior o número educadores/as do assentamento Palmares II que participaram do PRONERA, não estavam todos os memoriais disponíveis na secretaria da coordenação do Programa na UFPA/Marabá, o que dificultou o acesso aos demais.

Estes trabalhos contribuíram para entender um pouco a história do assentamento, apontando para a importância que seus autores dão ao processo de conquista da terra, o período de acampamento e a condição de pertença ao MST. Considerando essas questões optei por escrever o segundo capítulo deste trabalho sobre o Assentamento, tendo como fonte esses memoriais e as observações do trabalho de campo.

## 1.2. A Vila Palmares II e o Trabalho de Campo

No dia 25 de maio de 2005, após uma viagem de quase três horas cheguei à cidade de Parauapebas. Era a primeira vez que estava ali. Havia um interesse em conhecer essa região na qual a mineração, a história da Serra Pelada são marcas presentes<sup>20</sup>. A própria paisagem me chamava a atenção. Logo após o município de Eldorado dos Carajás começava a ver ao longo da PA 150 pequenas serras e uma mudança no clima, mais úmido em relação à cidade de Marabá.

Após chegar à Parauapebas, dirigi-me ao local que informaram ser o ponto das Vans e ônibus/coletivo que fazem o transporte para a Palmares II, “pé inchado”. A vila fica a 20 km da cidade de Parauapebas que foram percorridos com bastante ansiedade, para conhecer o assentamento. A *van* estava muito lotada, havia homens, mulheres e crianças, além de sacolas e caixas com compras, pois os/as assentados/as costumam comprar os mantimentos necessários para o trabalho na terra, materiais escolares, alimentação, roupas entre outros, o que resumidamente costumam chamar de “feira da semana”, no comércio da cidade de Parauapebas. Havia ainda a poeira, pois parte da estrada é sem asfalto. Após passar pela vila Palmares I<sup>21</sup>, foi diminuindo o número de pessoas que iam descendo próximo de seus lotes e casas. Aos poucos avistei a placa de boas vindas (foto 1), daí em

---

<sup>20</sup> Ver EMMI, (1999: 107-111)

<sup>21</sup> No mesmo projeto de assentamento fica localizada a vila Palmares I, organizada por uma associação de moradores ligada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Parauapebas.

diante a van passou por algumas vias principais da Vila, parando para as pessoas descerem perto de suas casas. Desci próxima a Igreja Católica localizada num terreno de alto relevo, devido a uma moradora do assentamento, ter indicado ficar perto da casa de Simone, a pessoa que tinha contato no assentamento.



**Foto 1:** Placa de Boas Vindas localizada na entrada da Vila Palmares II.

Retornei à Vila Palmares II nos meses de junho e julho de 2005, juntamente com outras duas bolsistas, Marinete Macedo e Leizamar Araújo, além da coordenadora do projeto que passou alguns dias nos auxiliando na pesquisa de campo, Gisela Macambira. Assim, algumas entrevistas foram realizadas conjuntamente, como também as observações, as angústias, as andanças pelo assentamento, pois costumávamos andar juntas e compartilhamos essas experiências sempre tão inéditas para nós.

Inicialmente, tomei conhecimento da organização do assentamento a partir de idas nos meses de maio e junho, nas quais tive os primeiros contatos com os/as moradores/as do assentamento bem como foi feita a apresentação do projeto “‘Educadoras do Campo’: Gênero e Identidades”, à coordenação do assentamento. Foi nesse primeiro momento que participei da festa de aniversário de 11 anos do assentamento Palmares nos dias 24 e 25 de junho de 2005, haja vista a importância dada, tanto pelos moradores como pelo próprio Movimento, que neste espaço enfatiza a importância deste assentamento para o a consolidação do MST no Estado do Pará. Durante esta festa pude observar também a

marca da organização do movimento neste assentamento através da mística<sup>22</sup> de abertura que recontava a história da conquista do assentamento, questão que posteriormente ao longo do trabalho de campo era lembrado por diversos moradores nas conversas que se estabelecia, na maioria das vezes, nos fundos de quintais.

No segundo momento passei o período de 09 a 21 do mês de julho de 2005 na Vila Palmares II. Esta viagem marcou o meu trabalho de campo, desde os preparativos até o convívio com as pessoas no assentamento. Foi nos preparativos na véspera dessa viagem que a segunda fase da pesquisa descrita por Damatta, (1978; 24) se tornou sensível para nós “quando nossa preocupação muda subitamente das teorias mais universais para os problemas mais banalmente concretos”.

Não somente essas questões me deixavam sem saber exatamente como agir, e como viver esses dias no assentamento? Pretendia realizar, neste período, um levantamento de dados que de imediato seria utilizado na elaboração de um artigo<sup>23</sup>, bem como estabelecer novos interlocutores, e realizar entrevistas. No entanto, consegui apenas conversar com alguns moradores e ex-alunos do PRONERA que ainda residiam no assentamento, tendo particularmente dificuldade em realizar as entrevistas. Este ritual de passagem - a entrada no campo – tornou-se bastante difícil, devido a ansiedade da coleta sistemática de dados e certa inexperiência na arte da observação.

Em alguns momentos eu não concebia a possibilidade de sair com um caderno e um gravador atrás das pessoas a fim de que estas interrompessem seus afazeres, para responder as perguntas que me interessavam, e que por vezes pareciam absurdas, pois nem mesmo eu aceitava a idéia de “invadir” a vida dessas pessoas. Essa sensação é bem definida pela expressão de Geertz (1989) sobre a atividade da Antropologia como o difícil ofício de importunar pessoas comuns com perguntas obtusas.

Nesse momento restringi minhas atividades a acompanhar as outras bolsistas nas entrevistas, e registrava algumas observações. Realizei uma entrevista com Carlos, que

---

<sup>22</sup> Para Castells (2002) a prática da mística pode ser entendida como uma encenação dos valores do MST, um tipo de representação que conjugue elementos do teatro tradicional com o teatro de rua e a liturgia cristã. Tomada além da1 teatralização a mística pode se constitui numa das estratégias dentro do movimento como possibilidade de reduzir a distância entre o passado, presente e futuro do movimento, sendo capaz de converter as pessoas ao projeto defendido através do sentir, permitindo que o horizonte de conquistas do MST seja vivido antecipadamente.

<sup>23</sup> Este artigo foi apresentado no evento, V História Oral. Realizado em São Luis – MA em setembro de 2005, e tinha como título “A Construção da Memória A Partir da Luta Pela Terra (MST/Sudeste do Pará)” e foi elaborado juntamente com Wellington Souza, bolsista do projeto que realizou pesquisa no Acampamento 26 de março – Marabá. É importante apontar que além das observações dos diários de Campo foi utilizado os memoriais do PRONERA.

trabalha na escola do assentamento como professor. Outra entrevista foi com Márcia também professora na escola, na entrevista não utilizei o gravador, a pedido da mesma que afirmou sentir-se mais tranqüila, sem o gravador, não tendo preocupação com o tempo.

Além desses problemas, pude observar a organização do assentamento Palmares II, sendo perceptível a presença de lideranças do Movimento Sem Terra, e várias atividades políticas como: assembléias, reuniões com representantes da prefeitura municipal de Parauapebas, entre outras<sup>24</sup>. Essas observações possibilitam visualizar a presença das diretrizes propostas nos cadernos de formação do Movimento, como por exemplo, uma publicação da Secretaria Nacional do MST “Construindo o Caminho” (2001), Que expõe sobre a organização dos núcleos de famílias; da beleza do assentamento como fator importante para torná-lo lugar ideal para se viver, entre outras normas. Considerando essa leitura, observei que o assentamento ainda estava organizado por núcleo, o que lembrava o tempo de acampamento, embora hoje tenha dificuldades, o que segundo algumas lideranças, ocorrem devido às famílias não estarem “nucleadas<sup>25</sup>”, e por isso estavam realizando reuniões numa tentativa de reorganizarem o assentamento.

Notei, ainda, no que se refere à beleza do assentamento, alguns moradores têm especial cuidado com a frente das casas, plantam flores, gramas e arbustos de jardins. Ressalto que não são todos os moradores que percebi tendo estes cuidados, mas muitas vezes vi homens capinando a frente da casas e as mulheres cuidando de flores e varrendo quintais. Além da frente, os quintais quase todos possuem árvores frutíferas e são mantidos sempre limpos, servindo de espaços para conversas com visitas, ou no dia-dia nos fins de tarde aconteciam às conversas entre vizinhos e familiares.

Foi nestes quintais que algumas entrevistas e conversas aconteceram. Essas primeiras conversas e entrevistas apontaram para a relação acampamento *versus* assentamento, a qual também foi feita por mim e demais bolsistas do projeto, uma vez que já havia conhecido um acampamento<sup>26</sup>. Silva, C. (2004) afirma que o assentamento

---

<sup>24</sup> Essas atividades eram realizadas no espaço que chamam palhoção, chapéu de Palha, uma construção em forma de círculo, aberta e coberta de palha, que é ornamentada com bandeiras do MST, faixas, cartazes. Geralmente no dia anterior a realização da assembléia um carro de som circulava o assentamento convidando os moradores a participarem das atividades.

<sup>25</sup> São família que fazem estão organizadas em núcleos de bases (NB's). Estes núcleos são formados desde o período do acampamento, um dos critérios são as afinidades entre as famílias, e servem principalmente como estratégia para que as informações e decisões sejam realizadas em todos os espaços. No entanto no assentamento ganham outra dinâmica em função de novas famílias agregadas, no segundo capítulo retomo essa discussão.

<sup>26</sup> Durante o mês de maio a equipe do projeto foi convidada a participar de duas atividades culturais no Acampamento 26 de Março – Marabá/PA. A primeira foi para realizar uma palestra nos dia das mães, e a

representa uma vitória frente aos sofrimentos e as lutas travadas durante as ocupações vividas no período de acampamento. Estes representam etapas e ações distintas para os sujeitos que compõem o MST. O segundo capítulo apresenta algumas memórias dos assentados quanto ao tempo de acampamento, e sua relação com a construção do assentamento.

Retornei ao campo nos dias 19 a 23 do mês de novembro de 2005, já havia definido melhor o roteiro de pesquisa. Como já havia estabelecido alguns contatos, preferi realizar entrevistas que, no momento, acreditava que possibilitariam uma análise das relações de gênero no assentamento. Dessa forma, realizei entrevistas com três casais, e mais duas moradoras e dois moradores do assentamento formando um universo de dez pessoas, entre militantes do MST e não militante, algumas haviam participado de cursos de formação do MST, mas todas eram moradoras do assentamento.

## **1.2. As entrevistas**

O roteiro da entrevista privilegiou a trajetória de vida; a inserção no MST; as experiências de acampamento; a importância dada pelo/a entrevistado/a ao MST; as atividades exercidas no assentamento; a participação ou não em cursos de formação oferecidos pelo MST; e questões referentes às relações familiares, de vizinhança, relação entre o companheiro/a ou namorado/a. Fiz outra viagem e permaneci os dias 19, 20 e 21 do mês de dezembro, para completar as entrevistas. Estas idas ao campo apesar de rápidas, proporcionaram informações dessas, porém, considero que isso se deu em função de ter estabelecido anteriormente, uma relação estreita a alguns moradores. Infelizmente, a curta duração dessas últimas viagens impedia uma maior inserção na vida diária dos moradores, assim diversos convites para conhecer as roças, não puderam se concretizar.

Nessas idas e vindas tive o prazer de conhecer algumas pessoas que me cederam um pouco do seu tempo e compartilharam suas histórias, com as quais convivi. Considerando sua importância durante o trabalho de campo e para este trabalho apresento nos parágrafos seguintes em linhas gerais cada uma delas.

Durante o mês de julho fiquei juntamente com Marinete Macedo alojada na casa da Simone, líder no assentamento, casada 31 anos, com quatro filhos. Simone é uma liderança

---

outra para colaborarmos na realização de uma festa com apresentações teatrais organizada pelos professores da Escola do Assentamento, nesta última permaneci no assentamento um final de semana juntamente com Wellington Souza, Marinete Macedo e Leizamar Araújo, bolsistas do projeto.

do MST, e membro do Coletivo Nacional de Saúde. Sua família é oriunda do Maranhão. No ano de 1993, a mãe começou a participar de um acampamento do MST, conseguindo um lote no Assentamento Rio Branco, localizado no Município de Parauapebas. Em seguida, começou a ser organizado pelo MST o acampamento Palmares, e Simone passa a fazer parte da organização do acampamento, deixou o filho com a mãe e começou a participar da organização como coordenadora de núcleo. Neste período, conheceu o seu atual esposo, que também era coordenador de núcleo. Os dois estão juntos há dez anos e tiveram dois filhos. Seu esposo, segundo ela, tomou a decisão de cuidar do lote, principalmente, pelo fato de sua família participar do núcleo Coletivo “filhos da Terra”. Assim, ele deixou de estar nas coordenações e organização do movimento, ficando mais tempo no Assentamento, sendo o responsável pelas crianças. Quando indagada sobre seus sonhos, dona Simone demonstra um desejo em melhorar sua casa, justificando que deseja ter um espaço e objetos que durante sua infância e adolescência não teve, e poder dar o melhor para os filhos. Pretende cursar um nível superior na área da saúde.

Através de Simone conheci Pablo, 20 anos, professor no assentamento, ele ficou sendo o responsável por apresentar alguns moradores do assentamento que de acordo com dona Simone, poderiam colaborar com a pesquisa que Marinete e eu realizaríamos. Pablo é solteiro e mora com um irmão e uma irmã no assentamento. Filho de maranhenses, foi criado com a avó, poucas vezes fala do pai. Veio para o Pará morar com a mãe no assentamento, sendo que ela há dois anos está trabalhando num garimpo na Venezuela. Esta situação é destacada para falar de seus sonhos, pois pensa em trabalhar para trazer a mãe para perto e considera ser o responsável pela família. Enfatiza que o estudo e a formação que obteve dentro do MST foram fundamentais na sua vida e fala com orgulho de como iniciou suas atividades como professor voluntário, e hoje funcionário da Prefeitura, trabalhando na escola do assentamento. Mesmo destacando a atuação na educação pensa não seguir a carreira do magistério, em seus planos está o curso de Agronomia ou outro, voltado para questão da terra. Quanto a vida no assentamento pontuou que sai pouco e dedica maior parte do tempo às atividades da escola, mas nas horas de lazer costuma namorar e sair com os amigos. A namorada também é professora e isso ele afirma ser bom porque ela tem uma cabeça mais aberta. Pretendem se casar, embora ressalte que tenha que melhorar as condições de vida e se considera muito novo. Segundo Pablo, no assentamento há muitos casais jovens e adolescentes: “aqui no

assentamento os casais se juntam e pronto”. Nesse contexto, pensa seu casamento como feito “dentro das tradições: casar na Igreja e no cartório e ter a festa, para ficar na história”.

Pablo me apresentou Márcia e seu esposo o Sr. Francisco. Márcia destaca nas suas falas a importância da escola. Sempre relembra a falta de chances de estudo na infância, conta que na sua adolescência saiu de casa junto com sua irmã e foram para Parauapebas, na tentativa de estudar, mas quando ficou grávida isso não foi possível e chegou a perder um ano na escola quando o filho ficou doente.

Sua entrada para o MST se deu em função da mãe que estava acampada no Palmares, e numa visita à mãe, acabou por se envolver com a organização e resolveu ficar. O pai trabalhava em terras de terceiros e a mãe ficava no barraco para garantir um lote no futuro assentamento. A sua atividade no MST iniciou como professora participando no núcleo de Educação, atualmente é professora no assentamento e membro da Coordenação Estadual do MST. Expôs que aprendeu no movimento a se relacionar com a família, procura em casa estabelecer estratégias para que todos contribuam na vida diária. Realiza reuniões com os quatro filhos para tomarem algumas decisões, como foi para o Sr. Francisco (o esposo) vir morar junto com eles. O casal possui uma filha em comum que nasceu durante a realização desta pesquisa. O Sr. Francisco é migrante do Maranhão possui oito filhos alguns moram no assentamento com sua ex-esposa. No assentamento, também moram alguns de seus irmãos e tias, o pai mora no assentamento Rio Branco. Foi através do pai que toda a família entrou no Movimento. Veio do Maranhão na busca de emprego no garimpo da Serra Pelada<sup>27</sup>, onde já vivia uma tia. Quando o pai se inseriu no MST começou no acampamento a participar dos eventos do movimento e quando assentado foi diretor da Associação de Produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Palmares (APROCPAR), iniciando também seus estudos. Seus sonhos, como os de Márcia, é cursar um nível superior, ela pensa num curso na área de licenciatura, ele num curso na área de agronomia, todos pelo MST.

Durante a apresentação do projeto à coordenação do Assentamento, tive o primeiro contato com o casal Olga e Ernesto. Os dois são lideranças do MST no Estado do Pará e na região. Realizei a entrevista com os dois que contaram que iniciaram seu relacionamento numa das diversas comemorações do movimento. Durante o namoro nasceu a filha, sendo

---

<sup>27</sup> O garimpo Serra Pelada localizada a leste da Serra dos Carajás no município de Curionópolis, data do início de 1980, entre todos os garimpos paraense este em função dos seus números ( número de garimpeiros e produção do ouro) é o de maior repercussão nacional. Almeida. A., (1995), faz um mapeamento das reservas e das populações garimpeira no estado do Pará em torno do Programa Grande Carajás.

esse o principal motivo, segundo Olga, para eles passarem a viver juntos, pois não fazia parte dos planos o casamento tão rápido. Participa da direção nacional do MST juntamente com Ernesto. O fato de participarem da mesma instância, segundo Olga, facilita o relacionamento, pois fazem juntos a maioria das viagens. Olga afirma que o nascimento da filha foi um fator de mudanças na sua vida, pois atualmente fica mais tempo no assentamento, antes vivia com a mochila nas costas. E, agora, isso não é tão simples. Aponta para ausência do pai como um problema para a educação da filha, isso muitas vezes ela questiona, pois para ela Ernesto acaba dedicando muito tempo às atividades do movimento esquecendo-se da filha. Ernesto, como outros moradores, é um migrante maranhense que veio junto com sua família para a região do garimpo de Serra Pelada no qual trabalhava. Depois de seus pais começarem a participar do movimento e estarem assentados no Rio Branco começou a participar do MST, fazendo parte da equipe que fez o trabalho de base e organizou o acampamento Palmares. Desde então, vem participando de encontros de formação propostos pelo MST. Foi casado anteriormente tendo uma filha, o motivo da separação foi apontado por ele pelo fato da esposa não participar do movimento e por isso não aceitar as condições de militância, como viagens e falta de tempo. Essa é para ele, a diferença com o atual relacionamento. O casal planeja se mudar para outra região do Estado do Pará. Olga, por sua vez, se preocupa com a filha e diz ser uma das razões, de estarem pensando nesta possibilidade, ela também pretende fazer o curso de Pedagogia da Terra ofertado pelo MST/UFPA.

Nas andanças pelo assentamento, conheci a família da Dona Margarida, como outras mulheres, também, foi a responsável pelo barraco na garantia do lote no assentamento. Migrante do Maranhão veio atrás do marido Sr. Júlio, também maranhense, que havia saído do seu estado para trabalhar no garimpo da Serra Pelada. Passaram a morar na cidade de Curionópolis, onde trabalharam em terras de terceiros e depois como posseiros. Quando surgiu o acampamento de Palmares ela resolveu participar, mas ele era contrário. Como este passava a semana no garimpo, ela resolveu participar, do acampamento até conseguir convencer o Senhor Antonio a participar. Quando já estavam acampados, dentro da área que hoje é o assentamento o Senhor Antonio resolveu ir e ficar no barraco, isso ocorreu depois de quase um ano de acampamento que Margarida participava sem que o marido soubesse. No momento em que o esposo vai para o acampamento ela retornou para Curionópolis juntos dos filhos, da mãe e avó. Atualmente,



os dois trabalham na roça e nas quartas-feiras e sábados ela vende a produção do lote na feira da cidade de Parauapebas.

Os sonhos do casal perpassam pela melhoria de condições no assentamento para a produção no lote. D. Margarida estuda e deseja terminar o ensino fundamental, mas diz ser muito difícil, pois chega muito cansada do lote. O Sr. Antonio estava empolgado com a nova proposta de organização do Assentamento apresentada pela coordenação do assentamento, acredita que vai ser possível resolver alguns problemas, também quer conseguir novos créditos para investir no lote. Na conversa com os dois, percebi que em alguns momentos há uma queixa em relação ao movimento quanto à cobrança de participarem das atividades, mas como afirma dona Margarida é muito difícil e cansativo cuidar da terra e ao mesmo tempo estar em todas as reuniões e eventos. Na casa de Dona margarida, além dos filhos solteiros, também reside um neto, e a sobrinha Anita, com o filho.

O interesse em entrevistar Anita se deu num primeiro momento, pelo fato desta durante a conversa com Margarida ter referido ao MST, ao mesmo tempo como espaço ideal em que se tem possibilidade de melhorar a condição de vida através da formação oferecida, e criticou, ao apontar que este muitas vezes desconsidera os *problemas pessoais* dos que dele participam: “Assim você não tem tempo para sua vida tem que viver para o movimento”.

Anita tem 22 anos e está fazendo um curso de secretariado nos finais de semana em Parauapebas. Após a morte da mãe passou a morar com a tia, Dona Margarida e a avó. Durante algum tempo ficou na casa de uma madrinha em Curionópolis onde estudou. Foi trabalhar no município de Parauapebas como vendedora, e depois em serviços domésticos na Serra dos Carajás. E nos finais de semana passou a ir para casa da tia Margarida no assentamento, começou a participar de alguns eventos e depois, a estudar no assentamento. Nesse período conheceu Carlos, 24 anos que participava do grupo de jovens da Igreja Católica do assentamento. Tiveram um filho. Durante a gravidez Anita começou a trabalhar no projeto de Educação de Jovens e Adultos, mas devido a dificuldades que enfrentava devido à gravidez e as peculiaridades inerentes à Educação de Jovens e Adultos, ela afirma não ter sido bem sucedida no trabalho. Esta é razão pela qual acredita que não terá mais oportunidade dentro do Movimento, e por isso sua afirmativa anterior em relação ao movimento, embora considere a importância deste e sonha em fazer ainda algum curso.

Carlos é professor no assentamento e como os outros, é filho de maranhenses que migraram para Curionópolis para o trabalho no garimpo da Serra Pelada. Veio para o assentamento com onze anos juntamente com os pais, começou na adolescência a participar de grupos de jovens no assentamento e logo em seguida passou a coordenar o grupo de jovens da Igreja Católica. Atualmente pretende cursar um nível superior e casar com sua atual namorada e cuidar do filho que está com a mãe Anita, ex-namorada,

Estes são os homens e mulheres que se dispuseram a me contar suas histórias de vida em um assentamento cujo sonho é a construção de uma “nova sociedade”. Eles compartilharam sonhos, angústias, dúvidas e certezas e suas histórias de vida, marcadas por deslocamentos que demonstra uma vida sinalizada por mudanças em vários níveis e lugares, de relações, de atividades e conquistas. Estou trabalhando, portanto com uma memória de migrantes e direcionando o olhar para a questão da sociabilidade, das relações cotidianas do espaço da questão agrária. Assim, este trabalho se constitui da percepção de como os valores presentes na organização e práticas políticas desenvolvidas no PA Palmares II influenciam na construção das identidades do ser mulher e homem do campo.

Referir sobre a memória de homens e mulheres, no sentido de reconstrução de trajetórias, é uma forma de perceber as representações construídas em torno da luta e conquista da terra, a experiência em acampamento e o que significa hoje a condição de assentado/a. Enfocando as relações de gênero percebemos que a discussão sobre cotidiano é permeada pelo político, e que mulheres e homens se constroem mutuamente em “movimento” na construção diária de suas relações. Nesse sentido, o próximo capítulo se revela como possibilidade de compreender o processo de organização do assentamento Palmares no contexto da reforma Agrária e das lutas travadas entre os vários atores sociais presentes na região sudeste do Pará.

## **CAPITULO II**

### **ASSENTAMENTO PALMARES II: A LUTA PELA TERRA, A LUTA PELA VIDA**

Uma das realizações dos meus sonhos foi a conquista do meu assentamento Palmares, eu sinto uma alegria enorme todas às vezes que ao olhar para a história do meu assentamento, para cada espaço construído, houve minha participação, dos meus filhos [...] e que contam a mesma historia que seus filhos vão ter na memória.

(NUNES. 2004: 44, Memorial)

#### **2.1 A Questão Agrária No Brasil: Um Esboço**

Este capítulo tem como objetivo discutir sobre a questão agrária no Brasil e especificamente no sudeste do Pará, para apresentar então o contexto sócio-espacial do Assentamento Palmares II.

Inicialmente, se faz necessário entender dois termos que estão relacionados a esta temática, a expressão questão agrária e o conceito de reforma agrária. De acordo com Ataíde Júnior (2006), a expressão questão agrária remonta aos primeiros estudiosos de economia política na análise do desenvolvimento do capitalismo na agricultura, estando na maioria das vezes relacionada à realidade agrária de determinado país. E refletindo basicamente os problemas oriundos das formas de propriedade, posse e uso da terra, que por sua vez interferem na produção agrícola e o desenvolvimento social e econômico do país.

A definição reforma agrária de acordo com Veiga (1998: 07) está relacionada “à modificação da estrutura agrária de um país ou região, com vista a uma distribuição mais eqüitativa da terra e da renda agrícola”. E acrescenta, que apesar do Estado ser considerado o responsável pela sua realização, a reforma agrária é sempre o resultado de conflitos sociais.

Para Ataíde Júnior (2006), o problema agrário no Brasil remonta a colonização portuguesa, primeiramente com o embate com as populações indígenas que aqui vivia e tinha a terra como um bem coletivo, seguido da escravização indígena, levando ao extermínio de várias etnias e o domínio de seus territórios. Diante da resistência indígena à escravidão, a opção pelo escravo africano é tida com mais vantagem pelo colonizador português, adquirindo o cativo na própria África, estes, porém também travaram várias

lutas ante ao escravizador. Da resistência negra ao cativo levou a criação de territórios livres para o uso da terra no sustento da família e do grupo, os chamados quilombos<sup>28</sup>. Além de resistência à escravidão e expropriação, os quilombos foram exemplos do uso da terra de forma igualitária e para produção necessária a vida da comunidade.

Podemos citar como a primeira distribuição de terras no Brasil, a implantação do regime de sesmarias, este regime já existia em Portugal e seu objetivo era possibilitar a produção de alimentos evitando que as terras ficassem improdutivas, no entanto no Brasil o regime serviu como meio de acumulação de terras pelos mais próximos da Coroa Portuguesa. Sendo o início do processo de latifúndios das terras brasileiras. Conforme Ataíde Junior (2006), o regime sesmarial perdurou no Brasil até 1822, quando substituído pelo Regime de Posse das Terras Devolutas, no qual a posse era caracterizada pela a exploração da terra para receber o reconhecimento legal do Estado.

A partir da publicação da Lei de Terras de 1850, cujo pressuposto central era a proibição das aquisições de terras devolutas por outro título que a não ser o de compra, a terra passaria a ser uma mercadoria acessível a poucos, o que aprofundaria mais tarde uma estrutura agrária altamente concentrada. Outro objetivo dessa Lei era disciplinar a ocupação de terras em função do regime de posse e exploração. Essas condições apenas favoreceram os grandes proprietários de terra, dificultando ainda mais o acesso a terras pelos mais pobres incluindo os escravos libertos.

Isso demonstra que a questão agrária no Brasil está relacionada desde seus primórdios a luta dos oprimidos e excluídos pelo direito ao acesso a terra. Para Ataíde Junior (2006) os movimentos que compreendem o período colonial, imperial até início do século XX como: a Revolta Farroupilha, a Sabinada, a Balaiada, a Cabanagem, Contestado, Caldeirão e Canudos, estão associados à política agrária implantada pela Coroa Portuguesa e seguidamente pelos chefes políticos do Brasil e tinham dentre seus motivos à insatisfação social e econômica dos sujeitos que formavam a base econômica da época (sertanejos, escravos, camponeses, grandes proprietários de terras etc.).

Os movimentos de luta pela terra, na primeira metade do século, tiveram o apoio do Partido Comunista Brasileiro, e ocorridos principalmente nos estados do Paraná, Goiás, Maranhão, Rio de Janeiro e São Paulo, se caracterizaram pelo conflito entre posseiros,

---

<sup>28</sup> O Quilombo Palmares é considerado o maior quilombo do Brasil, era localizado na Zona da Mata nos estados de Pernambuco e Alagoas. Formado por diversos povoados e chegou a reunir aproximadamente 20 mil habitantes que praticavam atividades relacionadas à agricultura, como cultivo de milho, mandioca, cana-de-açúcar, a criação de animais e atividades de caça e pesca. (ATAÍDE JÚNIOR, 2006).

fazendeiros e ou empresas, com o apoio do governo. Na maioria das vezes estes tinham a posse da terra através da grilagem ou concessão do governo. (ATAÍDE JÚNIOR, 2006).

No nordeste, o surgimento da Ligas Camponesas, constituídas por trabalhadores ligados aos engenhos de cana-de-açúcar, inicialmente do estado Pernambuco, na década de 1940 as ligas foram organizadas em torno do PCB, quando o PCB entra na ilegalidade as ligas desapareceram. Ressurgindo em 1954 com a Associação de Foreiros do Engenho Galiléia para resistirem à expulsão pelos proprietários de engenho, essa organização toma uma dimensão nacional se estendendo para treze estados brasileiros. A partir de 1960 as ligas começam a promover ocupações de terras, dando início a um conflito direto com os fazendeiros que reagem de forma violenta principalmente contra as lideranças do movimento. As ligas são extintas em 1964 tanto pelas perdas violentas de lideranças, quanto pelas ações do golpe militar de 1964 (idem, ibidem).

Outros dois movimentos que tiveram destaque nesse período foram: a União dos Trabalhadores Agrícolas (Uitab) e o Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master). A forma de luta estabelecida por este, eram os grandes acampamentos próximos aos latifúndios, reivindicando a desapropriação da propriedade. Tratava-se de lutar para ingressar e ter a posse da terra, ao contrario dos demais movimentos que lutavam para não serem expulsos da terra. Juntamente com as ligas camponesas esses movimentos por meio de suas lutas, inserem a questão agrária como tema relevante nos meios políticos na década de 1960 (idem, ibidem).

Em 1963, surge a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, em decorrência da legalização pelo estado brasileiro das organizações dos trabalhadores existentes que se transformaram em sindicatos filiados as federações estaduais que por sua vez compunham a Confederação Nacional. Essa entidade passou a representar o Estado e a sociedade centralizando as organizações sindicais. (MEDEIROS, 2002.)

Durante a Ditadura Militar (1964 – 1985) as organizações em torno da luta pela terra e ou pelos direitos dos trabalhadores rurais, sofreram perseguições e repressões. Os trabalhadores tiveram o apoio na Igreja Católica através da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's)<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> A CPT (1975) e as CEB's (1973), foram inspiradas na Teologia da Libertação, que propõe uma relação entre a evangelização e uma educação política do "povo", a fim de auxiliar na organização e participação destes para a construção de uma nova sociedade.

Convém lembrar que, se 1964 foi um hiato nas lutas organizadas pela terra no Brasil, elas continuaram sendo travadas e reorganizadas de outras maneiras. Um grande contingente de líderes sindicais e, principalmente, a atuação das Comunidades Eclesiais de Bases, assim como a Teologia da Libertação presentes no final da década de 1960 e, principalmente, na década de 1970, são exemplos de que a luta pela terra não havia cessado. (SILVA, C. 2004: 19).

É nesse contexto que surge o Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST), impulsionado pelo trabalho de socialização política promovida pela Igreja Católica e também pela Igreja Luterana no sul do Brasil, bem como é considerado por seus militantes como uma continuidade das ligas camponesas. A data oficial de sua fundação foi I Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem – Terra, em 1984 na cidade de Cascavel – Paraná. Este movimento tinha inicialmente a principal ação à ocupação massiva de terras para pressionar o Estado para realizar desapropriações e assentamentos das famílias acampadas. Este movimento ganha destaque na década de 1990 ao expandir sua organização por todo o território nacional, e juntamente aos movimentos sindicais vem impulsionando as políticas de reforma agrária no país.

### **2.1.1. A (re)Ocupação da Amazônia: o caso do Sudeste Pará**

A realização de uma política de reforma agrária, de acordo com as lutas desses movimentos, sofreu entraves durante a ditadura militar, que priorizou projetos de desenvolvimento do capital, principalmente, para a Amazônia através da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – 1966). O financiamento de projetos agropecuários, agroindústria, com o objetivo de integrar a Amazônia ao eixo Centro-Sul, bem como a instalação de projetos de colonização<sup>30</sup>, com objetivo de diminuir os conflitos agrários do nordeste. (ATAÍDE JÚNIOR, 2006). O que justifica nesse período o fluxo de migrantes para a Amazônia, incentivados pelos projetos do governo federal e a promessa de terras e empregos.

De acordo com Martins (2001) temos durante o regime militar a adoção de medidas de reforma agrária imunes às lutas sociais. O estabelecimento de uma política de expansão territorial do grande capital e conseqüentemente, o aumento dos conflitos trabalhistas no

---

<sup>30</sup> Ocupação e incorporação de terras novas, que podem ser estatais ou particulares, ao processo produtivo agrícola; e a característica essencial da colonização é que essas terras não tenham sido exploradas ou usadas pela agropecuária e que não tenham acesso regular e facilitado à infra-estrutura, com estradas, hospitais e escolas. (2006: 160)

campo engolfados pela expansão da fronteira, com a ocupação ilegal de terras devolutas por grileiros e especuladores, implicando num aumento do conflito fundiário.

Este cenário descrito por Martins (2001) vai caracterizar a região do sudeste paraense, marcadamente a partir da década de 1970, como uma região de fronteira. Através das leituras de Hébette (2004) e Velho (1972), percebemos que o processo de ocupação dessa região é intensificado com a política de desenvolvimento da Amazônia promovidas pelo governo federal. Inicialmente, com a construção de eixos rodoviários (Belém-Brasília – BR 010 em) Transamazônica – BR 230 em 1972, PA 150 em 1977, BR 222 - antiga PA 70, os quais possibilitaram a migração de grande número de trabalhadores rurais e camponeses, desempregados e sem-terra, das regiões nordeste, sul e sudeste do país em busca de terra e trabalho. É nesse período que a face econômica da região caracterizada pelo extrativismo e o domínio exclusivo das oligarquias que subordinavam os trabalhadores, passa a ser transformada radicalmente, uma vez que os migrantes passam a vir incentivados pelas políticas de desenvolvimento da Amazônia, e ocupar “terras livres” (HÉBETTE, 2002).

Na década de 1980, temos a criação do Programa Grande Carajás (PGC), a construção da barragem da Usina Hidroelétrica de Tucuruí (UHET), e o *boom* da mina de ouro da Serra Pelada<sup>31</sup>, que por sua vez passam a impulsionar novas migrações.

Nas áreas de exploração mineral, o destino de parte dos migrantes eram os atuais municípios de Eldorado dos Carajás, Parauapebas e Curionópolis. Na área de construção da usina de Tucuruí, os atuais municípios de Tucuruí, Breu Branco, Novo Repartimento e Jacundá receberam a outra parte dos milhares de migrantes que chegaram à região. Os agricultores familiares que se dirigiam à região eram em sua maioria lavradores, meeiros, arrendatários, parceiros, expulsos (ou não) dos mais diversos estados de origem e vinham em busca de novas áreas de terra para cultivo. (ABE, 2004: 76 - 77).

Estes marcos corroboraram numa identificação dessa região enquanto fronteira agro-mineral, no sentido econômico, mas também enquanto um espaço de conflitos culturais e sociais. e Também numa perspectiva do estabelecimento da agricultura camponesa, por meio das migrações e fixação de pessoas que trajetóricamente tem estabelecido uma relação de sobrevivência por meio da terra, e que tem buscado nessa região uma outra possibilidade de pós da expulsão do seu local de origem.

---

<sup>31</sup> Almeida (1995) trás um relato sobre do PGC e dos outros projetos impulsionados para a implantação do mesmo, apresentando como estes têm reconfigurado as regiões por eles atingidas.

Em termos demográficos, a fronteira significa a penetração de importantes frentes migratórias, consideradas “excedentes” numa região de origem, em outra área, comparativamente pouco povoada. No entanto essa população traz consigo sua cultura, suas práticas profissionais, suas aspirações, suas ambições, que vão imprimir sua marca naquele espaço novo e, até certo ponto, estranho para quem chega; não significa que venha simplesmente reproduzir na fronteira os comportamentos da sua área de origem. Ela se incorpora ao seu novo meio social ao mesmo tempo em que o modifica, o transforma. A fronteira é então um espaço gerador de realidades novas com um elevado potencial político. (HÉBETTE, 2004).

O grande fluxo migratório e a falta de políticas públicas para atender a demanda da região, contrastando com instalação nessa região de grandes empresas, grandes projetos agropecuários e uma estrutura de órgão de governo estadual e federal, possibilitaram um alargamento dos diversos conflitos sociais, destacando os conflitos por terras, entre posseiro, “grileiros”<sup>32</sup>, latifundiários, sem-terras, indígenas, empresas etc.. Diante desse quadro nas décadas de 1980 e 1990 os trabalhadores rurais se organizaram para (re) conquistar suas representações políticas, principalmente os Sindicatos de Trabalhadores Rurais na região com o apoio da Igreja católica através das CEB’s, CPT, entre outros. Configurando um cenário de luta pela reforma agrária nessa região envolvendo diversos atores sociais que foram se constituindo ao longo dessas duas décadas. O quadro I é uma tentativa de relacionar esses vários atores que vêm se mobilizando nas lutas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais dessa região.

---

<sup>32</sup> Para Martins (1981: 40; 104) o camponês é considerado posseiro ao que se refere a relação jurídica com a terra, quando o camponês tinha posse, mas não tinha o seu domínio. E o “grileiro é “o homem que se assenhoreia de uma terra que não é sua, sabendo que não tem direito a ela, e através de meios escusos, suborno e falsificação de documentos, obtém finalmente os papéis oficiais que o habilitam a vender a terra a fazendeiros e empresários”.



Quadro I - Entidades que atuam na questão agrária no sudeste do Pará (décadas 1980 – 1990).

NOME/SIGLA	ANO DE INÍCIO DA ATUAÇÃO NA REGIÃO	OBJETIVOS E/OU HISTÓRICOS DE CRIAÇÃO /ATUAÇÃO DESTAS ENTIDADES
Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR's	1970	Foram organizados na região no final da década de 1970, sendo os de maior expressão no período os STR's de Itupiranga, Jacundá, Marabá e São João do Araguaia.
Comissão pastoral da Terra- CPT	1980	Movimentos ligados à Igreja Católica e inspirados na Teologia da Libertação, que propõe uma relação entre a evangelização e uma educação política do “povo”, a fim de auxiliar na organização e participação destes para a construção de uma nova sociedade.
Movimento de Educação de Base - MEB		
Comunidades eclesiais de Base/CEB's		
Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SPDDH)	1977	Sua criação foi impulsionada a partir de conflitos de terras em plena ditadura militar, atuou e atua na região, fazendo denúncias e defesas nos casos de violação dos direitos humanos.
CAT Centro Agro-ambiental do Tocantins	1988	Surge como parceria entre STR's (Itupiranga, Jacundá, Marabá e São João do Araguaia) organizados na Fundação Agrária do Tocantins Araguaia e pesquisadores da UFPA articulado no LASAT, atuando de forma articulada tinha como objetivo o fortalecimento do campesinato local.
LASAT – Laboratório Sócio-Agrônomo do Araguaia Tocantins	1989	Atuando através realização de pesquisa, elaboração e acompanhamento de projetos junto a FATA. O LASAT foi composto por uma equipe de pesquisadores de diferentes instituições de pesquisa e extensão brasileiras e internacionais nas áreas sócio agrônômica, antropológica e econômica, inicialmente ligado a UFPA, através do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e atualmente ao Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar (NEAF) do Centro Agropecuário da UFPA.
FATA – Fundação Agrária do Tocantins Araguaia	1988	Vinculada atualmente a FETAGRI, foi criada para dar suporte ao CAT nas organizações dos STR's, tendo como objetivo realizar processos de formação e capacitação profissional para o desenvolvimento dos Assentamentos, na perspectiva de fomentar a realização de atividades produtivas e econômicas. Originando a COOCAT (Cooperativa Camponesa do Araguaia-Tocantins) responsável pela comercialização dos produtos dos agricultores da região ligados aos STR's.
EFA - Escola Família Agrícola	1993	Baseada no princípio da Pedagogia da Alternância, com o intuito de formar adolescentes, filhos de agricultores familiares.
CEPASP – Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e	1980- 2003	Organização não Governamental e desenvolveu suas atividades voltadas para a formação de dirigentes políticos do campo e da cidade, e juntamente com

Popular.		MEB foi motivador dos diversos debates junto aos movimentos sociais sobre os problemas da região.
FASE Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional	1980 a 1998	Organização não Governamental A atuação dessa organização na região de marabá contava uma equipe de quatro educadores e dois técnicos administrativos , entre as principais ações desenvolvidas se destaca a criação de cantinas comunitárias que visava a formação política de dirigentes políticos e o rompimento entre o pequeno produtor e atravessador na venda de sua produção.
INCRA/SR27 Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária Superintendência Regional 27	1996	Instituição Pública Federal instalada em Marabá no ano de 1996, principalmente pela insistência das organizações sociais e os conflitos de terras existentes, mas esteve presente na região desde a década de 1960 inicialmente pelo GETAT – Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantin que posteriormente incorporado pelo INCRA.
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	1989 -	Movimento Social de caráter nacional o MST inicia sua atuação no estado do Pará a partir da região sul e sudeste na década de 1990 Posteriormente, mais organizado e estruturado, o MST se faz presente na região de Tucuruí e, finalmente, aproximadamente em 1996, na região metropolitana de Belém.
FETAGRI - Regional Sudeste Federação dos trabalhadores na Agricultura	1996	Movimento Social e Sindical Organizada em 1996 agregando dezessete STR's entre os quais formavam a FATA/CAT, atua como junto a esses sindicatos no apoio e organização de acampamento, e aquisição de créditos, está associada a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG).
FECAP - Federação das Centrais e Uniões de Associações de Pequenos Produtores Rurais do Estado do Pará.	1999	Originária de Associações de trabalhadores Rurais e direção da Cooperativa Camponesa do Araguaia-Tocantins
FETRAF - Pará Federação dos trabalhadores na Agricultura Familiar	2005	Movimento Social e Sindical na região substitui a Federação das Centrais de Associação do Estado Pará a partir de 2005.
GTA Grupo de Trabalho Amazônico	1992	O GTA está estruturado em nove estados da Amazônia Legal, compõe o GTA: organizações não-governamentais (ONGs) e movimentos sociais de seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco babaçu, pescadores artesanais, ribeirinhos, comunidades indígenas, agricultores familiares, quilombolas, mulheres, jovens, rádios comunitárias, organizações de assessoria técnica, de direitos humanos e de meio ambiente.
EMATER Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará	1980	Órgão oficial do Governo do Estado do Pará criado em 1965 com o nome ACAR, destinado a prestar serviços especializados na área de ciências agrárias, como de assistência técnica e de extensão, fez se presente na região desde a década de 1980 .

Fonte: pesquisa de campo 2006/2007.

### 2.1.1.1. Os Movimentos Sociais e as Políticas de Reforma Agrária na Região Sudeste do Pará

Durante a década de 1980, a mobilização sindical foi feita através dos STR's por meio das delegacias sindicais que foram sendo criadas nas diversas localidades da região. Com a criação do Programa CAT e posteriormente a FATA, na década de 1990, estes passam a contribuir nas articulações entre o movimento sindical, o MST, as entidades de assessoria e o poder público local. Nesse período, surge a criação da representação da Fetagri na região que possibilitando a articulação do STR's. Durante o Congresso Estadual da Fetagri no ano de 1996, foi criada a FETAGRI - regional sudeste, que se tornou a principal forma de organização das ações do movimento sindical dos trabalhadores e agricultores rurais da região. (INTINI, 2004).

Por volta de 1989, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra organizou na região sul do Estado do Pará, ocupando a Fazenda Ingá, no município de Conceição do Araguaia. Em seguida, o movimento segue em direção aos municípios de Parauapebas, Eldorado dos Carajás, Curionópolis e Marabá. O assentamento Rio Branco no Município de Parauapebas, criado em 1993, foi o primeiro assentamento organizado pelo MST no estado, e serviu como base para a organização do Assentamento Palmares, e a formação de lideranças militantes do movimento na região. Surge, então, um novo ator social na região, promovendo outra dinâmica de atuação, diferente a do movimento sindical e inserindo novas dinâmicas na luta pela terra.

A chegada do MST à região modifica profundamente a dinâmica da luta pela terra. Ele já tinha um acúmulo de práticas e estratégias para conquistar, não apenas a terra, mas todos os direitos garantidos aos beneficiários dos projetos de reforma agrária. (op. cit.: 113)

O movimento sindical mobilizava os trabalhadores rurais para o enfrentamento aos latifundiários na conquista da terra e junto ao INCRA para que fosse encaminhada a criação dos projetos de assentamento, tantos das áreas recém ocupadas, como pela regularização daquelas em que agricultores já residiam há décadas. Quanto aos serviços: educação, saúde para as famílias assentadas, que deveriam ser garantidas pelas prefeituras municipais, e outras como estradas, infra-estruturas, créditos habitação, apoio e fomento pelo INCRA, não eram viabilizado uma vez que a política de reforma agrária era fragmentada, e dificultava a destas pelos movimentos. Através da experiência com o MST

que o movimento sindical passa a realizar outros encontros, tendo como principal interlocutor nesse diálogo a CPT.

A década de 1990 foi marcada por uma prática política de articulação entre organizações e entidades sociais, o que contribuiu significativamente na força do movimento social camponês. As ações desses movimentos têm possibilitado avanços nas implementações das políticas de créditos de apoio aos assentados. Tomando como exemplo a Comissão PROCERA/Lumiar<sup>33</sup>, composta por membros da UFPA, INCRA, MST e FETAGRI, a comissão foi diretamente responsável por toda a política de crédito agrícola para as famílias beneficiadas com o PROCERA, esta se constitui como um importante espaço de negociação das políticas públicas no âmbito da SR-27 entre os anos de 1998 e 2000. Bem como possibilitou a implementação do PRONAF (Programa Nacional para o Fortalecimento da Agricultura Familiar) que substituiu o PROCERA.

Através de suas reivindicações e do envolvimento de pesquisadores da Universidade Federal do Pará, tem se realizado desde 1999, vários projetos em atendimento a demanda educacional dos moradores dos assentamentos de reforma agrária. Estes projetos têm sido financiados pelo PRONERA do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), e no Sudeste do Pará tem sido implementado através da parceria da UFPA/Campus de Marabá, o INCRA e os Movimentos Sociais (MST e FETAGRI).

No âmbito do Campus Universitário tem sido realizadas parcerias por meio dos Colegiados de Pedagogia, Agronomia e Letras. A primeira experiência data do ano de 1999, com o curso de formação do Ensino fundamental de 5ª a 8ª série, seguido pelo ensino de nível médio/Magistério no ano de 2002. No ano de 2004 é ofertado o curso de Agronomia e em 2006 o curso de Letras.

Dessa forma, as ações desses movimentos não somente vêm reconfigurando a ocupação da terra nessa região, como tem estabelecido embates para consolidação dos assentamentos por meio de lutas pela execução de políticas de reforma agrária. Podemos pensar diante deste cenário que nessa região tem se instaurado um campesinato de fronteira, que possui todas as características de mobilidade social, bem como uma possibilidade de sobrevivência da família do agricultor. Almeida (2006) aponta que é possível pensar numa territorialização camponesa no sudeste do Pará, ao se considerar que até o ano de 2005 o número de projetos de assentamentos beira aos 400. Este pode ser

---

<sup>33</sup> LUMIAR - Programa de assistência técnica integral aos beneficiários de reforma agrária; PROCERA - Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária.

tomado como o cenário em que se insere o assentamento Palmares visto como uma referência para o MST no Pará. E para os moradores desse assentamento o que significa todo o processo de conquista da terra? Quais as lembranças do acampamento? E como estão constituídas as aspirações, a organização do assentamento? Essas e outras questões irão nortear a minha leitura da constituição do assentamento Palmares II.

## **2.2. “Seja Bem Vindo a Palmares”**

O Assentamento Palmares II fica localizado nos limites do município de Marabá, no entanto sua relação distrital feita pelo INCRA é o município de Parauapebas em função de sua proximidade com o núcleo urbano de Parauapebas distante apenas 20 km deste. O assentamento tem seus limites territoriais com vários outros assentamentos, conforme os mapas I e II. Com aproximadamente quatro mil habitantes, a vila Palmares II é composta por 517 lotes, disposto em quadras, estes pertencentes a cada família assentada, no entanto existem agregados que também moram aos fundos ou ao lado dividindo os lotes, podemos encontrar escola, igrejas comércios e lanchonetes pelas ruas da vila. Na entrada da vila Palmares II uma placa vermelha anuncia as boas vindas aos visitantes, além de informar que o Assentamento é organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

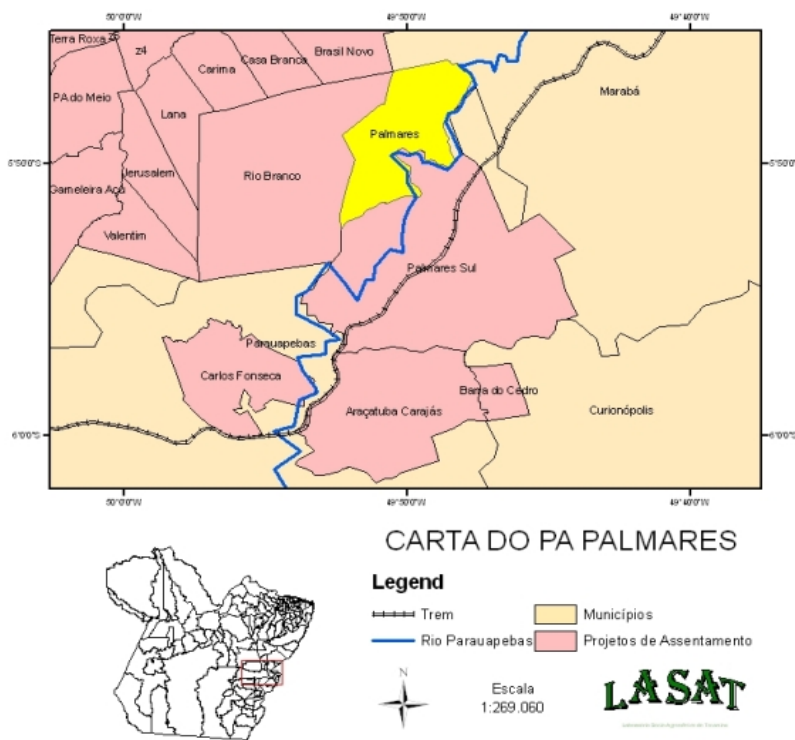
Relembro os dias que estive no assentamento, para descrever a vila e o histórico da construção do assentamento, aliás, são os moradores e as minhas lembranças sobre este lugar que o apresenta. Utilizo para escrever os próximos tópicos, as informações anotadas no diário de campo e os memoriais do PRONERA.

As reflexões de Silva, C. (2004), sobre a constituição de novas relações cotidianas; das tentativas de construir sujeitos militantes, presentes nas práticas do MST, e como estas influenciam nas relações de homens e mulheres dentro do MST, nortearam a discussão deste texto. A partir da análise de Silva, M. (2004), sobre depoimentos de pessoas acampadas e assentadas os quais lhe permitiu visualizar a realidade dos sem-terra, além das manchetes de jornais. É também um pano de fundo teórico nas observações a cerca das experiências de acampamento e da consolidação do Assentamento Palmares II.

**Mapa I - Localização do Assentamento Palmares II em relação aos Municípios**



**Mapa II - Localização do Assentamento Palmares II em relação aos Assentamentos**



### 2.2.1. Falando do Acampamento: “No tempo de acampamento”<sup>34</sup>.

No dia 26 de junho de 1994, 1500 famílias ocuparam uma área da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), conhecida como Cinturão Verde, objetivando a desapropriação para criação de um assentamento. Após três dias foram despejados, e logo se alojaram frente à Prefeitura de Parauapebas, e em seguida, acamparam frente à Superintendência Regional (SR27) do INCRA na cidade de Marabá, onde passaram cinco meses. Retornando a Parauapebas para acamparem em frente à câmara de Vereadores, e depois no local conhecido como “Zé de Areia”, quando em 14 de maio de 1995 houve a ocupação na fazenda Rio Branco, e somente em janeiro de 1996 o Projeto de Assentamento Palmares foi oficializado pelo INCRA, sendo assentadas 850 famílias. Recebeu seu nome em homenagem aos trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares.

O Assentamento representa uma vitória frente aos sofrimentos e as lutas travadas durante as ocupações e o período de acampamento. De acordo com Silva, C. (2004: 61), os assentamentos e acampamentos representam etapas e ações distintas para os sujeitos que compõe o MST. O período de acampado lembra o momento da organização das famílias, a ocupação das terras visando chamar a atenção para as reivindicações do grupo e forçar a desapropriação. Essas questões podem ser percebidas no memorial de uma educadora, moradora do assentamento, quando escreve sobre o processo de ocupação e formação do acampamento que originou o PA Palmares II.

Me orgulho muito de fazer parte de uma organização como esta, ajudei a ocupar o cinturão verde área de preservação ambiental da Vale do rio doce juntamente com três mil famílias ouve grande repercussão a nível nacional do MST, fomos despejados e ficamos acampados no centro da cidade de Parauapebas, o prefeito era Francisco Alves de Sousa, popular Chico das Cortinas no qual negociamos cestas básicas para as famílias acampadas e lonas para a construção dos barracos e dezoito ônibus, seis caminhões para nos levar até o órgão responsável, superintendência de marabá onde passamos 4 meses acampados de frente ao INCRA. Durante a vida no acampamento fizemos varias ocupações nos órgãos públicas INCRA, Prefeituras, as BR, como forma de pressionar o governo, até greve de fome foram feitas para sensibilizar a sociedade, em todas táticas de lutas fomos vitoriosos. (SILVA, M. C. 2004: 17-20, Memorial)

Este orgulho, presente no memorial, pode ser lido também em informativos do MST e outros espaços de divulgação dos movimentos de reforma Agrária no Pará<sup>35</sup>. O

---

<sup>34</sup> Esta expressão foi usada por alguns moradores do assentamento quando indagados da experiência do acampamento e a relação com o assentamento.

assentamento Palmares faz parte das primeiras ações deste Movimento na região sul e sudeste do Pará, iniciadas em 1989, através de sindicalistas que já participavam de encontros nacionais do MST. A organização do acampamento se iniciou após a definição do assentamento Rio Branco<sup>36</sup>.

No dia 26 de junho de 1994 um grupo de famílias ocupou a área Cinturão Verde<sup>37</sup>. Essa ocupação e organização que no memorial, Silva, M.C. (2004) lembra com orgulho, também são referidas por Carlos, morador do assentamento, como uma ação histórica para Movimento:

O Palmares é assim o modelo, é o maior assentamento do MST no Pará. É que o movimento já tinha assim uma organização né?! Porque na época que pra ocupar a Rio Branco tava começando, aqui não, foi mais organizado tinha mais pessoas e foi mais luta, foi mais atividade de acampar em Marabá em frente do INCRA, ocupação da área da vale, e foi todo um processo. (Carlos, entrevista realizada em 16.07.2005).

Na entrevista e na citação do memorial é perceptível ainda a ênfase em apontar a organização e o processo por meio do qual as diversas famílias foram vitoriosas nas suas estratégias. Essas afirmações demonstram uma presença maior das normas do movimento, assim como as diversas formas de pressionar os órgãos responsáveis e chamar a atenção da sociedade para tornar “visíveis” suas lutas. Estas afirmativas nos remetem à discussão proposta por Kuschick (1996) de que o MST disputa espaços nos meios de comunicação (jornais, rádio, televisão), e o faz através das formas de reivindicar a terra. Assim as estratégias como acampamentos, passeatas e caminhadas, que rompem a tranquilidade das cidades, apresentam o/a agricultor/a como alguém disposto a conquistar seu espaço, construindo a visibilidade do MST através da mídia.

Não obstante a ocupação de uma área pertencente à CVRD, bem como o número significativo de pessoas envolvidas num acampamento, aproximadamente 800 famílias, são características que proporcionam ao acampamento e atualmente assentamento Palmares, constituído em meados de 1994, ser tomado como referência histórica na consolidação do MST no estado do Pará. Esta condição justifica o orgulho desta conquista, sempre ressaltando o fato de terem participado de tais momentos, os quais fazem parte das histórias (re) contadas pelos sujeitos que vão se constituindo desde o período de

<sup>35</sup> Outro exemplo de espaço de divulgação é o site do movimento na *internet*: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)

<sup>36</sup> O assentamento corresponde a 12 mil hectares da Fazenda Rio Branco município de Parauapebas, no qual foram assentadas 250 famílias.

<sup>37</sup> A área Cinturão Verde corresponde à parte de uma concessão feita pelo senado em 1986 à companhia Vale do Rio Doce (CVRD) de 411.946 hectares.



acampamento. Dessa forma, este sentimento permanece no que se escreve e quando se fala do assentamento.

A imagem do acampamento, as lembranças de um momento de resistência e sonhos, sempre em destaque nas entrevistas e memoriais dos assentados, demonstra o significado que a vida durante o acampamento e a participação neste momento histórico do Assentamento Palmares, está presente na construção de uma memória de luta pela terra. E ao referir ao acampamento este é descrito como um marco na conquista da terra e da possibilidade de “melhores condições de vida”, bem como um momento importante para a identificação da condição de Sem-Terra. Como demonstra o relato no memorial de Silva, M.C. (2004: 21):

Acampamento pra mim entendo como um período de formação, caracterizando a nova sociedade que desejamos construir [...] Vários acampamentos foram feitos e ninguém desanimava, alguns com sede de ser escravizada, sem convicção de luta desistem ninguém muda as outras pessoas, é necessário aceitá-los a mudança [...] os acampamentos eram sempre agrupados os barracos feitos de pedaços de madeira achados na rua, ou buscados nos matos, cobertos de palhas ou lona preta, até tornou-se para nós um símbolo. Todos os acampamentos que construímos, tinha a escola, a praça onde funcionava as assembléias e festas, cultos e etc. Nossa bandeira sempre ficava hasteada em plena praça e todos tinham muito respeito por ela. Na verdade éramos um povo feliz porque existia amor uns pelos outros, solidariedade e companheirismo.

Esta citação acrescenta que o acampamento também é descrito como espaço de dificuldades, mas a solidariedade e o desejo de conquistar da terra, o faz especial. É também o momento que as normas, os símbolos do MST, passam a estar presentes: a bandeira, a escola, os barracos, considerados como símbolo de resistência, as reuniões e assembléias para as tomadas de decisões. Esta construção de símbolos a partir do cotidiano é demonstrada a partir da ritualização dos valores, proposto pelo MST. Castells (2002) postula que este o faz através da Mística, que pode ser tomada como a encenação do cotidiano dos acampamentos e assentamentos. É uma prática que atua como forma de mediação do ideário do MST presente na fase interna e na fase pública, mesclando herança marxista com a teologia da libertação. A mística é também uma estratégia que propõe construir uma identidade política dos sem-terra através dos símbolos: barracas, cores, ferramentas, etc., compartilhados nos momentos de resistência – acampamentos, marchas, manifestações –, os quais passam a fazer parte da memória coletiva a ser apropriada pelos sujeitos sem – terra. No entanto, estes os recriam e contextualizam permanentemente seus

significados, dando continuidade à luta, apresentando uma identidade própria do ser Sem-Terra.

Os discursos produzidos no período de acampamento se constituem em ferramentas para a construção do “sujeito militante” e da afirmação de valores do movimento. É o começo da construção de um nós coletivo, o da identidade social Sem-Terra, permeada pela solidariedade e o companheirismo<sup>38</sup> e que estão sempre presentes quando estes momentos são lembrados, quando se fala do acampamento, sendo a “luta” então engrandecida pelos números sempre destacados. Essas questões podem ser notadas na descrição da saída do acampamento em direção a terra a ser ocupada, feita no memorial de Silva, M.C. (2004: 20 - Memorial):

Em 14 de maio de 1995 ocupamos a fazenda Rio Branco, homens e mulheres e crianças engrossaram a fileiras na ocupação todos em silêncio [...]. Aquele dia sendo um momento de grande realização marcou-me profundamente cada gesto dos companheiros e companheiras, cada dia que falo sobre esta grande ocupação realizada com 856 famílias, com aproximadamente 3200 pessoas. Muito me alegro quando começo a comparar aquela vida com hoje. Algo muito importante permanece em minha memória sobre uma amiga, guerreira que não temia a luta [...] via nela tanta coragem mesmo sendo muito jovem mãe de dois filhos, levando consigo uma criança de colo sobre o peito enfaixada com um lençol, aquilo trazia para reflexão em se bastante otimismo.

Nos momentos de enfrentamentos a coragem do outro, torna-se imagem de luta. E esse olhar para o outro destaca a coletividade defendida pelo movimento<sup>39</sup>.

Ainda podemos apontar que ao informar que todos estavam em silêncio, a narrativa demonstra, o caráter sigiloso deste momento, em que algumas informações por vezes não são repassadas a todos, apenas o necessário, e até mesmo o aviso de partida é repentino. Silva, M. (2004) afirma ser esta uma estratégia para evitar as reações tanto dos proprietários, quanto do aparato jurídico e policial. Estas estratégias demonstram em alguns momentos uma diferença entre homens e mulheres. Muitas vezes, são eles que sabem de maiores detalhes, que são convocados para a reunião que discutirá a questão da segurança.

Silva, C. (2004) também identifica esta questão na sua pesquisa, considerando que muitas das vezes as mulheres são vistas como menos confiáveis em alguns momentos, não lhes sendo indicadas algumas funções. Algumas delas participam deste momento quando

---

<sup>38</sup> Sobre o significado da solidariedade e companheirismo na luta pela terra ver também SILVA, C. (2004).

<sup>39</sup> Sobre a defesa da coletividade no MST, ver MST (2001).

fazem parte da coordenação do movimento. Assim, o momento da partida, a saída ou mudança de acampamento, em que todos organizam itens de uso pessoal e familiar, para partir, não é definido como espaço de decisões e organização das ações do movimento. Mas são as mulheres, as responsáveis pelas crianças pelo barraco e pelos bens, o que na maioria das vezes representa a maior parte do acampamento. E somente no último momento são informadas da partida, a fim de preparem a mudança, as crianças, para se retirarem do acampamento.

O momento da partida envolve todos os acampados, que se organizam de diversas maneiras para se retirarem. Silva, M., (2004: 80) define como:

O momento do início da luta pela inclusão social, no qual a terra aparece não somente como elemento mediador para que o projeto ocorra, mas também como uma espécie de retorno, de reencontro com algo totalmente perdido, esse momento da dialética do desenraizamento/reenraizamento. Muitas contradições afloram nesse momento de passagem. A viagem em busca desse lugar desconhecido é, para muitos, sem volta. Para outros corresponde ao começo de muitas outras.

De acordo com Silva, C. (2004: 61), o tempo de acampamento é um tempo de muitas marcas, “tempo que se deixa tudo para trás em busca do sonho da terra própria de melhores condições de vida”. Silva, M.C. (2004) apresenta no seu memorial esse momento contendo detalhes como: o número de pessoas que participavam da caminhada, da condição de estarem em silêncio, os quais se misturam com momentos de admiração pela amiga do tempo vivido no acampamento.

Kuschick (1996) apresenta uma relação entre os símbolos cristãos e rituais religiosos, principalmente da Igreja Católica, e a construção das trajetórias dos acampados e assentados. Exemplo disso são as romarias presentes em rituais católicos, realizadas através das caminhadas em direção a um lugar santo com fins penitenciais de evocação ou agradecimento. Estas características são incorporadas a elementos políticos e de organização popular. Assim, as caminhadas ou as marchas realizadas por aqueles que estão na “luta pela terra” surgem como estratégias para chamar atenção pública entre uma ocupação e outra, bem com as reivindicações específicas.

Para falar do assentamento Palmares II, ainda é necessário lembrar mais um fato do tempo de acampamento, que os/as moradores/as descrevem aos seus visitantes demonstrando a importância da organização do MST. Esse fato se refere à existência do assentamento Palmares I. De acordo com Simone, uma das lideranças do assentamento e

do MST no estado do Pará, o acampamento era constituído por um só grupo. Mas quando foi tomada a decisão pelo movimento onde seria localizada a vila, partes dos integrantes não concordaram e queriam que a vila ficasse no mesmo local do acampamento, próximo à rodovia que dá acesso a Estação Ferroviária de Carajás. Segundo ela, alguns integrantes foram influenciados por algumas lideranças políticas locais. Diante do impasse, foram criadas duas vilas, no mesmo assentamento e a divisão dos lotes também considerou estas questões.

Percebemos que durante este momento, da organização da luta pela terra, estão inseridos outros personagens e não só os sujeitos acampados. Quer, sejam políticos, ou organizações governamentais e não governamentais que participam de diversas maneiras no cotidiano do acampamento, alterando os cenários da luta pela terra<sup>40</sup>. No caso do Assentamento Palmares, embora exista uma separação na organização e na localização das vilas, os dois assentamentos estão interligados, seja por se localizarem numa mesma área de ocupação, seja pelas relações de parentesco e amizades estabelecidas por seus moradores durante o período de acampamento. Esses fatores permaneceram após o processo de assentamento.

### **2.2.2. Assentamento Palmares II: “Cada lugar aqui eu sinto que tem minha contribuição”<sup>41</sup>**

Na leitura dos memoriais, nas entrevistas realizadas e nos informativos do MST, percebi o PA Palmares descrito pelo seu tamanho e a quantidade de famílias assentadas:

O assentamento que eu moro, Palmares que fica há vinte e dois quilômetros de Parauapebas. É um dos maiores assentamento do Estado do Pará, por sinal muito bonito, com algumas imagens um pouco privilegiadas, circundado por árvores e um rio. A forma como foram organizadas as casas foram bem elaboradas, no sentido da bela visão que se tem logo na chegada. São 517 famílias assentadas, com aproximadamente 6.000 pessoas. (LUZ, S.F. 2004: 25; Memorial).

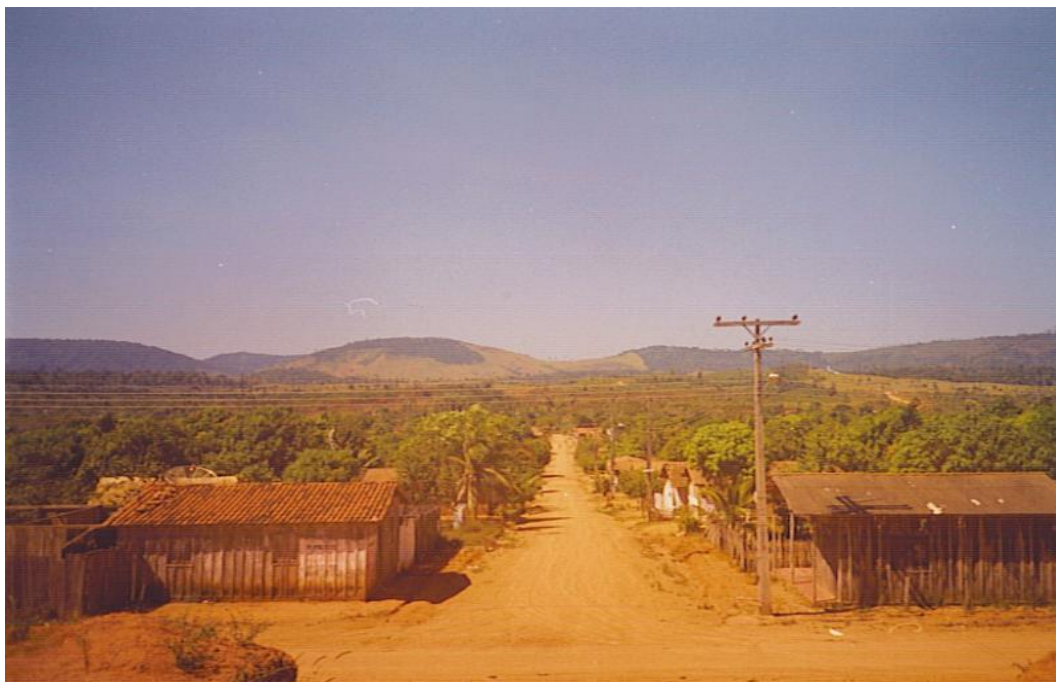
A localização dos lotes foi feita a partir dos núcleos de bases (NB's) através dos quais as famílias que moram no assentamento estão organizadas. Estes núcleos são formados desde o período do acampamento. Como estratégias de organização para formá-

---

<sup>40</sup> Sobre a inserção de novos atores políticos no processo de reforma agrária ver a análise de, SILVA, M. (2004).

<sup>41</sup> Márcia entrevista realizada em 20/07/2005, registro no diário de Campo.

los, o principal critério são as afinidades entre as famílias<sup>42</sup>, sendo esse um dos motivos de encontrarmos hoje numa mesma rua da vila, várias casas nas quais há uma ligação de parentesco. A partir destes núcleos, com dois coordenadores um homem e uma mulher, que é formada a coordenação geral do assentamento. Não obstante, temos no assentamento famílias que não fazem parte dos núcleos, ou porque vieram morar com os parentes<sup>43</sup> e não participaram do acampamento, ou que se afastaram, deixando de participar das reuniões e organizações feitas de forma sistemática no acampamento e atualmente são realizadas com menos frequência no assentamento. O fato da existência de famílias não nucleadas é um dos problemas apontados por alguns moradores, que possuem uma inserção no Movimento sendo militante ou não, para realizarem os trabalhos de base e organização do assentamento.



**Foto 2:** Vista de umas das vias principais do Assentamento Palmares II

Apontando este espaço como belo, que ajudou a construir através do acampamento das marchas entre outros, que Nunes, C.O. (2004: 45) afirma em seu memorial ser “Nele

---

<sup>42</sup> Sobre esta questão ver MST (2001:85).

<sup>43</sup> Araújo & Schiavoni (2000: 24), em sua análise sobre a povoação da localidade “sitio Novo” na Transamazônica/PA, caracteriza se por um “reagrupamento entre colaterais, as migrações familiares gerações familiares desempenharam um importante papel” demonstrando que a construção de redes de parentesco como estratégias na ocupação de terras. Talvez análises de parentesco possam ajudar a entender uma das especificidades da migração e a ocupação essa região, inclusive a importância das mulheres nesse processo.

[assentamento] conquistei uma terra de onde tiro alimento para mim e minha família e posso ver meus filhos e os filhos dos meus companheiros (as) indo para a escola conquistada por cada um (a)”. As casas no assentamento, em sua maioria, são construídas de tijolos, possuem flores e gramado na frente características apontadas por Silva, C. (2004), que define esta imagem enquanto uma normatização presente nos cadernos de formação do MST. Percebemos num destes cadernos a orientação: “se o assentamento de fato é o local onde pensamos em construir as nossas vidas e ali criar raízes este assentamento deve ser bonito, [...] ele pode representar o ‘Jardim do Éden’” (MST, 2001: 101). Dessa forma a moradora não apenas quer fazer do seu assentamento um lugar bonito, mas também mostra através de seu relato a beleza que sente e o prazer de estar ali.

### **2.2.3. Organização e produção no Assentamento**

A Associação de Produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Palmares (APROCPAR), é responsável por organizar a produção do assentamento. Sobre a Associação Luz, S.F. (2004: 26 - Memorial) esclarece que:

A maioria dos assentados está desde o início da ocupação, e outros só entraram depois, literalmente a maioria está ligada a terra, trabalhando para a sobrevivência. Além dos núcleos somos organizados de outras formas como os setores que são vários [...]. Existe também a APROCPAR - Associação de produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Palmares - onde as famílias se organizam para juntamente com a equipe técnica, elaborarem projetos de financiamentos e analisar as formas de administrar a produção e a renda familiar.

A associação tem um papel fundamental que é a captação de recursos e a realização de projetos para o assentamento enquanto uma entidade jurídica que representa os assentados. Cada família assentada possui um lote na vila, e outro com 25 hectares onde realiza sua produção agrícola; alguns lotes são próximos à vila, distantes de 500 metros, outros distam oito quilômetros. De acordo com Brito, J.M. (2004: 21 - Memorial):

A renda das famílias assentadas na Palmares II tem origem nas atividades de criação de animais, na prática da agricultura e na exploração extrativista e na venda da mão-de-obra. Entre as principais atividades podemos citar; a criação de animais, peixe em cativeiro, Criação de bode, gado e aves, agricultura, hortaliça, culturas permanentes como cupuaçu, manga, café, castanha e outros. Para viabilizar o beneficiamento dessas atividades produtivas foram instaladas fabricas de limpar e empacota

arroz, fabrica para beneficiar a mandioca e empacotar farinhas produzidas, laticínio, etc... Além dos comércios existentes que são atividades desenvolvidas por famílias assentadas.

A maioria das pessoas, como foi afirmado acima, retira sua renda a partir de sua produção vendida no mercado do produtor na cidade de Parauapebas. Porém, alguns moradores apontam problemas no transporte de sua produção, seja pela distância, falta de veículos ou precariedades das estradas, sendo que estas questões inclusive foram apontadas em assembléias no assentamento<sup>44</sup>. E quanto à casa de farinha e usina, segundo o morador Carlos hoje não estão funcionando, devido a um erro no planejamento, pois a produção do assentamento não é suficiente para que esta funcione durante todo o ano.<sup>45</sup>

A produção do assentamento é citada com orgulho, considerando que esta é uma resposta da organização do movimento “[...] à sociedade por ser um assentamento que abastece a cidade de Parauapebas com alimentação”. Nunes, C.O. (2004: 45 - Memorial). Os assentados cultivam milho, arroz, feijão, mandioca, que além de serem destinadas ao consumo da família são comercializadas, além do cultivo de frutas. Também são criados, gados bovinos, caprinos, suínos, galinhas a fim de fornecer leite, queijo, ovos, carne. Ainda é presente em algumas propriedades, forno para produzir carvão, a serem comercializados. Essa pode ser considerada uma das razões da importância do PA Palmares para o MST no estado de acordo com as afirmativas acima, bem como o destaque que este tem adquirido no município de Parauapebas.

Durante a pesquisa estava sendo realizado no município de Parauapebas o lançamento do Orçamento Participativo (O.P.), através de assembléias em alguns setores do município no Assentamento Palmares II foi realizada a assembléia de lançamento e escolha de delegados no dia 10 de julho de 2005, foi a primeira atividade pública que participamos no Assentamento, realizada no Palhoção (Foto 3) com a presença de outros assentamentos como Rio Branco, Barra do Cedro, tinha várias pessoas, (crianças, mulheres, homens, jovens, adultos, idosos) para a escolha dos delegados foram divididos por assentamento e região, como o critério de escolha dos delegados era de 10 para 1, o assentamento Palmares com um número maior de moradores na assembléia s dividiu em setores, o qual elegeu um representante. Pude observar quanto à divisão de Gênero e

---

<sup>44</sup> Na assembléia realizada 10 de julho de 2005, além dos problemas referentes à produção, foi apontado o problema de segurança, alguns assentados questionaram a ausência da segurança pública, uma vez que no assentamento moram outras pessoas que não só as famílias assentadas, sendo que muitas casas são alugadas, e os proprietários moram na “roça” (lote onde realizam atividades de produção). (Diário de Campo)

<sup>45</sup> Diário de campo 16/07/2005

geração nos setores. O setor de Produção era composto apenas por homens a partir dos 35 anos, o coletivo de gênero formado apenas por mulheres entre 20 a 35 anos, o setor de saúde e educação tinha um número maior de mulheres e alguns homens numa faixa 20 a 40 anos; o setor de cultura era também formado por mulheres e homens entre 15 a 25 anos.<sup>46</sup> Os delegados eleitos representariam o distrito nas outras fases do processo. Foram eleitos como prioridade no Distrito Administrativo de Palmares II (DAP 2) 1º Desenvolvimento rural Sustentável; 2º Infra-estrutura; 3º Saúde; 4º Educação: as principais obras – Construção da Ponte Rio Novo (Barra do Cedro); Pavimentação das ruas da agro-vila ( Palmares II); Abertura e recuperação de estradas interligando vicinais ( Palmares II); Construção da Praça na Vila ( Palmares II); Recuperação de estradas ( Rio Branco).



**Foto 3:** Palhoção, local de reunião e assembléia no assentamento.

No período em que estive no assentamento, era rediscutida a organização do Assentamento Palmares e era proposta uma divisão em três núcleos chamados de brigadas: Doutor; Onalício Barros e Oziel, as quais objetivavam inserir todos os moradores na reorganização do assentamento.

---

<sup>46</sup> As formas rápidas em que os grupos se organizaram formando vários círculos, me trouxeram imagens, que permitem visualizar neste espaço divisão sexual do trabalho, embora refletindo sobre gênero e um projeto novo, este permeado pelo velho, assim muitas tarefas, atividades, ainda são nomeadas às mulheres, e outras aos homens principalmente aquelas tidas com maior importância, como o setor de produção.



#### .2.4. A Educação no Assentamento Palmares II: “A escola ‘Crescendo na Prática’ é uma entre tantas outras [conquista] do Assentamento Palmares”



**Foto 4:** Escola “Crescendo na Prática, localizada na rua Quilombo dos Palmares principal via de acesso no assentamento

Aqui também percebemos uma temática sempre mencionada nos memoriais, a escola. Como os trabalhos/memoriais foram escritos por professores do Assentamento Palmares alunos do curso de formação/magistério, a escola é espaço onde estes desenvolvem sua prática pedagógica<sup>47</sup>, sendo descrita como uma conquista e através dela, reafirmam sua participação na construção do assentamento.

São várias as lutas e conquistas, a escola “Crescendo na Prática” é uma entre tantas outras do Assentamento Palmares. É através dela que as crianças estudam com alguns professores que moram no assentamento e outros que moram em Parauapebas. Seu funcionamento se dá através de uma direção coletiva que ajuda a conduzir o processo político e pedagógico. (LUZ, S.F. 2004: 27 - Memorial).

Diante dessas descrições<sup>48</sup> notamos a importância deste espaço para alguns moradores de Palmares, seja pela ênfase dada pelo movimento à educação<sup>49</sup>, seja pela

<sup>47</sup> Sobre a experiência da educação do campo e PRONERA na região sudeste do Pará, ver Silva & Menezes (2005).

<sup>48</sup> Durante o evento sobre Educação do Campo, nos dias 19, 20,21/05/2005, no campus de Marabá, participamos dos espaços de diálogos, no qual a escola Crescendo na Prática era uma das mais citadas, e descritas pelo seu grande número de alunos (a escola possui aproximadamente 1.900 alunos) e por sua organização, que é formada por uma “direção coletiva” eleita pelos assentados.

<sup>49</sup> Sobre a importância da educação nos assentamentos ver, Souza (2000).

visão desta como um espaço de atuação e socialização das diversas pessoas que por ali circulam. Conheci a escola na segunda ida à Palmares. Como foi durante as férias, apenas o vigia, e alguns professores e funcionários da secretaria lá se encontravam. Percebi que sua estrutura apresenta as marcas do movimento através dos seus símbolos. No Muro ao lado do nome da escola “Crescendo na Prática” está a frase “Reforma Agrária por um Brasil sem latifúndio”. Após o portão temos os três blocos de sala de aula de um lado e do outro a secretaria e biblioteca, ao fundo o pátio, a copa e os banheiros. No centro da escola vemos a bandeira do MST ao lado da Bandeira do Brasil, e havia um jardim no qual tínhamos o nome da escola “Crescendo na Prática”, o mapa do Brasil e dentro deste a sigla MST. Dos blocos de sala de aula um me chamou a atenção; nele estava escrito: “Bloco Oziel Pereira”, nome de um jovem que morreu durante o Massacre de Eldorado dos Carajás<sup>50</sup>. Percebo então as marcas da “luta pela terra” sendo gravadas num espaço em que a história desse movimento deve ser transmitida de acordo com os cadernos de formação que afirma que “nossa historia da luta não pode ser esquecida”. Dessa forma, temos a construção de uma memória coletiva neste espaço, que de acordo com MST (2001: 95), “A escola deve vincular-se à organicidade do assentamento [...] realizando atividades culturais recuperando a memória coletiva da comunidade e do MST. Cultivando nos estudantes, a mística e os valores de nossa organização”.

A escola “Crescendo na Prática” está localizada na Rua Quilombo dos Palmares, que pode ser considerada a principal rua da vila, denominada também como “eixão”, dando acesso a outras localidades, vilas e assentamentos e até mesmo ligando o município de Parauapebas ao município Marabá. É por ela que os moradores têm acesso aos lotes onde fazem suas roças. Mas enquanto uma das Ruas da vila Palmares II inicia-se logo após a placa de boas vindas, a partir daí podemos ver o campo de futebol, local de realização dos torneios que envolvem outros assentamentos e localidades vizinhas; o “Palhoção” ou “Chapéu de Palha”, local de realização das assembléias, festas e outras reuniões do assentamento<sup>51</sup>. Logo após temos o laticínio, a Usina de beneficiamento de arroz, a

---

<sup>50</sup> O conflito de Eldorado ocorrido em abril de 1996 é por vezes citado nos memoriais de forma apaixonada: “Em 17 de abril de 1996, às seis horas da tarde, quando o sol já se escondia talvez com vergonha de querer presenciar tão cruel barbárie, chegam dois ônibus cheios de policiais armados, preparados para matar, [...]. O MST, no país inteiro chora a morte de 19 combatentes entre eles o jovem Oziel Alves Pereira que tinha apenas 17 anos.” (Márcia 2004: 27). Para uma compreensão do Conflito de Eldorado dos Carajás ver Brelaz, (2006).

<sup>51</sup> Durante o trabalho de campo participamos de varias atividade desenvolvidas no Palhoção, a primeira referente ao aniversário de 11 anos do assentamento que durou duas noites de mística, apresentação de

APROCPAR, as lanchonetes, bares, a escola citada acima e logo após uma quadra vazia, que segundo alguns moradores é destinada à construção de uma praça e que, no entanto é utilizada por alguns/as garotos/as para jogarem voleibol no fim de tarde.

### **2.2.5. Os Espaços de Lazer “... Depois da escola a gente sai vai tomar um sorvete, ai é mais movimentada”.**

São nestes espaços, entre escola, lanchonete, sorveterias e bares que se realizam os movimentos da noite no assentamento. Segundo Carlos, no período de aulas, a vila fica mais movimentada: “aqui nas férias é muito parado, as meninas não saem de casa. A escola é ponto de encontro, depois da escola a gente sai vai tomar um sorvete, ai é mais movimentada”<sup>52</sup>.

Os espaços aqui também são reinventados e são diversas as estratégias como no acampamento, principalmente pela juventude que constroem seus espaços de lazer construindo novas relações no assentamento. E aqui a escola tão enfatizada pelo movimento como espaço de formação da educação é também espaço de socialização. (SILVA & SOUSA, 2005: 05).

Há também outros espaços indicados para o lazer no assentamento, como o rio Parauapebas, e antiga sede da fazenda que é freqüentada nos finais de semana. Na vila também acontece show de alguns cantores regionais. Luz, S. F. (2004: 28 – Memorial) apresenta também como espaço de Lazer no seu memorial além destes, “as festas, os campeonatos de futebol e as atividades culturais desenvolvidas na escola ou no palhoço. Cada pessoa participa desses espaços de acordo com seus gostos”. Além destes temos várias igrejas que também possuem espaço para atuação de vários grupos, sendo destacado por um entrevistado, o grupo de jovens da igreja católica, que está sendo retomado por alguns jovens, assim como outros grupos mais gerais do assentamento. Estes se organizam para discussões políticas, apresentação de danças folclóricas etc. Para Brito, J.M. (2004: 23 - Memorial), “o grupo se tornou algo muito importante para o assentamento no sentido de estar contribuindo com a formação dos jovens e conseguiu dar frutos como o grupo de capoeira, carimbó e o grupo de quadrilha que até hoje existe no assentamento”. O grupo referido (Movimento Juvenil de Palmares) não mais existe, mas como a própria aluna se

---

grupos folclóricos do assentamento, e cantores regionais. Participamos de assembléias de reivindicações realizadas junto a prefeitura de Parauapebas e CVRD e outros assentamento da região

<sup>52</sup> Carlos, assentamento Palmares entrevista em 19/07/2005, registrada no diário de campo.

refere há outros que continuam agrupando a juventude de Palmares de diversas maneiras. Durante a festa de aniversário do Assentamento, foram feitas apresentações de quadrilhas, capoeira e “dança do boi”; estes grupos são formados por crianças, adolescentes e a juventude da vila, e atualmente recebem incentivos da prefeitura Municipal de Parauapebas. Percebemos assim as diversas estratégias, seja pelos/as assentados/as ao construírem seus espaços de relações, seja pelo movimento que se insere na formação política desses grupos no sentido de construir novas lideranças.

Além destes, as diversas igrejas<sup>53</sup> fixadas na vila promovem atividades que envolvem a comunidade, como cultos, encontros e grupos de jovens, adolescentes, casais. E constitui em possibilidades de outras atividades que não somente aquelas ligadas ao trabalho diário com a roça, ou a atividade de empregado.

Dessa forma, podemos pensar o assentamento enquanto um lugar onde diversas trajetórias e desejos se constroem, entendendo que o lugar define então o pertencimento social a determinado território e que este de acordo com Silva, M. (2004), não diz respeito apenas ao espaço geográfico, físico, mas também aos espaços simbólicos, que envolvem significados da cultura, da vida social, ali existentes. Neste sentido, o assentamento é o espaço em que mulheres e homens estabelecem relações construídas que se cruzam a partir do acampamento. E no espaço do acampamento, temos a mãe e/ou o pai que o considera uma possibilidade para criar seus filhos; mulheres que caminharam sozinhas, que sofreram processos de exclusão, inclusive de gênero, fazem deste espaço uma possibilidade para realizarem seus desejos, estabelecendo sua importância para os outros. Mulheres e homens, jovens e adultos, demonstram a quem os “visitam”, ser este espaço uma possibilidade de tornarem sujeitos de sua história.

---

<sup>53</sup> Macedo, (2006: 101) identifica que “a religião oficial no assentamento é a cristã, havendo várias igrejas, católica, assembléia quadrangular, batista, cristã, adventista do sétimo dia e outras, existindo ainda pessoas que pertencem à religião - afro que segundo alguns informantes sem praticá-las, pois não é visto com bons olhos estas práticas”.

### **CAPÍTULO III**

#### **RECONTANDO HISTÓRIAS: GÊNERO, SUBJETIVIDADES E MST**

Parecem coisas tão pequenas diante de um objetivo maior – conseguir que todas as pessoas tenham acesso à terra. Entretanto, essas são coisas pequenas para quem? Não são para quem as vive no cotidiano das relações. [...] a forma escrita dá aos relatos do dia-a-dia cores muito vivas, essas coisas “pequenas” ganham força, explicação e respeito.  
(PEDRO, 2004).

Este capítulo tem como objetivo responder as perguntas iniciais deste trabalho a cerca das experiências que homens e mulheres vivenciam no processo de ocupação e posse da terra, enfocando as relações desses sujeitos com a organização do MST, as diferentes formas de inserção no MST, entre elas as que apontam as especificidades de gênero. Uma vez pensando o gênero como uma categoria de análise, enquanto possibilidade de outros olhares aos recantos da história da luta pela terra nesta região.

Dessa forma, algumas histórias de vida apresentadas a seguir marcam as diferenciações de gênero e as experiências dentro de um assentamento organizado pelo MST, apontando para as subjetividades impressas na construção de um “novo homem” e de uma “nova mulher”, proposta por esse movimento.

O MST dentro do quadro dos novos movimentos sociais tem mesclado projetos de alcance global com aqueles mais localizados. Para Scherer-Warren (1996) os “novos” movimentos sociais almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado e sociedade civil, bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados. Guatarri (1986) aponta que os novos movimentos sociais não somente se caracterizam por essas resistências, ao processo geral, mas também na tentativa de produzir novas subjetividades singulares. Os indivíduos /sujeitos podem em alguns momentos se submeterem aos processos de subjetivação, mas eles também podem se apropriar, criar, e reapropriar outros componentes dessas subjetividades produzindo singularidade. (SILVA, 2004). Nesse sentido podemos a partir dos estudos de gênero, movimentos sociais e subjetividades, perceber que as lutas, os embates travados não estão restritos a uma ordem econômica ou política (num sentido macro), mas também o são entre as diferentes maneiras pelos quais os indivíduos ou grupos têm a percepção da sua existência.

Dessa forma, podemos pensar que os espaços como os assentamentos em que o MST propõe as transformações sociais, podemos olhar a complexidade social. É também nestes espaços que se apresentam as fissuras desse movimento. E partindo dessa consideração que o assentamento Palmares II pode ser pensado como um local que, apesar de estar inserido num projeto de transformações da sociedade local, vive experiências singulares.

O uso, nos itens a seguir deste texto, das entrevistas como principal fonte, é fundamental, inicialmente por considerar as diversas faces, os conjuntos de atores e as trajetórias que constitui o Sudeste do Pará. Assim, a análise das relações que os sujeitos da pesquisa construíram a cerca da terra, da família, do MST, envolvem subjetividades que apenas através das suas falas, com as reticências, supressões, e silêncios, podem ser lidas, pois são por meio delas que suas experiências, projetos, vêm a tona.

### **3.1 – O começo de tudo... ou para falar da vida numa região de fronteira...**

“Minina, a minha história de vida, é uma história tão longa,  
tão, tão cheia de..., de idas e vindas, né!?”  
(Simone; assentada)

As histórias que ouvi remetem a uma mobilidade: a busca de um lugar, um pedaço de terra, nos remete a uma migração para garantir a sobrevivência da família. As entrevistas mostram as separações e os reencontros dos familiares, uma vez que as redes de parentesco possibilitam o contato com novos lugares e outras possibilidades de vida. São histórias longas que é preciso calma para ouvir. Foi assim quando entrevistei Dona Margarida, a primeira afirmativa dela foi “é tanta coisa que acho que não vai caber (risos)”.

A história de Dona Margarida demonstra várias dessas características, e assim como outras, fala dos lugares que a família construiu. Pois, quando iniciei a entrevista solicitando que me contasse como foi sua vida desde o local que nasceu, não tinha certeza, e perguntou a sua mãe.

[Kecieni -... E assim a senhora nasceu onde?...].  
Dn. Margarida – Eu nasci no Maranhão... Nasci no Maranhão num lugá... Chamado paiol de estopa.  
[Kecieni - Hum! Nossa! Nunca ouvi falar não.].  
Dn. Margarida – Num foi mãe?  
Dn. Laudelina - Não foi no paiol de estopa não?!  
Dn. Margarida – e onde foi?

Dn. Laudelina – Não, lá era município de Conceição perto de um, a estação, fica perto da estação da Conceição.

Dn. Margarida – e como era o nome do lugá lá?

Dn. Laudelina – **Lá num tinha lugá, o lugá quem fez foi nós.**  
[Risos...].

Dn. Margarida - Lá tinha lugá, tinha lugá sim.

Dn. Laudelina – tinha não, lá num tinha nome. Que nós tava inté viajano, quais viajano, lá nós só passemos um ano, lá eu tive ela...

Nascida na década de 1960 no estado do Maranhão, Dona Margarida viveu junto à mãe, irmãos, avós, primos e tios, relata uma vida de intensas mudanças entre várias localidades do Maranhão, passando pelas cidades de Codó, Floresta, Novo Paraíso, seguindo principalmente as decisões do avô, sendo que toda a família trabalhava na roça. Na cidade de Novo Paraíso residiram por um período maior em relação às outras localidades, por mais de dez anos, período em que conheceu o Senhor Júlio.

A trajetória do Sr. Júlio e Dona Margarida<sup>54</sup> estão entremeadas. Ele nasceu no Maranhão no município de Paulo Ramos, e foi criado apenas com a mãe, pois o pai separou da mãe quando este tinha 10 anos. Quando pedi que ele me contasse a sua história ele me disse:

Pra começar eu fui criado sem pai né?! meu pai separou da minha mãe ai eu fiquei junto com minha mãe, u tempo todo, ai ela é uma velha muito batalhadora pela vida aí a gente ficou ficô mermo nessa vida de roça..

A família morou em diversas cidades do estado do Maranhão, até o momento que encontrou com Dona Margarida na cidade de Novo Paraíso. Nesta cidade, de acordo com dona Margarida, tiveram dois filhos. Ainda desse lugar dona Margarida relembra o tempo de festa e “rezas”, avalia que poucos tinham acesso aos estudos, e por essa razão apenas “levavam a vida trabalhando nas roças, rezando e tendo filhos”.

Depois a família mudou para a localidade de Novo Carço onde tiveram mais quatro filhos. Quando moravam num lugarejo do município de São João do Caru, resolveram mudar para o Pará. Os trechos abaixo descrevem as razões para a vinda da família e como se deu o processo de migração.

[...] A nossa vinda aqui pro Pará foi bem assim, ela aqui, a minha irmã mãe dela ali [Anita] vei, aí passou uns quatro ano pra cá pro Pará, no Trinta [atual cidade de Curionópolis], aí ela apareceu lá, ela chamou meu

---

<sup>54</sup> Foram realizadas entrevistas em dois momentos diferentes (20.11.2005 foi realizada a entrevista com dona Margarida e 19.12.2005 com o seu Júlio), sendo que durante a entrevista com seu Zé, dona Margarida estava presente.

marido pra vim que tinha garimpo pra ele trabalhá em garimpo... (D. MARGARIDA).

- eu disse mulher eu vou pro ouro eu vou caçar ouro, ela falou assim “ eu não acredito, tu num vai não” eu falei vou, aí fui i vim, vim cum a irmã dela mais nova do que ela, aí viemo pra Curionopolis, viemos i chegamo lá, isso em 86, tive lá já pertim do dia sete de setembro chegano lá mais ou menos dia quatro de setembro de 86 fui lá fui garimpar i ela ficô no Maranhão cum os filho. (SR. JÚLIO).

Diante do convite, o Sr. Júlio resolveu tentar a vida no garimpo enquanto dona Margarida ficou com os filhos, a mãe e a avó no Maranhão. Pouco tempo depois, ela resolveu vir, para ver o marido e conhecer a cidade, e decidiu que não ia ficar sozinha lá no Maranhão. Assim com pouco menos de um ano, juntou as malas, os filhos, a avó e embarcou no trem<sup>55</sup> rumo a Curionópolis. Nesse período sua mãe já residia em Curionópolis junto à outra filha. Quando chegou à cidade, não encontrou o marido que havia ido para um garimpo no atual município de Tucumã (PA), grávida de quatro meses ficou na casa da irmã tentando manter contato com o Sr. Júlio, que retornou quando ela já estava próxima de ter a filha.

aí fiquei lutando incucado cum u garimpo aí u garimpo secou acabou tudo daí saí pra Tucumã quando saí pra Tucumã fiquei pra lá trabalhei o quê uns cinco meses pra lá aí chegou a carta dela já chegando mermo Janeiro isso já de 88, de 87 pra 88, né? aí u rapaz chegou, “rapaz deixa eu falar um negocio aqui” que foi? “A tua mulher chegou ta lá em Curionopolis” conversa moço“ ta, taqui a carta que ela mandou” ta bom num tem problema não/ terminei u barranco ainda bem que esse barranco me deu uma grana boa, aí eu vim ela já gestante justamente é de uma menina que nós tem aí mais nova. (SR. JÚLIO)

Sr. Júlio após o retorno continuou trabalhando nos garimpos mais próximos, quando resolveu ir trabalhar numa fazenda, com uma renda pequena que mal pagava o que deviam na “casa” de onde tiravam mercadorias, como explica Dn. Margarida:

lá nessa fazenda passemos dois anos lá nessa fazenda trabalhando, oh! trabalho!..., só ele que trabalhava lá, e eu com os meninos tudo pequeno achei ruim oh! Não num vô fica não os menino tudo pequeno e aí o home pagava pouco demais pra nós quando recebia o dinheiro só dava pra despesa, pagá a casa lá, porque nós ficava tirando as tudo coisa pra comê, aí quando ia acerta não tirava saldo de jeito nenhum, o dinheiro só dava de cubrir ....

---

<sup>55</sup> O trem de passageiros faz o percurso de 892 quilômetros na Estrada de Ferro Carajás, controlada pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Funcionando desde o ano de 1986 liga a cidade de Parauapebas (PA) a São Luís (MA) passando por vinte e dois municípios nos dois estados.



Diante dessa situação, a família resolveu procurar outra solução. Foi quando o cunhado de D. Margarida fez o convite para o Sr. Júlio para ocuparem um pedaço de terra que ficava próximo a atual cidade de Eldorado dos Carajás. O relato de D. Margarida apresenta este cenário.

Lá tava tendo é invasão de terra né!? aí eles foram e já num arranjaram mas nem a terra do tamanho dos outros eles já foram por derradeiro arranjaram só uma sobrazinha uma sobra parece que treis alqueire, treis ou quatro alqueire a terra lá era pequena... Minha irmã! tinha um rio, mas lá que dava peixe, quando dava o inverno a água vinha pertim, os menino pulava dentro daquela águaona, achano bom, e eu lavava roupa, criava pato, e criava galinha, e era aquele..., eita aqui, mas que era bom. (risos). E ele fez um sitio e plantou tudo assim, fez uma abertura plantou meio mundo de arroz, muié, mas era bom, Ah! Minha fia! Quando passou uns tempos caiu a malária em nós, começô.

Com poucos recursos financeiros e afastados do núcleo urbano, a família saiu da terra para tratamento de saúde, e diante dessas dificuldades voltaram a morar em Curionópolis. E como relata D. Margarida, encontraram outras estratégias para sobrevivência da família:

“O Júlio ficou só trabaiano de Fazenda e eu fiquei na rua trabaiano, com eles assim, já tava tudo grandim né?! uns vendia pão, a mais veia trabaiaava nas casas, outros vendia bolo na escola, eu fazia bolo e botava eles vendê na escola”.

A saída do lugar de origem em busca de outras opções de sobrevivência da família, não é exclusiva da família de D. Margarida. Outras histórias, como as de Olga e Simone, mostram que além da febre do ouro, a promessa de empregos oriundos da instalação dos grandes projetos (PGC), como outras possibilidades de sobrevivência durante a década de 1980 para as pessoas que por aqui chegavam.

No ano de 1981, na cidade de Cajari no Maranhão, nasceu Olga, com dois anos de idade ela passou a viver com os avós, enquanto a mãe após a separação do marido, veio para a Serra dos Carajás/PA, a fim de trabalhar como doméstica. Aos oito anos de idade, Olga juntamente com os avós, mudou para a cidade de São Luís. Aos onze anos, mudou-se para Parauapebas para morar com sua mãe. Essa mudança foi difícil para Olga que até então morava com os avós, sendo difícil a adaptação com a nova família, constituída por sua mãe com quem não tinha muita vivência, com o padrasto e a irmã. Olga considera que foi um pouco complicado, nos anos seguintes nasceram seus dois irmãos. No ano de 1995 o padrasto por meio de um amigo, ingressou no acampamento Palmares. E Olga ficou

trabalhando na casa da madrinha do seu irmão para ajudar nas despesas até a conclusão do ano letivo na escola.

É também na cidade de Parauapebas que morou a família de Simone, quando resolveram ir para o acampamento do MST. Vale ressaltar que os motivos que levaram a mãe de Simone a morar nesta cidade se cruzam com aqueles descritos por Olga, mas a narrativa de Simone traz outros detalhes da vida na fronteira. Filha mais velha de uma família de oito irmãos, Simone conta que nasceu no ano de 1973, na cidade de Olho D'água das Cunhãs, no estado do Maranhão. O pai trabalhava de empreita em fazendas – derrubar matas, plantar pastos, construir currais, cuidar de gado e etc. De acordo com Simone em função da profissão do pai, não se fixaram em nenhum lugar. Dessa forma, a família do Maranhão morou no Mato Grosso do Sul; e no Estado do Pará moraram nas cidades de Castanhal e Paragominas. Nesta última cidade, o pai de Simone deixou a família numa rodoviária quando iriam mudar para outra cidade, e desapareceu sem deixar notícias, sem direção D. Luiza, (mãe de Simone) que estava grávida, recebeu apoio de uma desconhecida e retornou para o Maranhão, onde durante algum tempo residiu na cidade de Açailândia. Depois, a procura de emprego D. Luiza se deslocou com os filhos para a cidade de Curionópolis no Pará. Já na cidade de Curionópolis, D. Luiza conseguiu um trabalho num hotel próximo à rodoviária, no qual trabalhava o dia inteiro até a noite, enquanto Simone com oito anos cuidava dos irmãos menores, conforme sua narrativa.

Ela chegava 4:00 horas do trabalho tinha que fazer comida... Era numa época assim de muita... se muito movimento, era na (*incompreensível*) de Serra Pelada praticamente, né, e essa indas e vindas... era uma época de muito movimento, e aí ela... e próximo à rodoviária também. Ela chegava 4:00 horas da manhã e começava lavar roupa, quando era, dava 7:00 da manhã ela tinha que voltar de novo pro trabalho, né. Trabalhava o dia inteiro; 4:00 da manhã novamente. E assim..., às vezes deixava a gente trancado em casa. E aí eu como era a mais velha era que tomava de conta de todo mundo, né!?

Com o passar do tempo D.Luiza começou a trabalhar com uma horta, e Simone, a filha mais velha, era quem ficava cuidando dos irmãos, enquanto a mãe ia trabalhar na horta<sup>56</sup>, e assim como na narrativa de D. Margarida, eram também as crianças que se encarregavam de vender a produção nos dias de feiras. Simone conta que juntamente com

---

<sup>56</sup> As narrativas muitas vezes falam da infância numa região de fronteira, das poucas alternativas de brincadeira, e do trabalho para ajudar os pais, alguns rapazes relembram o tempo em que iam pro garimpo acompanhando o pai, entre outras lembranças. Essas narrativas me deixaram curiosa enquanto mais um olhar sobre essa região.

o irmão e amigos pegavam com outros moradores, verduras e frutas para venderem. Esse relato também é presente na narrativa de Anita, sobrinha de D. Margarida. Essas histórias convergem para a alternativa de sobrevivência relacionada à horticultura, que ainda hoje no assentamento é um meio de renda para diversas famílias que naquele momento começam criar estratégias de sobrevivência da família, longe das promessas de desenvolvimento dos grandes projetos instalados na região.

Simone ainda relata mais outro movimento da família quando foram morar na cidade de Parauapebas. Conta que enquanto moravam em Curionópolis, a mãe “tinha arrumado um companheiro, que aí “acabou... ela viveu com ele muito tempo, teve uma filha com ele e... e não deu certo, né?!... e não deu certo...”. Após a separação Simone relembra que a mãe estava grávida e vieram para Parauapebas em busca de melhor acompanhamento médico, a gravidez era de risco, gêmeos, que não sobreviveram. Em Parauapebas D. Luiza passou a trabalhar vendendo comida na beira da rodovia numa barraquinha de madeira, nesse momento é que os filhos começaram a ir à escola.

Após algum tempo que a família organizou sua morada em Parauapebas, Simone relata que tiveram seu barraco demolido por ordem do prefeito de Parauapebas, e nesse período, começou a ocupação do bairro da Paz,<sup>57</sup> sendo uma saída para família que conseguiu uma casa pra morar. Dois anos se passaram, tempo em que D. Luiza teve contato com militantes do MST, que estavam realizando trabalho de base, participou do acampamento Rio Branco onde foi assentada. Hoje, praticamente toda a família, reside no assentamento Palmares, com exceção de três irmãos, um que reside no Maranhão, outro que Simone diz não saber o paradeiro e o outro, é membro da coordenação do movimento e mora na cidade de Marabá.

Lembramos que a fundação do Bairro da Paz antecede os acampamentos do MST<sup>58</sup>, demonstrando que as famílias que os constituem já realizavam embates e tentativas de conquistarem um espaço para viver. Esta também apresenta outra característica da região de fronteira: o crescimento não planejado das cidades. A cidade de Parauapebas está

---

<sup>57</sup> O bairro da Paz surgiu de uma ocupação de várias famílias de parte de uma fazenda, e teve esse nome em função de não ter ocorrido mortes, ou confrontos violentos, embora as famílias tenham bravamente resistido às tentativas de expulsão.

<sup>58</sup> E está presente noutros relatos como o de D. Joselina, que conta com orgulho sobre sua atuação na criação do bairro da Paz, na construção da creche para as crianças, depois arrecadando junto às famílias mais sucedidas alimentos para fazer sopão e distribuir para as famílias. Ela também dava assistência aos moradores encaminhando-os aos hospitais e farmácias. Estas experiências contribuíram quando esta se tornou uma assentada, pois continuou a realizar esta assistência. (MACEDO, 2006: 108)

localizada no entorno do núcleo urbano de Carajás que foi construído com toda uma estrutura urbanística para abrigar os funcionários de alto escalão da CVRD. Parauapebas foi sendo forjada por aqueles que aqui chegavam, sejam pelas rodovias, ou posteriormente, através do trem, e traziam o desejo de conquistar um lugar onde as promessas de desenvolvimento emergiam. No entanto, se vêem numa luta pela vida que antecede a luta pela terra. Muitas encontram saída como empregadas domésticas na Serra dos Carajás, outras em hotéis; outros, em fazendas como peões e ainda aqueles que continuam se mobilizando em busca de garimpos. Dessa forma, a região que aparentemente seria o destino de muitos, se torna lugar para sua exclusão. É neste cenário de diversas desigualdades e conflitos sociais que se inserem os movimentos organizados de luta pela terra, que foi engendrado pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR's) dos municípios e que posteriormente essa organização adquire maior espaço com o MST.

Os relatos acima apontam para complexidade dessa região. Neste primeiro momento, privilegiei contar as histórias de mulheres com intuito de mostrar o quanto sua presença é significativa na região, desde a Serra Pelada com seus garimpeiros, as rodovias e fazendas com seus peões. De forma genérica acabamos muitas vezes, por reduzir a região aos espaços da mineração e da agropecuária, enquanto as narrativas aqui apresentadas trazem os detalhes, que compõem esses espaços de chegada. Assim, temos as histórias de mudanças (quando a mãe põe os filhos pequenos no trem e vem atrás do marido), das plantações em áreas de terceiros (hortas, arrendamentos); da vida nas cidades que vão surgindo, da comercialização da pequena produção pelos filhos, a venda de comida na *beira* da rodovia, entre outras. Estes relatos demonstram que é necessário incluir em nossas análises sobre o sudeste do Pará enquanto uma fronteira, os atores sociais aqui presentes, pois ela não se finda em sua estrutura econômica/produzida e espacial. E embora estes relatos pareçam comuns para muitos, é necessário escrevê-los, e pensar a riqueza que eles carregam sobre a vida numa região de fronteira.

As diversas memórias aqui relatadas demonstram os diversos espaços que essas mulheres e homens transitaram, informados, principalmente, por uma luta pela vida que permeia a luta pela terra. Penso que do ato de lembrar e contar suas histórias de vida, enquanto um trabalho da memória possibilita a emergência de experiências vividas que vão sugerindo a construção da identidade de Sem Terra. Isso sinaliza que:

A despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de *leit-motiv* em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas

últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. (POLLACK, 1990: 13).

A memória e identidade estão imbricadas, assim a memória da lutas contra doenças em terras longínquas, as lembranças dos trabalhos em terras de terceiros, servem para marcar que mesmo antes da inserção no MST, já eram sem terras, e que a partir do ingresso no movimento a conquista se tornou possível.

### **3.2 – “Como foi que você chegou aqui no Palmares II?”: as escolhas e os desafios nas histórias da luta pela terra dos/as Sem-Terras:**

-“Júlio bora pros sem-terra!?”  
- “hum! Vou nada menina esse negócio de sem terra num presta não!”.  
(D. Margarida; assentada)

É no espaço/tempo de conflito, em que ainda se mantinha o sonho da partida de ter um lugar para “viver melhor” guardado na memória, que o MST encontra condições para se constituir enquanto um movimento junto aos outros que aqui já lutavam para alterar o curso da fronteira. O encontro com MST é relatado com o mesmo entusiasmo e com certa alegria, por ter sido uma boa alternativa para a realização do sonho da “terra prometida” que parecia não mais existir.

Quando a militância do MST começou a fazer o trabalho de base no município de Curionópolis junto aos vizinhos da dona Margarida, esta insistiu com o seu esposo para também se cadastrarem:

Aí eu fiquei “Júlio bora pros sem-terra?”. “vou nada, de jeito nenhum. Óia lá no sem- terra, aquilo dali é uma sem-vergonhice negócio de toma a terra dos outro isso daí faz é dá é muita morte”, mas já tinha surgido a Rio Branco e ninguém morreu.

Após um ano, dona Margarida ouvia as histórias dos/as vizinhos/as sobre o acampamento, da resistência com a polícia. Ficava temerosa, mas acreditava que podia ser uma chance de conseguirem uma terra. Certo dia, no ano de 1995, quando Sr. Júlio foi para a fazenda onde trabalhava de empreitada, dona Margarida falou com filho mais velho:

“Bora vendê um leitão desse pra mim ir lá nos sem-terra!”. “Mãe o pai vai brigá”. Eu digo: “briga não besta, se ele perguntá diga que nós matou e comeu e ele num briga não”, “mãe a senhora tem coragem de ir?”. Eu digo: “eu tenho”.

E teve coragem, foi. O filho vendeu o porco e dona Margarida com os documentos da mãe, pois não tinha nenhum documento, se cadastrou no acampamento, passando a ficar no acampamento durante a semana.

E eu fiquei minha irmã! Cadastrada com a identidade dela, e eu fazia bem assim: ele chegava sábado, né?! , assim com quinze dia ele vinha aí dava sábado né?! , aí eu pegava, sexta-feira eu chegava, eu ia segunda aí deixava só esses meninos em casa muié, e levava só a mais pequena, eles se cuidava. Eu passava quinze dia, pra completá o quinze dia que nem amanhã, que nem hoje eu chegava. É minha irmã! Eu fiquei nessa luta um tempão sem ele sabê, um tempão.

Dessa forma, dona Margarida criou a estratégia de ficar durante a semana no acampamento, enquanto o seu esposo estava trabalhando nas fazendas, que não podia impedi-la de ir, e quando este retornava no fim de semana ela já estava em casa, fazendo com que ele não notasse sua ausência. Nessa condição ela permaneceu durante quase um ano, até convencê-lo de que a luta pela terra proposta pelo movimento seria uma boa alternativa para sobrevivência da família. Convencê-lo não foi muito fácil.

aí quando foi um dia eu falei. “- Júlio eu me cadastrei lá no sem terra” aí brigou, eu digo “menino! Eu cadastrei foi dez reais e num vou..., lá tá bom e o pessoal tá animado e eu num vou saí não”, “- e eu nunca que vou pisa lá, pode ficá lá arrumano tua terra pra lá que eu num vou nada”....

Como Sr. Júlio parecia irredutível, Dona Margarida passou a contar com os vizinhos que decidiram conversar com o seu esposo.

ciá lá no local que eu ficava era mais só vizinho lá, eu falei pra eles... aí ele (vizinho) chegou lá ele disse “ rapaz deixe de sê besta que lá num tem isso não moço, vai lá rapaz, nós vamo é recebê é terra e a Margarida vai é perdê já com um tanto tempo desse, ela vai perde, mais rapaz que coisa, ã, vai lá rapaz!” “ Não rapaz num vou não que eu num tenho documento num sei o quê.

Mas, após várias conversas, e a insistência de Dona Margarida, Sr. Júlio decidiu ir, e então:

...ele fez a identidade, aí fez os outro documento tudo, aí ele veio, quando ele chegou ele num queria vim, aí quando ele veio ele pegou e ficou foi animado inté mais do que eu já, aí eu que era que já vinha pra vê ele, que ele nem ia mais lá, ia não. Aí foi bom eu fui trabaiá mais os menino e comprá rancho ia deixá pra ele toda animada.

Eu já tava na vila das baratas, mas nesses outro tempo atrais era eu sozinha, enfrentei tudo. Veiz enquanto eu digo assim: “ meu fi essa terra num é tua não, é minha. Eu que enfrentei a dificuldade toda”, “ mais eu passei fome” eu digo e “eu muito mais” . Tinha que ficá é tinha que ficá, quinze dia era quem tinha família, quem num tinha era só deiz , e eu levei uma sorte grande, pra mim/ tem hora que eu fico assim pensando eu fui a pessoa que mais deu sorte nessa terra, oh! minha fia! Teve gente aí, que eles expulsava por nada, logo assim que eles viram que ganharam a terra mermo por nada eles expulsava, tinha gente que mermo largava porque quiria, outros eles botava pra vigiá, muié tudo, eles botava pra vigiá, eles nunca me botaram pra vigiá, teve uma veiz que/que nem dessa vez do massacre, nós passemos um mês sem vim pro acampamento com medo né?!, e aí eles num falaram nada pra gente/ pra nós, nós deu foi muito sorte nessa terra, acho que era mermo pra nós ganhá. Aí viemos pra cá, chegemos aqui ficamos por aqui, logo que nós mudamos/que nós viemos aqui mermo, que nós já tava aqui, nós ainda num tinha ganhado as terra, mais nós já tava aqui, aí nós ganhamos esse lote aqui pra fazê essa casa,

Nesse período, o Sr. Júlio ficou doente, e voltou para Curionópolis. Dona Margarida, juntamente com o filho e o cunhado, conseguiram construir a casa, cobrir com lona, palhas e dividir com caixas de papelão. Infelizmente, o filho mais velho que a acompanhou desde o acampamento cortou os dedos da mão, e ela também ficou doente por ter sido ferroadada por formigas quando pegava palhas e madeira na mata. Mas, enfim, conseguiram cobrir a casa, e trazer toda a família que estava em Curionópolis.

sei que nós tampemos, aí ficamos até que ele ficou bom, aí ele ficou bom, ele veio, quando ele chegou “ mais menino cêis estão desse jeito?”, “é e tá muito é bão”. Aí comecemos, aí disse “as menina já vão vim, aí nós vamos, eu vô arrumá um carro pra trazê nossa mudança”, eu disse, pois é nós vamos ficá debaixo desse nosso barraquim aqui. Aí trouxemos os menino tudo, aí nós tinha essa casa lá no trinta, aí fechamos essa casa lá, a casinha lá, aí trouxemos ela, a mãe,... Trouxemos todo mundo, todo mundo pra cá, não vai surgir um dinheiro aí pra fazê as casas, aí apareceu um dinheiro e fizemos essa casinha, num cabemos de fazê, o dinheiro foi pouco aí tamo aqui, óh! Mas pra nós chega aqui o sofrimento foi grande, grande mermo, depois nós aqui as coisa melhorou muito, muito mermo, aí nós tem a nossa rocinha lá, tem uns gadim, tem minha criação de galinha, nós criava muito porco também, mas aí nossos porcos deu de o Júlio ficou muito cansativo de lutá, porque nosso lote é seco, nós colocá água pro gado, pra porco...

Pouco tempo antes de dona Margarida se juntar ao acampamento Palmares, Márcia resolveu visitar a mãe que estava acampada frente ao INCRA, no dia 12 de outubro de 1994. Era dia de festa, e Márcia se encantou com a alegria e a organização do acampamento. Sua mãe estava acampada, enquanto o pai trabalhava nas fazendas, mas

Márcia julgava a atitude da mãe como ilusão, e que precisaria convencê-la de que isso não daria muito certo. No entanto, foi surpreendida com acolhimento que teve numa assembléia, quando foi apresentada pela mãe aos demais acampados, e aos poucos acabou se envolvendo na organização do acampamento. Após quatro meses tornou-se coordenadora de um grupo. E como me disse: “de acampamento em acampamento chegamos na terra prometida, aprendi a ser rebelde, precisava mudar meu jeito autoritário, e enquanto coordenadora precisava ouvir o que outro diz”. Após a fixação do acampamento em Parauapebas, é criada a Escola “Crescendo na Prática”, e Márcia tornou-se uma *educadora*, participando do setor de educação, e com o passar do tempo tornou-se funcionária da prefeitura de Parauapebas. Mas, faz questão de afirmar que esta é uma atividade para contribuir com o movimento, que é uma agricultora e tem seu lote e sua roça que conquistou junto com a mãe e a irmã, todas as duas assentadas no Palmares.

As histórias de dona Margarida e Márcia possuem um ponto comum: o momento da decisão de ir para o acampamento e de acreditar que é possível adquirir um pedaço de terra, após tanto tempo, de um lado para outro, a procura da sobrevivência da família. Esse fato se aproxima muito dos estudados por Brenneisen (2004), que demonstra através da análise sobre a constituição do assentamento no Paraná, que muitas vezes a decisão de ocupar, e a resistência necessária a conquista da terra, é feita pelas mulheres, e que as fazem em sua maioria pensando em oferecer aos filhos condições mais dignas de vida. O relato sobre o tempo de acampamento não significa apenas a resistência contra a estrutura social mais englobante, mas ela está na esfera das relações micro, em que está em jogo o convencimento do parceiro na luta pela terra, que muitas vezes pode levar ao rompimento das relações.

As trajetórias acima indicam que as mulheres são fundamentais no processo de luta pela terra. Isso ocorre freqüentemente no Brasil todo, a exemplo da trajetória de mulheres em dois assentamentos no estado de São Paulo, analisadas por Silva M. (2004), apontando que estas mulheres em determinado momento romperam com as condições de dominação e marginalização social que lhe foram impostas. E que por meio de um processo de ganho de poder, ao participar de um acampamento, da organização de um movimento, contribuem para o desenho dos projetos de vida de suas famílias, bem como acrescenta novas possibilidades de mudanças e construção de outros sonhos nunca antes esperados.



E, de acordo com Silva, M. (2004) posso pensar que assim como as atividades do movimento – ocupação de terras, ida aos órgãos do governo, marcha dos sem terras, são manifestações de recusas deste movimento às políticas do Estado para o campo. As narrativas demonstram uma recusa em micro espaços, das desigualdades sociais, elas trazem detalhes das singularidades das experiências de vida de cada um/a, e são importantes na compreensão do mundo que são os assentamentos.

### **3.3 – O ingresso no MST e o tornar-se militante**

O MST representa muita coisa que eu sei hoje,  
que eu aprendi, boa parte foi dentro do movimento  
(Ernesto; Liderança do MST)

Ao longo das entrevistas revelaram-se questões relacionadas à participação nas atividades do movimento, não somente em ocupação, assembléias, reuniões, núcleos, mas no fazer e pensar o MST. Assim, o envolvimento em algumas ações promove possibilidades de acesso a outros espaços, e pouco a pouco vão se tornando militantes e dirigentes. Os relatos são sempre ricos nesse sentido, como o de afirmar que não foi de uma hora pra outra que estão ali, mas foram conquistando e aprendendo a ser militante do MST. Cito neste item três narrativas que expõe como foi o tornar-se militante/dirigente do MST. Essas narrativas apresentam também como a organização do movimento vai construindo esse desejo nos jovens assentados. Somado a isso faço referência também às decepções e frustrações na dificuldade de se conseguir realizar esse desejo.

#### **3.3.1. Algumas histórias....**

Enquanto D. Margarida tentava convencer seu Júlio que o acampamento do MST era uma possibilidade para conseguirem um lugar, uma terra para plantar e morar, Simone tentava convencer a mãe que ela também queria ter sua terra e fazer parte do MST e fazer parte da militância. Assim começou a história de Simone, ao se envolver na luta pela terra. Morando com a mãe que era assentada no PA Rio Branco, começou a se empolgar ao ver as reuniões da militância que acontecia em sua casa, pois o irmão fazia parte do primeiro grupo de filhos de assentados que participaram de um curso prolongado de formação de liderança, na cidade de São Luiz no ano de 1993. Esse grupo realizou o trabalho de base nos municípios de Parauapebas, Curionópolis, Eldorado dos Carajás, e formaram o

acampamento Palmares com a ocupação da Cinturão Verde, e então Simone resolveu fazer parte do acampamento, mesmo contrariando a mãe, que não queria que ela fosse, ela tinha vinte anos na época. Insistiu e ingressou na luta.

Aí a primeira atividade que eu participei na minha vida: “O Grito da Terra Brasil”. E aí eu já me apaixonei assim, né, e falei assim eu acho que é isso aí que eu vou, vou fazer na vida.

A partir dessa experiência, Simone passou a fazer parte do acampamento Palmares, em 1994. Destaca que deixou o filho com a mãe. Com alguns meses de acampada foi nomeada coordenadora do núcleo do qual fazia parte, juntamente com seu namorado, que era coordenador. Enquanto coordenadora participou de várias reuniões entre outras atividades, relata:

Eu fiz parte da primeira comissão que foi à Brasília, desse acampamento, né, que era acampamento. Ficamos 40 dias lá em atividades em negociação com o governo”. Após essa atividade, Simone realiza um de seus sonhos, participar de um curso do MST, o mesmo que seu irmão havia feito no Maranhão. Quando foi em 95 eu fui fazer curso prolongado. Mesmo curso que os meninos fez, que eu era louca pra fazer, né. E eles me contavam maravilhas das coisas que aprendiam né. Contavam e falavam assim de um monte de coisas, eu ficava assim fascinada. Foram 3 meses. [...] Meu primeiro curso inicial; um curso de preparação pra militância.

Assim, Simone foi pouco a pouco se inserindo na organização do movimento, e no ano de 1996, passou a fazer parte da direção estadual do MST, e atualmente faz parte do Coletivo Nacional de Saúde do MST.<sup>59</sup>

Outra história que me chamou atenção foi a de Olga e Ernesto, são casados e têm uma filha, os dois são militantes, e durante a pesquisa de campo participavam da direção estadual e coordenação nacional do MST. Suas histórias de inserção no MST apresentam questões significativas, tanto para pensarmos a inserção como militante do MST, mas também para visualizar as relações de gênero no assentamento.

A partir do reencontro com os pais no acampamento Rio Branco, Ernesto passou a conhecer o MST e participar de algumas atividades do movimento e aceitou um convite na época para fazer um curso do MST:

Aí em noventa e um, noventa e um que eu voltei e meu pai já era acampado né?! no MST no acampamento então dessa época aí, eu num fui mais pro garimpo, aí eu já entrei no, é me acampeei junto com eles

<sup>59</sup> o MST se divide em coletivos: saúde, educação, gênero, produção e cultura.

uns dias,depois eu fui convocado/fui convidado pra um curso do movimento, nem sabia o quê que era na época né?! [...] no Maranhão., fui convidado pra ir prum curso do movimento pra participá né?!

[Kecieni - Onde foi?]

É no Maranhão, no Maranhão foi o primeiro do MST que eu participei lá pelo Centro de Formação do Movimento né?! e aí a gente foi né?! Mas sem num sabia de muita coisa mesmo na época o quê que era o movimento tal, mas eu penso que foi mais pra aventurar né?! alguma coisa assim no sentido de conhecer e tal o movimento e a partir daí que a gente conheceu o movimento até hoje eu tô no MST, é.

O curso de formação de militante foi realizado no Maranhão e teve uma duração de nove meses, participaram do curso outros filhos de assentados do Rio Branco. Ao retornarem, segundo Ernesto, eles foram os responsáveis em organizar o MST na região de Marabá,

[...] é essa turma que foi pro o/o/o primeiro curso do movimento até hoje tá trabalhano dentro do movimento sem terra, claro que com várias limitações dificuldades que na época era muito mais complicada essa questão da luta por a terra né?! mas difícil no Estado do Pará principalmente porque é um estado que a luta pela terra ela é diferente que qualquer um outro, que aqui sempre foi marcado pela violência nesse estado né?! a mão do latifúndio armada, mas a/ nós conseguimos se firmar aqui enquanto MST através desse grupo de pessoas claro que teve ajuda de outras pessoas de outros estados como o Maranhão mesmo, outros estados que veio nos ajudá, mas nós conseguimos é se afirmar enquanto MST desse grupo de militantes.

Ernesto avalia que foi rápida a sua inserção na militância do movimento, isso porque nesse período a militância ainda era muito pequena, e com pouca experiência. A primeira experiência foi o trabalho de base para o Acampamento Palmares. De acordo com Ernesto, foi esse grupo de militante que a partir do contato com os moradores da cidade de Curionópolis, Eldorado dos Carajás e Parauapebas formaram o acampamento com aproximadamente 1.500 famílias. Na coordenação do acampamento Ernesto foi preso após a ocupação da Cinturão Verde.

[...] foi muito sofrimento, muito sofrimento, nessa época em noventa quatro eu fui preso eu e outro rapaz dessa ocupação, nós ficamos seis meses na cadeia. Nós fomos presos aqui em Parauapebas, aí transferiram nós pra Marabá que era cadeia de segurança máxima na época que chamava e segundo eles nós era preso de alta periculosidade (risos).

O relato de Ernesto aponta sua experiência de militante, com a organização do MST e a sua fixação na região enquanto um dos sujeitos nos processo de luta por reforma

agrária na década 1990 delinea as dificuldades e os enfrentamentos políticos. Durante a pesquisa de campo Ernesto me informou que é membro da direção estadual e da coordenação nacional do MST, mas estava previsto para o final do ano, uma reorganização dessas instâncias, com objetivo de inserir novas pessoas.

porque a idéia é, como a gente, o pessoal já fala que já tá caquético já passou muitas coisas dentro do movimento, então a nossa idéia é fazer com que outras pessoas assuma até pra ter mais gente funcionando dentro do MST, então vai entrar uma turma nova na direção, na coordenação do MST, então tá e nós vamos tentar dá suporte pra essas pessoas

Dessa forma, mesmo não sendo dirigente, continuará apoiando e participando das atividades de militância. Pois ao falar da importância do MST em sua vida diz que:

[...] com toda a dificuldade que tem eu não me vejo assim fora do movimento, então o que eu sei, o que eu aprendi hoje foi dentro dessa organização, cada hora que passa mais elemento novo mais coisa nova a gente vai aprendendo, né?!

Sua afirmativa define então o nível de relação com esse movimento, este não somente faz parte do seu cotidiano, como é a sua vida, representa tudo o que sabe, um saber que foi produzido dentro do MST<sup>60</sup>, e que fez dele um membro do movimento. E enquanto tal, carrega a obrigação de transformação da sociedade. É esta a tarefa do militante de “fazê que os outros também lute né?! fazê que os outros também tenha consciência no sentido de ocupar terra, lutar pela transformação da sociedade, isso sempre me motivou né?”

A militância também está presente na narrativa de Olga. Ela expõe que a sua transformação em militante foi aos poucos sendo construída. A sua inserção no acampamento se deu a partir dos seus pais no ano de 1996, ela com treze anos, só começou a entender algumas questões relacionadas ao MST, em função do massacre de Eldorado dos Carajás. E dois anos depois, com o convite de uma das coordenadoras do projeto de Educação de Jovens e Adultos do Assentamento (EJA), começa a dar aulas para adultos e a participar de alguns encontros e eventos do movimento relacionados à educação. Até o ano de 2001, Olga ficou trabalhando com a EJA, nesse período participou da primeira

---

<sup>60</sup> De acordo com Silva, C. (2004) a necessidade do saber e a sua relação com o poder fazem parte da produção do MST e seus militantes, enquanto uma necessidade de “conscientizar”, de promover uma formação entre os assentados, mas esse processo deve ser entendido como em constante aperfeiçoamento e evolução uma vez que resulta da apropriação dos diversos sujeitos que compõem o movimento. Essa preocupação é formalizada através do Setor de Educação do MST no ano de 1987.

experiência do PRONERA na região, que era em nível fundamental e depois fez a seqüência que é o curso de nível médio magistério. Aos poucos passou a compor a equipe de acompanhamento do EJA de todos os acampamentos e assentamentos do MST na regional Carajás.

A partir do acompanhamento da coordenação do movimento das atividades realizadas por Olga, ela foi convidada para fazer o curso de formação de militante.

aí é a partir desse curso de noventa e nove a coordenação que me acompanhava achou que eu desenvolvi um pouca e tal em dois mil e um eu fui pra escola. [...] fiz o primeiro curso, do de militante né?!, da Escola Nacional que chama, a Escola Florestan Fernandes que o curso pra militantes e dirigente do movimento

Após o retorno do curso de militância, Olga prossegue suas atividades na área da educação, sendo convidada para participar do coletivo estadual de educação, depois da coordenação e direção estadual do MST. Tornar-se militante para Olga foi além dos convites que teve e do esforço em trabalhar com EJA no Palmares II. Exigiu-lhe escolhas.

Quando eu comecei, iniciei o curso em noventa e nove, assim na igreja eu era assim muito religiosa, como diz os irmãos eu era uma irmã bem abençoada por Deus, esses termos, e eu era coordenadora das Crianças, regia o grupo de jovens eu trabalhava como secretária da Igreja ficava como Tesoureira e várias atividades cantava e pregava fazia outras coisa, e quando eu me deparei com o curso fiquei assim em conflito comigo mesmo porque é exigia que a gente fosse pra algumas atividades fosse fazer algumas manifestações pública.

O conflito foi estabelecido porque Olga, enquanto membro da Igreja Assembléia, sentiu a cobrança dos demais “crentes” que diziam não serem essas atividades as ideais para uma “crente”. A sua crise se estabeleceu, por um lado, porque fazia parte de uma religião e concordava “com o sentido que a gente devia orar tá na Igreja e ser aquela irmã”; e por outro lado, a sua inserção nas atividades do movimento indicava que ela “devia fazer outras coisas conquistá outros espaços né?!”. Esse conflito é contido a partir do momento que Olga volta de um encontro do movimento, e recebe uma “disciplina” de três meses da Igreja, por ela ter participado de uma festa e dançado. Olga conta que então não voltou mais para Igreja. Avalia que foi difícil se habituar, mas os estudos sobre o movimento exigiam uma decisão.

Quando foi convidada para o curso de militante, Olga se deparou com outra barreira: o noivo impôs sua condição, “aí falou pra eu escolher ‘ou eu o curso’”. A escolha

não foi simples, eram três anos de namoro e iriam se casar. No entanto fazer um curso pela Escola Florestan Fernandes, era um sonho:

[...] e assim era um sonho que eu tinha porque eu admirava muito, por exemplo, a Diva, a Isabela, que são mulheres assim de referência porque assim quando eu entrei no movimento muito jovem elas já estavam né? E eu queria muito ser militante porque assim/não só pra mim mas pra maioria dos jovens hoje muitas pessoas do movimento são referencia e eles pra mim são referencia.

A narrativa de Olga e Simone aponta que para elas a escolha de serem militantes foi sinônimo de lutar por outro espaço, que não só aquele que muitas vezes lhe parecia destinado, uma vez inseridas numa sociedade em que os valores do casamento, da família, da função de mãe ainda estão presentes<sup>61</sup>. Suas escolhas informam que sua opção foi trabalhar para o coletivo para a transformação social. No caso de Olga não foi possível conciliar seu noivado, sua religião e a opção pela militância. Para Simone, o conflito foi convencer a mãe a deixá-la fazer parte do acampamento, o quê ao que parece não aconteceu com o irmão que realizava juntamente com a militância as reuniões no quintal da casa da mãe.

Olga apresenta que suas escolhas foram sendo feitas ao longo da sua participação no movimento, e isso significou transformações na sua forma de agir e pensar, e abrir mão da religião e do namoro não foram atitudes simples, mas tomadas em função de um sonho que ela construiu: ser militante, e inclusive com referências a outras mulheres do Assentamento.

### **3.3.2. Algumas decepções: a volta por cima...**

Cabe acrescentar que nem todas as histórias são tão perfeitas assim, existem as frestas, outros recantos que apresentam certa decepção. Foi essa sensação que ficou a primeira vez que encontrei Anita, num final de uma manhã de domingo. Quando encerrada a entrevista com dona Margarida, conversávamos (D. Margarida. Anita e Eu), antes do almoço, falávamos sobre a importância do MST, sobre a coordenação do movimento, e em alguns momentos ficava a sensação de descontentamento com a coordenação do

---

<sup>61</sup> Para Silva, C. (2004), A família, (no singular sugere a idéia de uma forma, pai mãe e filhos), no MST pode ser vista como fundamental na ocupação, para a consolidação da comunidade presente em vários discursos de suas lideranças. A família, enquanto um elemento importante no MST, pode ser lida também como uma estratégia de impor a suas lutas um caráter familiar, uma estratégia para sensibilizar opinião pública, a defesa nos momentos de embates físicos seja com a polícia, sejam com jagunços, pistoleiros. Uma forma de demonstrar que seus integrantes são pacíficos, considerando o primado do patriarcado de que os pais protegem e não colocaria em risco sua família.

movimento no assentamento, que ao que me parece não entendiam que cada um tem sua vida, seus problemas, embora o movimento tenha muita coisa boa, tem suas dificuldades de acesso, parece ser necessária a doação para poder ser valorizado.

Resolvi marcar uma entrevista com Anita, que em alguns momentos expressava esse descontentamento, e ao mesmo tempo a vontade de fazer parte do movimento, além de sobrinha de d. Margarida, e, portanto viveu toda a sua infância no meio desse processo de estabelecimento da família na região, tem um filho com Carlos, professor no assentamento, entrevistado por mim anteriormente.

Quando a família de Anita se mudou para o assentamento, ela ficou em Curionópolis só depois de alguns anos passou a morar no assentamento trabalhando como empregada doméstica, e participando do grupo de jovens do assentamento, se envolvendo em campanhas e atividades de “conscientização”, principalmente na área de saúde, DST’s e Aids, entre outras. Nesse período, ela descobriu que estava grávida e sem comunicar sua família, retorna sozinha à Curionópolis, onde residia seu namorado, os dois menores de dezoito anos são convencidos pela mãe do rapaz, que decidiu pelo aborto e aceito pelos dois apesar do receio de Anita. Um ano depois, ela engravidou novamente, mas decidiram ter um filho e por ironia do destino Anita com oito meses de gravidez, após uma dengue descobre que o feto está morto em sua barriga sendo necessário outro aborto, diante destes fatos ela encerra o namoro, passando a morar e trabalhar na cidade de Parauapebas, e depois na Serra do Carajás. Nos finais de semana ia para Palmares para participar de atividades do movimento juntamente com o grupo de jovens. Mantendo o sonho de ingressar no movimento.

É eu participava das atividades e me destacava, naquela época se eu tivesse, se não fosse isso, eu tivesse me destacado, hoje era pra mim ser uma das líderes, quem sabe, uma das, um dos militantes aqui dentro. Quem sabe né? Porque eu era muito desenvolvida, e eu me comunicava bem, sempre eu, assim...

Anita relata que nesse período, conheceu Carlos, professor no assentamento e na época aluno do PRONERA. A partir do relacionamento com Carlos Anita tem um filho. Este durante a gravidez de Anita avalia que não tem condições de ser pai e não sendo o momento adequado, continua o curso de magistério, e encerra o relacionamento com Anita. Apenas continuou a ajudar nas despesas financeiras da gravidez, até o nascimento do filho.

Após o nascimento da criança, Anita que continuava a participar de algumas atividades do movimento, “aí me procuraram, né!?. Me procuraram, aí eu comecei dar aula no EJA, ainda..”, o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), é muitas vezes para muitos jovens uma porta de entrada para a militância no MST, e para Anita não foi diferente, aceito a proposta e começou a trabalhar, mas como o filho já tinha nascido, não foi fácil:

“ficava difícil pra mim, que o Vinicius chorava e eu não tinha quem olhasse né?!, e era muito pequeno, e criança quando mama só pode andar com a mãe. E ele chorava muito aí me atrapalhava”.

Além do fato de cuidar da criança, o que impedia seu trabalho, Anita fala sobre o desafio de trabalhar com o EJA e da falta de condições para o trabalho, de está sempre procurando novas atividades e incentivo dos alunos em romper o cansaço, todas as dificuldades. Nessas condições a turma de Anita não tem êxito e ela para de dar aulas. E afirma ser este motivo pelo qual não tenha sido mais convidada para dar aulas e ou não tenha seguido a carreira de militância, isso digamos tenha causado uma decepção para a coordenação que a acompanhava. Ao fim, avalia que esses acontecimentos se tornaram empecilhos para seu ingresso nas atividades de militância e até mesmo de acesso a oportunidades oferecidas pelo movimento como cursos de graduação ou capacitação.

O relato de Anita com suas reticências me fez perceber que embora ela tenha a vontade de participar, de ir para as reuniões, ela precisava criar o filho. Assim esperava que dentro do movimento fosse compreendida. As entrelinhas da suas falas, as observações nas assembleias e reuniões demonstram suas tentativas e investimentos para a inserção no movimento, essas ações transparecem sua vontade de se inserir na luta, e as atividades do movimento a encanta. No entanto, são as exigências, as cobranças, a dedicação, a doação ao movimento que lhe incomoda, e se tornam um empecilho para a conquista de um espaço, uma vez que ela precisa ter condições para criar o filho, e esperava que o movimento lhe proporcionasse esses espaços.

As falas de Anita apontam certas queixas quanto ao movimento, são sentimentos contrários à organização, embora em outros momentos realize o que dentro do MST é apresentado como autocrítica, se culpabiliza por não conseguir alcançar o ideal militante. Suas falas descortinam as dificuldades da construção do militante, encontradas tanto pelo movimento, quanto pelo próprio indivíduo.

As narrativas acima demonstram a importância do ser militante, de fazer parte de uma categoria que é a responsável pelo caminhar do movimento. Demonstram que ser



indicado para um curso de militância e ou depois para um a cargo de dirigente pode ser muito mais que um sonho, ou reconhecimento do seu trabalho. O convite para participar das atividades do movimento pode ser pensado como uma possibilidade de acesso a cursos de formação, acesso ao ensino superior entre outras. O que por um lado significa o acesso ao saber, apontado pelo MST como a principal forma de transformação social, compor o quadro de profissionais que atuam nos assentamentos, contribuindo na organização do movimento, mas tendo um retorno individual que além do reconhecimento social de seu trabalho, ter retorno individual através de outra fonte de renda, através da prestação de serviços.

Para Silva C. (2004) o MST vem construindo seus discursos e suas práticas a fim de construir sujeitos militantes que sejam capazes de dedicar-se, doar-se pela causa coletiva. Dessa forma, os cursos de capacitação têm por objetivo atingir todos os militantes e desenvolver todos os aspectos da pessoa humana, orientar o comportamento do militante baseado em valores como solidariedade, responsabilidade, disciplina consciente, entre outros (MST. 2001). E ir construindo dentro do movimento certa hierarquia entre a massa e militantes, o que parece atribuir a esta última uma educação mais elevada que possibilita o desenvolvimento de uma consciência política.

Nesse sentido, atravessam o corpo social e político do MST as divisões representadas pela base, militantes e lideranças, as quais denotam uma diferença quanto ao grau de envolvimento, função exercida e a formação de cada um. São por entre essas categorias que circulam as prescrições, as disciplinas, as metas a serem alcançadas. E nesse universo que se pretende a construção de sujeito “novo” e ao que parece é a criação de um sujeito universal: o militante. (SILVA, C., 2004).

É preciso, então, ir além desse sujeito único que se quer construir é preciso pensar que os indivíduos que compõem o MST “são sujeitos de desejo, capazes de exercícios de liberdades e não apenas encerrados em limites cujas fronteiras os encarceram como sujeitadas”. Além da luta pela a transformação da sociedade, objetivo do MST, tem questões subjetivas almejadas por cada pessoa, assim o que significa pra alguém que não teve acesso à escola, ter a possibilidade de um estar na Universidade? Ter uma casa, de poder comprar roupas novas, ter uma terra pra plantar, entre outros. Apontando que “as lutas não são apenas econômicas ou políticas, também não são de todo ideológicas, elas são, antes de tudo, particulares, afetivas e, assim, contraditórias”. (SILVA, C. 2004: 50).

Essas questões são endossadas a partir das narrativas acima, Ernesto, Simone e Olga são militantes e trazem de forma heróica, a construção do ser militante e assumem o discurso da luta do movimento. Anita demonstra as frestas nesse processo, as resistências, outras dificuldades. Que mesmo diante dos esforços do MST em construir em cada assentado o desejo da militância, estes sujeitos vão forjando novas subjetividades, sentimentos e objetivos que perpassam as distinções de gênero, geração e etnia. É preciso então olhar os assentamentos e acampamentos como constituídos dessa multiplicidade de sujeitos e subjetividades.

### **3.4 – Projetos de vida em construção... “um novo homem e uma nova mulher”...**

Na tentativa de construir o sujeito militante está o ensaio da construção de “um novo homem e uma nova mulher” que subjetivamente vão sendo delineados como aqueles que pensem coletivamente (SILVA, C., 2004). Nesse sentido, algumas questões pinceladas nos itens anteriores inquietam e sugerem quanto às relações afetivas: namoros e casamentos, como estão sendo vividos?

Diante dessas questões, os dias no assentamento se tornaram tentativas de refletir sobre essas questões. Aos poucos fui tendo contato com alguns casais. Ao realizar entrevistas, as dificuldades e as resistências em lidar com esse tema emergiam. Quando éramos apresentados e relatados o que pretendíamos pesquisar, sempre pairava uma dúvida ou receio quanto às relações de gênero. Assim, as entrevistas demoraram a acontecer, era preciso paciência, insistência, sobretudo quando se tratava dos homens<sup>62</sup>. Quando as perguntas sugeriam falar sobre questões afetivas, sobre a organização familiar, sobre as formas de pensar relação, apareciam as reticências, os risos, os silêncios ou falas que tentavam aproximar de um ideal do movimento de uma relação de iguais, de solidariedade, e compreensão, de coletividade nas decisões familiares e nas atividades domésticas. E sempre encontravam uma linha de fuga, e se começava falar de forma mais geral.

Foram nesses momentos que percebi algumas frestas entre um ideal a ser construído e falado, contrastando com o vivido. As observações sugeriram que o casal ideal é aquele formado por militantes. Pois esses sujeitos podem se compreender melhor.

---

<sup>62</sup> Relembro da resistência de um assentado que, embora tenhamos conversado em outros momentos, não consegui realizar a entrevista, aliás, quando pedir para marcar entrevista este passou a me evitar. Não questiono o direito dele não querer falar sobre si, sua vida, mas talvez o tema ainda seja estranho, questionável, envolve subjetividades que por sua vez não são imensuráveis. E se fosse outra temática, outro o objetivo?

Pois na fala de Ernesto e Francisco (ex-presidente da APROCPAR), estar casado com mulheres também militantes, contribui para serem compreendidos na sua atividade de militante, por elas conhecerem o ritmo da militância, pois quando dos seus relacionamentos anteriores isso parecia um problema.

As narrativas femininas dão conta então dos caminhos a serem percorridos. Olga se preocupa com ausência do pai na educação da filha. Avalia que ela muitas vezes é quem procura discutir o relacionamento, a participação de cada um no cuidado com a criança. Durante as entrevista com Olga e Ernesto pude perceber essas tentativas. Ernesto durante sua entrevista procura expor ao máximo seu empenho quanto ao cuidado da menina e da casa, e da importância dessas questões para a construção de novas relações de gênero. No entanto, quando realizei a entrevista com Olga no final da tarde, parecia que havia tomado pra si o cuidado da filha neste momento. Mas ao fazê-la dormir, saiu e a deixou deitada numa rede, a mãe de Olga ao ver a neta, alerta que a menina poderia cair da rede. Nesse momento o olhar de Olga em direção da saída de Ernesto, aponta que esse processo de construção do novo é complexo há muito, a ser percorrido.

Quanto às militantes mães, pesam ainda o cuidado dos filhos, a sua presença ainda é mais requisitada que o pai, assim me parece muito mais exigida, e mais complexa sua atuação. Apresento duas situações a primeira: Simone, mãe de quatro filhos. Expõe que a parte mais difícil é não participar do crescimento dos filhos, das constantes separações em função de suas atividades de militante.

não é fácil, né, o... de vários momentos tu abdicar de acompanhar os teus filhos no momento em que eles estudam, né, no momento que eles estão crescendo, que eles estão descobrindo coisas, tão aprendendo, e tu não pode ta no dia-a-dia deles. É das, das situações mais difícil que ainda não consegui conviver, eu me martirizo às vezes quando eu tenho que, tenho que sair. Saio quase chorando...

Nessa linha, traz o relato ainda da dificuldade da construção de um relacionamento em que ela tivesse a possibilidade de sair. E demonstra que aos poucos o marido que antes estava nas atividades de militância abriu mão pra ficar cuidando do lote e acompanhar os filhos entre outros. No entanto, esse casal que aparentemente traz uma inversão do que se pensa sobre os casais com seus papéis definidos, tem suas frestas. O cuidado com as crianças pequenas, quando Simone viajava ficava ao encargo de sua mãe, não do esposo/pai. Agora, que elas passam o dia em casa aos cuidados da empregada, e os

cuidados da avó que sempre está por perto, enquanto o pai trabalha na roça e somente a noite assume o cuidado direto dos filhos.

A narrativa de Olga, também demonstra as peculiaridades do ser mãe e militante. Destaca que foram várias as mudanças em sua vida. Inicialmente, pensaram no lugar para morar. A escolha do Assentamento se deu em função dos familiares, a rede familiar é ativada enquanto apoio na constituição da família e no cuidado com a gravidez e a criança. Depois, o cuidado com a filha, diminuiu a intensidade da participação nas atividades. Embora Ernesto tente participar do cuidado com a filha, as mudanças foram poucas, apenas uma preocupação com o futuro da filha a ser pensada antes de tomar qualquer decisão. Para os dois, o que tem facilitado nessa relação é a condição de membros das mesmas instancias do movimento, o que possibilita estarem mais próximo e dividirem o cuidado com a filha. A fala de Olga demonstra essas questões.

[...] aí nós temos esses espaço pra ficá junto [...] é difícil assim porque as vezes a gente comenta muito, eu puxo muito isso, Iácia é pequena mas ela precisa também né?! a convivência com os dois, criança é pequenininha mas já sente falta né?! e as vezes é muito ruim, e nem sempre por outro lado as vezes é difícil pra todo lugar tem que levá e também as vezes judeia com a criança, que nem sempre, o espaço de reunião é as vezes estressante é pra criança não é um espaço adequado pra criança, assim por um lado é muito bom né?! por outro é difícil conciliar assim as várias dificuldade que tu tem eu parei muito muita coisa que eu fazia, até eu brincava eu era pau pra toda obra agora é pau pra meia obra.....

A narrativa apresenta cuidado com a filha e lugar que ela tomou na vida dos dois. Demonstra que na vida de Olga essa mudança foi brusca, por mais que ela não tenha deixado de ser liderança, militante, sente impedimentos em função do bem estar da criança. A diferença nas alterações na vida de Olga era observável, nas atividades no assentamento ela estava com a filha sozinha, durante o tempo de campo não presenciei nenhum momento em que o pai tivesse esse cuidado. Assim como na maioria das assembléias, em que sempre estava presente toda a família, o cuidado com as crianças em sua maioria era realizado pelas mães.

Percebe-se que embora tenha se avançado dentro do movimento sobre as discussões das relações de gênero, das tentativas de rompimento com os valores capitalistas, ainda é perceptível a naturalização de algumas relações das funções e obrigações dos sujeitos, do ser pai e do ser mãe. Embora os investimentos nas mudanças nas relações de gênero tenham de certa forma tido espaço nas propostas de transformações da sociedade proposto

pelo MST. Infelizmente, ainda são unilaterais direcionados às mulheres<sup>63</sup>. Ainda se fala do gênero sob as oposições binárias (feminino (“mãe”, “terra”, “privado”) – masculino (“trabalho”, “público”)), que ainda são presas a valores hierárquicos, que encerram os sujeitos em papéis a serem desempenhados, pode não provocar muitas alterações, e não ameaça as ordens que ainda reprimem e oprimem as mulheres, e encerram as múltiplas possibilidades de ser homens e mulheres, necessários para a construção do “novo” tão almejado dentro do movimento. (SILVA, C., 2004).

As narrativas demonstram a presença do discurso dos idealizadores do MST, que tem procurado incorporar nas suas discussões e formações as possibilidades de transformação nas relações de gênero, propondo mulheres e homens ideais que pensem e ajam coletivamente. No entanto, percebemos que às mulheres, muitas vezes, cabem a função de uma supermulher (mãe, esposa, militante...), ora se privilegia aquela que deixa filhos e maridos em favor da militância, ora possibilita um privilégio àquela que consegue realizar a militância sem abrir mão de nada disso. (SILVA, C., 2004). E então, a resistência de muitas mulheres não seja à igualdade de gênero, do direito à participação, mas resistir à sobreposição de responsabilidades e trabalho, uma vez que muitas vezes o cuidado da família não é considerado como uma atividade do coletivo, e ainda, muitas vezes, destinadas apenas às mulheres. Ainda há muito caminho a percorrer na construção do “novo”, e embora diante de todo o investimento, os sujeitos que compõem o MST vão seguir caminhando, sujeitando, escapando, manipulando e construindo outros os caminhos.

### **3.5 – Algumas impressões e controvérsias**

Talvez haja quem diga que a luta pela terra aqui no sudeste do Pará seja feita apenas pelos homens, eu diria que essa é uma afirmativa que não condiz com a realidade. Pois não precisei escavar toda a Palmares para encontrar histórias em que mulheres foram protagonistas na escolha de ir à luta pelo pedaço de terra, e que foram fundamentais nessa luta, acreditaram quando muitos diziam o contrário. Foi necessário apenas o desejo de um

---

<sup>63</sup> Para Silva, C. (2004) é possível acompanhar em documentos e relatórios das reuniões do MST desde a década de 1980 que este vinha discutindo em alguns momentos, com organizar o trabalho com as mulheres. Os cadernos de formação também começaram a incluir essas discussões. No entanto a formalização de um setor só foi possível a partir de 1995 quando é criado o Coletivo Nacional de Mulheres do MST, o que possibilitou uma reflexão mais teórica sobre a questão das mulheres, e aos poucos incorporando a palavra gênero nos discursos e materiais produzidos agora em maior número. Essas questões levaram a partir de fevereiro de 2000 a alteração para um Coletivo Nacional de Gênero do MST.

outro olhar, um olhar que percebesse outras nuances dessas lutas. Ainda que me dissessem, as mulheres daqui restringem-se apenas à cozinha e não participam da lutas, as histórias que ouvi me levariam a perguntar: como se define o que é participar da luta, por acaso, quem cuida das crianças, faz a comida, cuida dos porcos e das galinhas seria insignificante nessa luta?<sup>64</sup>

De acordo com Silva, C. (2004) a efetiva participação das mulheres nas lutas cotidianas travadas dentro e fora do MST denota questões que vão além da retórica, pois a todo o momento ela é vivida, posta em prática, as mulheres dimensionam suas devidas contribuições, não como exceções ou casos isolados, mas como práticas costumeiras. Seja tomando a frente em confrontos a fim de protegerem os “homens do movimento”, trabalhando na produção, cuidando dos filhos e da casa, enquanto os maridos estão envolvidos nas mobilizações. Envolvendo-se nas questões políticas das comunidades em que vivem. E nessa ótica, o que parece ser pequeno não é a participação das mulheres no movimento, mas sim os investimentos na construção dessa participação enquanto importante e significativa.

É preciso que se visualize todos os aspectos dessa trama, que se tenha a capacidade de questionar todas as definições das funções que são destinadas a cada ser humano pela nossa cultura, que possuem sua base nas diferenças sexuais, o que impede que homens e mulheres se comportem como desejam. Como indica Mead (1988: 303):

Se quisermos alcançar uma cultura mais rica em valores contrastantes, cumpre reconhecer toda a gama das potencialidades humanas e tecer assim uma estrutura social menos arbitrária, na qual cada dote humano diferente encontrará um lugar adequado.

Talvez seja este um dos objetivos de um movimento que prima pela igualdade social, ele deve construir meios que permitam que homens e mulheres desenvolvam seus dons, independente da condição de ser homem ou mulher, a qual lhe é destinado uma forma de comportamento e de ação. Sendo assim, mulheres e homens possam se sentir livres e em condição de fazer aquilo que os realize enquanto ser humano, seja cuidando dos filhos, da produção, da saúde, da organização política e etc.

---

<sup>64</sup> Rúa & Abamovay (2000), a partir de pesquisa em assentamentos rurais brasileiro, implantados entre 1995 e 1998, analisa as relações sociais de gênero, o que possibilita visualizar a presença e a participação das mulheres no processo de conquistas dos assentamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho ao possibilitar uma observação das trajetórias dos assentados e das assentadas do Palmares II, demonstrou que estas são marcadas por deslocamentos, como a história de vida dos camponeses e das camponesas da região sul e sudeste do Pará, evidenciando uma vida marcada por mudança, de lugar, de relações, de atividades (VIEIRA, apud SANTIAGO, 2006).

A imagem do acampamento, as lembranças de um momento de resistência e sonhos, sempre em destaque nas falas, demonstra o significado, que a vida durante o acampamento e a participação neste momento histórico do Assentamento Palmares, está presente na construção de uma memória de luta pela terra.

Foi possível perceber nas narrativas, a marca das dificuldades de sobrevivência e uma ênfase numa atuação durante o processo de *conquista* da terra. E que os sujeitos desta conquista estão construindo seus projetos a partir da memória, de luta pela vida e pela terra, com o desejo de construir um espaço que garanta “viver dignamente”. Assim suas narrativas estão sempre permeadas pela organização política e produtiva do Assentamento, bem como das discussões mais gerais do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

A abordagem antropológica e na ótica do gênero permitiu visualizar outras faces da luta pela terra nessa região, outros caminhos percorridos, outras histórias de conquistas, que juntamente com muitas outras compõe o assentamento Palmares II. Enfrentamentos, sonhos reconstruídos, subjetividades que se expressam, outras que ainda vão sendo construídas entre os contornos das propostas do MST, propostas de construção de uma nova sociedade e, por conseguinte de um “novo homem” e “uma nova mulher” que ainda são permeadas pelos velhos modelos sociais, conflitos, sonhos, desejos. Ainda é preciso compreender, o caminho continua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABE, Marlene Naoyo. Mártires de Abril: o MST semeando a utopia camponesa, dissertação de mestrado, Belém: UFPA – Centro Agropecuário / EMBRAPA – Amazônia Oriental, 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Carajás: a guerra dos mapas. 2a ed. Belém: Seminário Consulta 1995.
- ALMEIDA, R. H. Araguaia-Tocantins: fios de uma História Camponesa. Marabá: Fórum Carajás, 2006.
- ARAÚJO, Roberto; SHIAVONI, Gabriela. A ilusão genealógica: parentesco e localidade na fronteira agrária da Amazônia. IN: ALBALADEJO, Christophe; VEIGA, Iran (orgs.). Agricultura Familiar: pesquisa formação e desenvolvimento. Vol. 1 n.º 2 (2000). Belém: UFPA/CA/NEAF, 2000.
- ATAIDE, JÚNIOR, Wilson Rodrigues. Os direitos humanos e a questão agrária no Brasil: a situação do sudeste do Pará. Brasília: EdUNB, 2006.
- BRENNEISEN, Eliane. Da Luta pela terra à luta pela vida: entre fragmentos do presente e as perspectivas do futuro. São Paulo: Annablume, 2004.
- BRELAZ, Walmir Moura. Os sobreviventes do massacre de Eldorado dos Carajás: um caso de violação do princípio da dignidade da pessoa humana. Belém: [s.n.], 2006.
- CARNEIRO, Maria José. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. In: Estudos Sociedade e Agricultura, 2, junho (1994). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRRJ/CHS/DDAS
- CASTELLS, Alícia Norma Gonzáles de. A ritualização dos valores do MST. In: VENDRAMINI, Célia Regina (org) Educação em Movimento na Luta pela Terra. Florianópolis: NUP/CED, 2002.
- DAMATA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter *anthopological blue*. In: A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1978: (23-35).
- EMMI, Maria Ferreira. A oligarquia do Tocantins e o domínio dos Castanhais. Belém: UFPA/NAEA, 1999.
- FONSECA, Isabel Costa da. Estratégias de Comunicação do MST para se inserir na esfera pública. Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação ano 1 n. 1 - maio 2006
- FRANÇA, Caio Galvão de. Prefácio. In LEITE, Sergio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde (et al.) Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro. São Paulo: UNESP, 2004. ( Estudos NEAD, n.º 6).



GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

\_\_\_\_\_. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

\_\_\_\_\_. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro:Zahar,2001.

\_\_\_\_\_. Obras e Vidas: o antropólogo como autor. 2.ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2005.

GUATTARI, Felix, ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: vozes, 1999.

HALBWACHS, Maurice, A Memória Coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HEBETTE, Jean. Reprodução Social e Participação Política na Fronteira Agrícola Paraense: o caso da Transamazônica. In. \_\_\_\_\_, MAGALHAES, Sonia B. e MANESCHY, Maria Cristina. (orgs.). No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará. Belém: EDUFPA, 2002.

HEBETTE, Jean. Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2004.

INTINI, João Marcelo. Luzes e Sombras, Negociação e diálogo no sul e sudeste do Estado do Pará: um estudo sobre as políticas públicas para reforma agrária e agricultura familiar. Dissertação de mestrado, MAFDS/UFPA. Belém , 2004.

KOFES, Suely. Categorias analítica e empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações”. In: Cadernos de Pagu, n.1, São Paulo: UNICAMP, 1993.

KUSCHICK, Christa Liselote Berger. Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais. As relações entre o movimento Sem Terra e a Zero Hora, (tese de doutorado). São Paulo: USP, 1996.

MACEDO, Marinete Silva. Saber Local: Um estudo sobre Medicina Popular. In: LATERNA. Marabá, Núcleo de Estudos da Linguagem Araguaia – Tocantins/ UFPA, Vol. 1, jul.2006. (99-111).

MALINOWSKI, Bronislaw. A vida sexual dos selvagens. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza. Os Camponeses e a Política no Brasil – as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINS, José de Souza. Impasses sociais e políticos em relação à reforma agrária e à agricultura no Brasil. In.Seminário Interno da FAO, Santiago do Chile, 2001.

MEAD, Margared. *Sexo e Temperamento*. 3 ed. São Paulo, Perspectiva, 1988.

MEDEIROS, Evandro e RIBEIRO, Beatriz. “Articulação de tempos-espacos saberes na proposta de formação de jovens camponeses no sudeste do Pará.” In: *Cadernos de Textos pedagógicos: Educação do Campo*. Marabá. 2006

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. *Movimentos Sociais, disputas políticas e reforma agrária de mercado no Brasil*. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ e UNRISD, 2002.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Secretaria Nacional do. *Construindo o caminho*. São Paulo: MST, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever” In: *Revista de antropologia*. São Paulo, USP/ Depto. de Antropologia, Vol. 39 n.º 1, 1996. (13-37).

PEDRO, Joana Maria. “Prefácio” In. SILVA , C. B. *Mulheres e homens em movimento: Relações de Gênero e Subjetividades no MST*. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro. RJ: Relume Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza G.S. *Os Antropólogos E Suas Linhagens (A Procura de Um Diálogo Com Fábio Wanderley Reys)*. Brasília Série, Antropologia. 1990

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silencio*. In *Estudos Históricas*, Vol.5, Rio de Janeiro, vol. 2. 1989.

RUA, Maria das Graças. ABRAMOVAY, Miriam. *Companheiras de lutas ou “coordenadoras de painelas”? As relações de gênero nos assentamentos rurais*. Brasília: UNESCO, 2000.

SARAIVA, Luis Júnior Costa. *Mulheres em Trânsito*. Dissertação de Mestrado, UFPA, Belém, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais*. São Paulo: edições Loyola, 1996.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Vol.6, Nº 2, jul./dez 1990.

SILVA, Cristiane Bereta. *Mulheres e homens em movimento: Relações de Gênero e Subjetividades no MST*. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

SILVA, Kecieni Nunes; SOUSA, Wellington de Lima. *A Construção da Memória a partir da Luta pela Terra (MST /Sudeste do Pará)*. In: *V Encontro de Historia Oral Nordeste*. São Luis: UEMA, 2005.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: UNESP, 2004.

SILVA, Marizete Fonseca da; MENEZES, Alcione Sousa de. Projeto memória social da educação do campo. A trajetória do PRONERA no sudeste do Pará. In: V Encontro de História Ora Nordeste. São Luis: UEMA, 2005.

SOUZA, Maria Antonia. Assentamentos rurais, cidadania e educação: Projetos, possibilidades e desafios. In: VENDRAMINI, Célia Regina (org) Educação em Movimento na Luta pela Terra. Florianópolis: NUP/CED, 2000.

SUAREZ, Mireya. “A problematização das diferenças de gênero e Antropologia”. In AGUIAR, Neuma (org) Gênero e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

VEIGA, José Eli. O que é Reforma Agrária. São Paulo: Brasiliense 1998

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VELHO, Otávio Guilherme. Frentes de Expansão e Estrutura Agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

SANTIAGO, Idelma da Silva. Migração e cultura no sudeste do Pará: Marabá (1968-1988). Goiânia: 2006, Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História FCHF/UFG, Goiânia: 2006.

## **DOCUMENTOS**

BRITO, Jouse Mayara. Memória: Algo a ser Lembrado e refletido, como ponto de partida à vida. (Memorial do PRONERA). Marabá: UFPA, 2004.

LUZ, Sirlene Ferraz da. Memorial: Vida em Movimento, Movimento em Vida. (Memorial do PRONERA). Marabá: UFPA, 2004.

NUNES, Cleudemar de Oliveira. “Memórias da trajetória de Vida de uma Educadora do Campo”. (Memorial do PRONERA). Marabá: UFPA, 2004.

SILVA, Maria Costa da. De Rainha do Lar a lutadora do Povo. (Memorial do PRONERA). Marabá: UFPA, 2004.